

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA PAULA ROTH

DA PROIBIÇÃO À DESVALORIZAÇÃO: O ESPORTE FEMININO NO BRASIL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Paulo

2022

ANA PAULA ROTH

DA PROIBIÇÃO À DESVALORIZAÇÃO: O ESPORTE FEMININO NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, a sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Dancham Simões

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho foi algo extremamente rico para minha formação profissional, trazendo diversos aprendizados, críticas e reflexões. A elaboração deste estudo foi repleta de desafios e dificuldades, e envolveram o apoio de diversas pessoas a quem gostaria de agradecer neste espaço.

Primeiramente, agradeço à minha família, em específico aos meus pais e irmã, que desde cedo me mostraram a importância de praticar esportes, para além do bem estar físico, e me proporcionaram a oportunidade de chegar nessa etapa com um olhar crítico sobre a vida. Ainda mais, foram eles quem acompanharam todas as conquistas, dificuldades e diversos momentos que esse projeto, assim como outros, tiveram. Obrigada por estarem comigo a cada conquista!

Às amigas, feitas ao longo desses anos de graduação, nas quadras e as que acompanham desde outros momentos, obrigada por estarem sempre por perto e por fazerem esse processo ser mais leve.

Um agradecimento especial à Macris, que acreditou no meu projeto desde o começo de 2021 e me guiou nessa jornada, sempre com um olhar crítico, acolhedor e que me deu muita liberdade para fazer um trabalho que acreditasse no que estava escrevendo.

É preciso também agradecer às diversas pessoas que se debruçaram sobre as temáticas que foram estudadas. Ao longo dessa pesquisa, talvez não de maneira proposital, foram valorizadas autoras, de modo a dar mais visibilidade às mulheres que ainda são minimizadas no contexto acadêmico.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer às atletas que me concederam entrevistas. Obrigada por darem corpo ao conteúdo e mostrarem o quanto o esporte feminino ainda precisa ter o seu devido valor. Obrigada por lutarem constantemente e não desistirem do modelo de esporte feminino que acreditam! Obrigada também às atletas que vieram antes dessa e que conseguiram, mesmo que gradualmente, ir construindo uma história de luta, resistência e valorização, não apenas das atletas, mas também de mulheres.

Obrigada por todos(as) que acreditaram em mim, as vezes mais que eu, para que esse trabalho fizesse jus à temática, questões envolvidas e seus desdobramentos.

RESUMO

ROTH, Ana Paula. **Da proibição à desvalorização**: o esporte feminino no Brasil. TCC – Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021.

Essa pesquisa buscou compreender, a partir das próprias protagonistas, o que é ser atleta mulher no Brasil, país em que o esporte feminino é desvalorizado. O esporte é um fenômeno social de grande impacto na sociedade contemporânea, e assim, é preciso entender como ele afeta os membros desta. Fenômenos sociais são construções coletivas, historicamente situadas e culturalmente contingentes, sendo uma maneira de perpetuar valores e ideais. No Brasil, assim como ocorreu em escala global, o incentivo e fomento ao esporte não se deu de maneira igual para homens e mulheres, tendo consequências até a atualidade. Ora o esporte feminino foi permitido, mas apenas em determinadas modalidades ou de formas específicas, ora proibido, tendo até legislações que restringiam a prática feminina. Assim, para atingir os objetivos pleiteados, foram feitas entrevistas semidirigidas com cinco atletas, maiores de 18 anos, de modalidades coletivas que foram proibidas no Brasil entre 1941 e 1979, e que atuam nesse país, a fim de compreender a realidade atual das atletas nesse fenômeno e os possíveis desdobramentos da desvalorização do esporte em suas subjetividades. Observou-se como o esporte é um importante fenômeno social da contemporaneidade e também as reverberações que a proibição gerou nas gerações seguintes, como invisibilidade, desvalorização e desinvestimento.

Palavras-chave: Psicologia Social do Esporte; Esporte feminino; Brasil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	MÉTODO	16
2.1	Procedimentos de coleta de dados	16
2.1.1	As modalidades entrevistadas	18
2.2	Procedimentos de análise de dados	19
2.2.1	Pré-análise	20
2.2.2	Exploração do material.....	20
2.2.3	Tratamento dos resultados.....	21
3	O FENÔMENO ESPORTIVO	22
3.1	Conceituação de fenômeno social	22
3.2	O esporte como fenômeno social	23
3.2.1	As transformações do fenômeno esportivo: esporte moderno, esporte contemporâneo e esporte espetáculo.....	23
3.3	As manifestações esportivas	27
3.3.1	O esporte de alto rendimento	29
4	PSICOLOGIA DO ESPORTE, PISCOLOGIA E ESPORTE?	33
4.1	O que é Psicologia do Esporte?	33
4.1.1	Psicologia Social do Esporte	36
4.2	Psicologia e esporte	36
5	O ESPORTE FEMININO	39
5.1	O esporte feminino no Brasil	44
6	A ATLETA: RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ESPORTE	51
6.1	O papel da mulher na História	51
6.2	As alterações do termo gênero	52
6.3	Os papéis de gênero na sociedade	55
6.4	Ser mulher no esporte	57
6.5	O atleta ou a atleta?	61
6.6	O papel da Psicologia	62
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO	66
7.1	O cenário brasileiro	66
7.1.1	O esporte como reflexo da sociedade	66

7.1.2	Regionalismo	67
7.1.3	Pandemia	69
7.1.4	Paralelo com outros países	71
7.2	Condições de prática	73
7.2.1	Rotina de treinos	73
7.2.2	Estrutura física	75
7.2.3	Custos envolvidos e relação com investimentos.....	76
7.2.4	Competições	78
7.3	(In)visibilidades no esporte feminino	80
7.4	O trabalho mental das atletas.....	82
7.4.1	Mecanismos/ estratégias defensivas	84
7.5	Proibição.....	86
7.6	Ser atleta	90
7.6.1	A entrada na modalidade	90
7.6.2	Desenvolvimento e permanência: o sentido do esporte para as atletas ..	92
7.6.3	Atleta de esporte coletivo	99
7.7	O futuro do esporte	101
7.7.1	A importância do incentivo desde cedo: categorias de base e projetos sociais	102
7.7.2	As lutas	105
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS.....	110
	APÊNDICE 1 – QUADRO COM AS CATEGORIAS	119

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país no qual a distribuição entre homens e mulheres na população é parecida: 48,2% homens e 51,8% mulheres (IBGE, 2021). Apesar das mulheres serem a maioria no território, ao analisar a relação entre a prática esportiva e gênero, as disparidades são significativas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre as práticas de esporte e atividades físicas em 2015 (IBGE, 2017):

No Brasil, 38,8 milhões de pessoas de 15 anos ou mais de idade praticaram algum esporte, independentemente de terem ou não praticado atividade física, no período de referência, o que representou 24,0% da população investigada. [...] Dos praticantes de esporte, 24,5 milhões eram homens (63,2%), e 14,3 milhões, mulheres (36,8%). (IBGE, 2017, p. 29)

Ao explorar a ausência de prática esportiva e atividades físicas no período de coleta de dados da pesquisa, os resultados são mais alarmantes: das 123 milhões de pessoas que alegaram não terem praticado, 83,1% eram mulheres de 15 anos ou mais. Destaca-se que ao retratar as práticas esportivas, há uma diversidade de maneiras que elas podem ocorrer, como as práticas para atividade física e lazer, a iniciação esportiva (podendo ser o primeiro contato com a modalidade), a reabilitação, a inclusão social e o alto rendimento (MARQUES et al., 2007; RUBIO; CAMILO, 2019).

É importante questionar o porquê dessa diferença do número de praticantes ou não de atividades físicas entre homens e mulheres. O Diagnóstico Nacional do Esporte de 2013 (BRASIL, 2013b) destacou alguns aspectos que responderiam esta questão, como: (1) a falta de tempo, tendo que priorizar outras coisas, como estudo, trabalho e família; (2) a dificuldade de acesso a instalações esportivas; (3) o custo envolvido nos esportes; (4) questões de saúde; (5) idade; (6) preguiça, desinteresse e desmotivação; e (7) não gostar de esportes e/ou competição. Para além dos pontos destacados, a inclusão das mulheres de modo indiscriminado nas diversas práticas esportivas também corrobora para a discrepância de gênero neste meio, e isso deve ser visto com cautela, pois as consequências desse processo histórico reverberam na contemporaneidade.

Os estudos de Santos e Faggiani (2020), Rubio (2021) e Goellner (2005) ajudam a compreender como a participação feminina nos esportes foi algo que oscilou ao longo da História, não só no Brasil, mas em escala global. Na Grécia Antiga, as

mulheres não eram permitidas de participar dos Festivais Helênicos, competições quadrienais esportivas, visto que era difícil o acesso ao local que as competições ocorriam e esse percurso poderia afetar o seu corpo, ou seja, sua capacidade de procriar. Ainda mais, por não serem consideradas cidadãs, eram automaticamente excluídas do evento. No Império Romano, as mulheres podiam praticar alguns esportes, pois isso auxiliaria na sua função de reprodução.

Durante a Idade Média a prática de certas modalidades foi permitida, mas com ressalvas sobre a carga e esforço que as praticantes podiam fazer. Com o decorrer dos séculos, o domínio da mentalidade médica reforçou o papel social da mulher atrelado à maternidade, que ora fez com que as práticas esportivas fossem proibidas, ora incentivadas, pois mulheres saudáveis gerariam filhos saudáveis (BUTLER, 2020; SANTOS; FAGGIANI, 2020).

Somente no século XX ocorreu um aumento da luta por uma maior participação no cenário esportivo, acompanhado também pela busca de mais espaços para as mulheres na vida pública (SANTOS; FAGGIANI, 2020). Para ilustrar, no mesmo ano em que as mulheres adquiriram o direito ao voto no Brasil, 1932, ocorreu a participação da primeira atleta brasileira – e latino-americana – em uma Olimpíada: Maria Lenk (RUBIO, 2021). Nas palavras de Rubio (2021): “Isso demonstra que as conquistas no campo esportivo seguem proximamente os avanços (e recuos) sociais, o que faz do esporte uma tela para projeção das tensões vividas em diferentes campos” (p. 16).

Muitas vezes a exclusão das esportistas era normalizada, pois essa segregação corroborava com o arcabouço de valores constituídos pelos detentores de poder – os homens – fazendo com que o esporte fosse mais um dentre os diversos espaços os quais eram limitados para elas na sociedade. Por exemplo, o desenvolvimento do esporte como algo regrado e padronizado ocorreu na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, pautado nos ideais da aristocracia desse país (MARQUES et al., 2007). Neste cenário, os jogos eram um modo de preservar o poder, contemplando a competitividade masculina e demonstrando, através do esporte, aspectos associados à política, como força, moralidade e masculinidade (SANTOS; FAGGIANI, 2020). As mulheres, por serem distanciadas da esfera política e consideradas socialmente submissas aos homens, acabam não tendo espaço dentro do esporte, pelo menos nesse período.

Todavia, no Brasil a exclusão também ocorreu de maneira mais explícita, ao passo que havia, entre 1941 e 1979, o Decreto-Lei nº 3.199 que proibia as mulheres de participarem de atividades esportivas que iam contra a “natureza feminina” (MOURA; TASCA, 2020). Em 1965, a Deliberação nº 7 explicitou as modalidades que eram proibidas desde 1941, como futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, polo, rugby, halterofilismo e beisebol (PORTAL BRASIL, 2016). Em 1979, a Deliberação nº 9 extinguiu a Deliberação nº 7, ampliando os espaços permitidos para as mulheres no contexto esportivo. Essas legislações, por mais que pouco conhecidas, impactaram o cenário esportivo, pois ainda há retrocessos na maneira que o esporte feminino é visto, valorizado e incentivado, por ter sido negligenciado durante décadas.

A partir do que foi exposto, percebe-se como o esporte é um fenômeno importante na sociedade contemporânea e que faz parte de sua constituição, estando presente em diversos períodos e culturas. Pode até ser caracterizado como um dos principais fenômenos sociais e culturais dos séculos XX e XXI, conforme debatido em Freitas (2007), Porto et al. (2018) e Rubio e Camilo (2019), sendo então alvo de discussões de autores de diversas áreas do conhecimento, como a Educação Física, Sociologia e a Psicologia.

O esporte é uma forma de catalisar as questões étnicas, de classe e de gênero, e assim, pode ser entendido como um fenômeno social (PORTO et al., 2018). Ele é palco de valores e questões que estão presentes na sociedade maior. Dito isso, do mesmo modo que há as discriminações de gênero na sociedade, o esporte, por ser um reflexo desta, também é marcado por essas condições.

Como explicitado pelos autores (CARVALHO, 1994; SAMPAIO; ANDERY, 2010) o fenômeno social é um efeito da socialização, na qual são constituídos elementos que contribuem a regulação e controle do grupo. Kafrouni (2015) acrescenta que os fenômenos sociais são constituintes da subjetividade, do mesmo modo que eles também são produzidos por sujeitos em interações.

Os fenômenos sociais impactam e são impactados pelos membros da sociedade na qual estão presentes. Ao tratarem de relações, valores e conjuntos morais são elementos importantes de sua constituição, uma vez que são aspectos que auxiliam na consolidação dos grupos e da sociedade. Os fenômenos sociais, então, são artifícios pelos quais a sociedade, e principalmente os detentores de poder,

encontraram para propagar os seus ideais e manter o controle, além de promover a integração de seus membros.

O esporte, segundo Marques et al. (2007), é uma maneira na qual a sociedade transmite seus valores para os praticantes e espectadores, seja de forma velada ou explícita. Ele é influenciado pela cultura na qual a prática ocorre, reproduzindo as estruturas sociais que nela são vigentes. Ainda mais,

O esporte é um fenômeno que se reveste de características que variam e derivam da complexidade do indivíduo praticante, pois o próprio constrói e é construído por essa relação, ou seja, o indivíduo interfere na formação e execução da prática esportiva e esta exerce influência sobre a formação do sujeito (através da transmissão de valores morais, possibilidades de relacionamento e até de adaptações físicas) (MARQUES et al., 2007, p. 233)

Almeida e De Rose Junior (2010) agregam que esse fenômeno é importante nos processos de formação e de inserção do ser humano na sociedade, sendo um meio de socialização e transmissão de ideais. Para além disso, é um meio de promoção de educação e saúde, uma maneira de expressão artística, podendo ser também palco de conflitos da sociedade.

Assim, percebe-se a necessidade de compreender este fenômeno que impacta comportamentos e modos de ser, e, pela maneira que é constituído, repercute na subjetividade do(a) praticante. Com isso, a Psicologia, com suas concepções sobre o gênero, deve contribuir para uma análise crítica dessa questão que atravessa a sociedade e gera consequências, interferindo e ditando suas relações.

A partir do debate proporcionado por Santos (2013), nota-se que o gênero acaba determinando as relações sociais e a subjetividade dos envolvidos. A identidade dos sujeitos é constituída por diversos fatores que se entrelaçam, como raça, etnia, classe social, religião, orientação/identidade sexual, gênero, entre outros. O gênero está pautado nas construções sobre o papel do homem e da mulher na sociedade, embasado em “normas e regras sociais que são impostas, internalizadas, naturalizadas e cobradas pelo discurso dominante” (SANTOS, 2013, p. 19).

Por discurso dominante, compreende-se o discurso masculino, e assim, essas construções impactam principalmente a vida das mulheres. É necessário que essas crenças naturalizadas sejam desconstruídas, para que uma real igualdade entre homens e mulheres possa prevalecer. A prática psicológica tem um papel crucial nesse processo, ao passo que esta deve assumir o compromisso social de promover discursos alternativos que questionem a ordem dominante e opressora.

O estudo e a conceituação do termo gênero permitem entender como homens e mulheres assumem comportamentos e papéis normativos culturalmente estabelecidos e desiguais em termos de poder e importância. As mulheres internalizam a sua subordinação e desvalorização com base em discursos sociais institucionalizados (nas escolas, nas empresas e organizações, nas igrejas e demais templos religiosos e mesmo dentro de casa) que trazem implicações diretas na sua constituição de sujeito.

Essa desigualdade de gênero, na nossa sociedade, se manifesta em variadas formas sutis e repercute em uma violência cotidiana e silenciosa. Aqui queremos chamar atenção tanto para a violência de gênero que está presente em diversas ações do cotidiano, por exemplo, quando incentivamos as meninas a serem delicadas e os meninos a serem agressivos, como para aquela presente nas práticas de psicólogas(os) ao fazerem uso de explicações deterministas no campo da sexualidade e nos processos de desenvolvimento. (SANTOS, 2013, p. 27)

Dentre as ações do cotidiano, pode-se ainda acrescentar as relacionadas ao cenário esportivo, já que é comum o incentivo de diferentes práticas entre os gêneros, compactuando com esses aspectos estereotipados da delicadeza e agressividade (GOELLNER, 2005). É recorrente, por exemplo, crianças pequenas serem colocadas em aulas de *ballet*, ginástica olímpica/artística ou vôlei (modalidade sem contato), se forem meninas; e no futebol, outras modalidades coletivas ou em artes marciais, se forem meninos, sem muitas vezes considerar o que os pequenos querem, apenas seguindo os estereótipos sociais, que são propagados e internalizados ao longo da vida do sujeito (MELO; GIAVANI; TRÓCCOLI, 2004). É necessário romper com esses estigmas entre os gêneros, dando a possibilidade do(a) praticante escolher o que quer fazer, sem ter medo de ser socialmente condenado.

Nogueira (2001) também faz contribuições acerca da temática. Ao longo da História, é recorrente a presença de discursos e teorias que associam a mulher ao seu papel reprodutor. Este ponto acabou embasando “todas as tentativas de compreensão e descrição da ‘natureza’ feminina” (NOGUEIRA, 2001, p. 2).

Na cultura grega, enquanto o homem era a representação da lei e ordem, a mulher era associada ao desejo e à desordem. Já na cultura judaico-cristã, a mulher é deixada à margem da sociedade, esta que se consolida cada vez mais androcêntrica ao longo da Idade Média. Durante o Iluminismo, acreditava-se que as mulheres ou não tinham razão ou possuíam uma inferior, o que minimiza mais ainda a mulher na sociedade, desta vez pelo seu intelecto. O avanço do discurso médico contribuiu para a imagem do corpo feminino como sendo frágil, defeituoso e inferior ao masculino.

Se desde a Antiguidade é expressa a desigualdade, e se os mitos que a sustentam vão ser integrados na ciência moderna, a partir do século XVII e XVIII, estes vão-se recolocar nas ciências sociais e humanas que nascem no século XIX. Por isso, esta questão é central na psicologia e especificamente na psicologia social. (NOGUEIRA, 2001, p. 3-4)

O avanço do feminismo colaborou para um maior questionamento e crítica acerca do papel que era destinado às mulheres na sociedade, fazendo com que os debates sobre a noção do que é gênero se tornassem mais frequentes. O modo como este conceito é compreendido influencia no comportamento, nas instituições sociais e organizações, no trabalho, reprodução, cuidado com as crianças, educação e outras esferas da vida (HARE-MUSTIN; MARECEK, 1990a *apud* NOGUEIRA, 2001). Como é algo envolvido em diversos contextos e relações, é necessário entendê-lo e saber como repercute na sociedade, para poder intervir.

Essa dicotomia entre os papéis destinados aos homens e mulheres também pode ser vista no cenário esportivo. O corpo, principal ferramenta para as práticas esportivas, é amplamente controlado, mas este controle vai para além desse contexto de práticas, ao passo que as instituições detentoras do poder também exercem influência sobre isso, escolhendo, por exemplo, o ideal de corpo que terá visibilidade na mídia (GOELLNER, 2005). Pereira (2019) acrescenta que o modo como os corpos são controlados está interligado à um projeto político e ideológico, reforçando os valores deste. Ademais, esse corpo “carrega consigo desejos e expressões que não necessariamente se conformam aos modelos sociais estabelecidos” (PEREIRA, 2019, p. 43), o que faz necessário trazer a individualidade e subjetividade de quem está inserido e faz parte da construção da sociedade. Ainda mais,

Somado ao contexto de luta e resistência das mulheres dentro e fora do ambiente esportivo é importante observar e entender como o corpo, dentro de uma sociedade administrada por valores construídos para a manutenção de uma estrutura de poder e dominação em um objeto precioso, está inserido em uma complexa rede de análise (Goellner, 2005). Ele se apresenta com diferentes padrões e especificidades para cada esporte e faz com que o aspecto físico de força, agilidade, destreza, assim como os aspectos cognitivos e emocionais, sofra com as variações de cada processo de individuação dos sujeitos. Esse processo de individuação (objetivação/subjetivação) dos indivíduos na sociedade é um nó nessa complexa rede de relações heterogêneas (individuais e coletivas), híbridas (materiais e imateriais) que se configuram em matrizes que ao longo do tempo se solidificam como um dispositivo de saber-verdade-poder. (PEREIRA, 2019, p. 51)

O gênero é algo marcante no esporte, seja pela divisão das modalidades e estilos, pela sua inclusão histórica, ou até mesmo pela valorização que os/as atletas possuem no país. Por que nas mídias há o predomínio do esporte masculino, sendo que o feminino possui resultados importantes, como a conquista do campeonato Libertadores de 2020 (GLOBO ESPORTE, 2021), torneio importante para o futebol? Essa conquista, dentre outras, foi rapidamente esquecida nos veículos de comunicação, e a todo instante, divulga-se uma grande quantidade de informações sobre como está sendo o treino ou realidade do esporte masculino.

Por que são televisionados diversos campeonatos internacionais de esportes masculino, e os femininos, quando transmitidos, são de maneira esporádica ou apenas na reta final da competição? Por que para assistir uma modalidade feminina é necessário recorrer a outras plataformas para além dos canais de televisão, e estes sempre reprisam os jogos masculinos, como se não houvesse conteúdo para transmitir? A baixa visibilidade é alarmante, e, quando as atletas são retratadas, é comum a objetificação do corpo feminino ou a minimização do seu feito (GOELLNER, 2005).

Por que ao pensarmos na palavra atleta, o imaginário é de atleta homem? Rubio (2021) também questiona esse ponto: “Por que atleta, um substantivo feminino e não um adjetivo que qualifica um ser, precisa ter limites para ser definida como mulher enquanto os homens não?” (RUBIO, 2021, p. 13). Além disso, ao discutir sobre os significados atrelados a palavras, Santos (2013) agrega que:

O que esses vários significados acerca de um mesmo termo querem nos dizer? Que os significados atribuídos às palavras são arbitrários, “formatados” à luz da sociedade e da cultura; tratam-se, portanto, de construções sociais. (SANTOS, 2013, p. 23)

Como as condições esportivas serão as mesmas entre os e as atletas na contemporaneidade, se por 38 anos as mulheres foram impedidas de certos esportes, principalmente os coletivos? Por que mesmo depois que o Decreto-Lei foi revogado, o esporte masculino continua sendo o padrão de esporte nacional, valorizado e divulgado como a principal fonte esportiva, mesmo com conquistas importantes de atletas e equipes de modalidades femininas?

Já foi apontado que as mulheres são minoria na prática esportiva no Brasil, mas isso não tem que ser uma justificativa para desvalorizar as que se dedicam a essas atividades. Se não há a divulgação das práticas, mostrando os processos para

as competições, os resultados, conquistas e dificuldades, como esperam que o quadro seja revertido? É necessário que haja o exemplo. Do mesmo modo que um menino observa na televisão um jogador de futebol e começa a praticar para ser igual a ele, as meninas precisam de espelhos simétricos para ter essa relação com o esporte. Goellner (2005) acrescenta que pelo esporte ser um local importante de exposição dos corpos, os que são exibidos acabam educando outros corpos, assim, quais corpos são usados como modelos?

Ainda há preconceitos e estereótipos do que é ser uma atleta, e é frequente o questionamento de sua feminilidade e também de suas escolhas sexuais (GOELLNER, 2005; RUBIO, 2021). Por que uma esportista, ao fazer algo que é prazeroso para sua pessoa e até benéfico para sua saúde, precisa sempre estar reafirmando a sua identidade e feminilidade para os outros?

Cabe ressaltar que no Brasil, o fomento de práticas esportivas é lei. A Constituição de 1988, no artigo 217, indica o dever de o Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais (BRASIL, 1988). Para além da constituição, alguns estatutos garantem o direito à prática desportiva, como o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013a), do Idoso – no artigo 20 – (BRASIL, 2013c), e no da Pessoa com Deficiência – artigo 42 – (BRASIL, 2015).

O desmonte do Ministério do Esporte em 2019 agravou o incentivo e fomento ao esporte em âmbito nacional, visto que o ministério era, entre outras funções,

[...] responsável por construir uma Política Nacional de Esporte. Além de desenvolver o esporte de alto rendimento, o Ministério trabalha ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo à população brasileira o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano. (PUSSIELDI, 2018, §6)

Sem uma centralização ministerial, o esporte deixa de ser interesse do governo, apesar das contribuições que possui, para além dos resultados em competições. O incentivo de práticas esportivas não é apenas uma política de governo, representado com uma vontade específica ou ímpeto ocasional, mas sim, uma política de Estado, que liga diferentes legislações e pessoas: crianças, jovens, adultos, idosos, mulheres ou homens, pessoas com deficiência ou não, atletas e praticantes em geral, de qualquer raça e condição socioeconômica (CAMILO et al., 2020). Posto isto, será que a prática é incentivada e fomentada da mesma maneira para homens e mulheres?

Soma-se ainda que a valorização de modalidades para um gênero específico também representa uma posição política e de valores frente ao esporte.

Esses são alguns questionamentos que, junto ao aporte teórico, motivaram a propor uma pesquisa que buscou compreender o que é ser uma atleta mulher no Brasil, a partir das próprias protagonistas. A fim de concretizar essa pesquisa, foi preciso, primeiramente, aprofundar a história do esporte feminino, para poder problematizar a discrepância entre o esporte feminino e masculino no Brasil e as possíveis consequências disso, assim como alguns conceitos centrais, como fenômeno social, fenômeno esportivo e gênero, além de explorar a Psicologia do Esporte. Por intermédio das entrevistas, buscou-se apreender os sentidos do feminino no esporte e problematizar os processos de subjetivação das mulheres a partir da prática esportiva de modalidades que antes eram proibidas.

O termo atletas é amplo e pode se referir às diversas maneiras de expressão do fenômeno esportivo Tubino (2001 *apud* RAITER et al., 2012), mas foram destacadas as que atuam no alto rendimento no Brasil, uma vez que há uma maior demanda e dedicação na prática, podendo ser ou não remunerado (RUBIO; CAMILO, 2019). Além disso, esta é a categoria que deveria ser representada e ter expressão na mídia, da mesma maneira que o masculino de alto rendimento possui. Sabe-se que há diferenças em relação a valorização do esporte no cenário nacional, mas as práticas femininas precisam ter o seu real reconhecimento.

É crucial romper com os padrões e papéis sociais estabelecidos com base nos gêneros, visto que limitam as possibilidades do sujeito. Para isso, a Psicologia tem uma função nesse processo de ruptura e ampliação das possibilidades de ser. Anjos e Lima (2016) corroboram com essa questão, ao refletirem sobre a importância de os profissionais atuarem nessa luta por uma sociedade que condene cada vez menos o que é apropriado para cada pessoa.

Desse modo, revela-se a importância da emergência, no interior do discurso psicológico, de um debate mais aprofundado e politicamente crítico sobre as funções exercidas pela lógica normativa de gênero em nossa sociedade e das consequências de uma utilização acrítica dessas normas pelo discurso psicológico.

Nesse sentido, acreditamos que pesquisas que buscassem cartografar a diversidade de devires minoritários e expor a fluidez da vida, da multiplicidade de sujeitos, frente às normativas de gênero e sexualidade, constituiriam um dos modos possíveis de trazer à produção de conhecimento em psicologia maior positividade, no que tange à sua participação e compromisso social no combate ao preconceito e à discriminação. (ANJOS; LIMA, 2016, p. 54)

Assim, essa pesquisa quis dar visibilidade e voz para essas atletas que são muitas vezes marginalizadas do contexto esportivo, apesar de investirem e se dedicarem bastante. Não é dever apenas da Psicologia do Esporte analisar esse fenômeno e a complexa trama de questões envolvidas nele; deveria ser um exercício da Psicologia de modo geral, ao passo que está em destaque a relação entre o sujeito, sua subjetividade, seu contexto e as relações que atravessam, entre outros fatores.

2 MÉTODO

2.1 Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa enquadra-se no campo das pesquisas qualitativas. Este modelo incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerente aos atos, às relações e às estruturas sociais (CAVALCANTE et al., 2014). Como descrito por Godoy (1995), este tipo de pesquisa busca uma ampla compreensão do fenômeno estudado, considerando que todos os dados da realidade são importantes e devem ser estudados. Para além,

Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa “ilumina”, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. (GODOY, 1995, p. 63)

Este projeto buscou compreender o esporte feminino no Brasil a partir de quem está imerso nessa realidade. Dito isso, foi necessário dar voz e protagonismo para as pessoas que são invisibilizadas nas práticas esportivas. Segundo Rubio e Veloso (2019),

Olhar para a história das mulheres atletas reforça o caráter de protagonismo por elas exercido, porém esquecido, em virtude dos projetos políticos de um esporte dominado pelos homens. Dar visibilidade aos feitos das mulheres por meio de suas próprias narrativas permite a visibilidade de uma jornada subdivulgada. Para além do entendimento de um papel de destaque superficial, o protagonismo passa a ser interpretado como um ato político, presente na dimensão social, definida ao se caracterizar como algo novo, que inaugura outro tempo. Se em primeira instância esse protagonismo atende ao devir do desejo, seus desdobramentos são essencialmente políticos, pois entendemos que a entrada das mulheres em outras esferas da sociedade são atos transgressivos, que muitas vezes emergem das sutilezas das relações humanas e se desdobram, ecoando no campo esportivo, seja entre os atletas, entre a comissão técnica, ou até mesmo entre parentes e amigos. (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 52)

A partir dessa perspectiva, foram entrevistadas atletas de alto rendimento que atuam no Brasil, maiores de 18 anos, de modalidades coletivas que antes eram proibidas, conforme o Decreto-Lei 3.199 e a Deliberação nº 7. Ainda mais, a atleta participou de forma voluntária.

Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com as participantes que se enquadravam no perfil. As perguntas disparadoras para a conversa foram:

1. Dados gerais (nome, idade, esporte, tempo de prática, instituição onde pratica).
2. Qual a sua história e como o esporte que pratica entrou em sua vida?
3. Como é sua rotina de treinos/competições?
4. Para você, o que é ser atleta?
5. Como a modalidade que você pratica é vista no cenário nacional?
 - a. Existem facilidades e dificuldades em ser uma atleta no Brasil?
 - i. O que fazer para reverter o quadro das dificuldades?
6. Sabia que no Brasil certas modalidades eram proibidas para mulheres?
 - a. Sabia que a modalidade que pratica foi proibida?
 - b. O que pensa sobre haver essa limitação?
7. Gostaria de acrescentar algo?

As entrevistas foram realizadas de maneira remota, ao passo que parte das entrevistadas não moram no mesmo estado que a entrevistadora, e também pela pandemia da COVID-19. Elas foram gravadas, em áudio e imagem, para posterior transcrição.

No total, cinco atletas foram entrevistadas. A busca das atletas para as entrevistas foi feita após a submissão do projeto na Plataforma Brasil e a sua aprovação (52093521.5.0000.5482). A pesquisa em questão se atentou ao cumprimento dos cuidados éticos previstos nas Resoluções no 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

As atletas que participaram, preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início da entrevista, além de que foi assegurado o sigilo de seus nomes e instituições.

É notório que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Os possíveis riscos envolvidos nessa pesquisa eram de ordem psicológica, uma vez que podiam surgir questões subjetivas acerca da relação entre esporte e gênero. Temas como abuso físico e de autoridade, objetificação do corpo feminino, desvalorização da pessoa, dentre outros, podiam aparecer no conteúdo e serem possíveis fontes de sofrimento e ansiedade. Para além, entrar em contato com perguntas que antes poderiam não ser alvo de discussão, poderia gerar incômodo, pois são referentes à realidade das participantes. Desse modo, caso não se sentissem à vontade, poderiam não responder.

Alguns cuidados foram tomados para minimizar o desconforto gerado durante a entrevista, buscando proporcionar um ambiente acolhedor e respeitoso no encontro, no qual conseguissem se expressar livremente. Foi indicado que a participante estivesse em um local reservado, sem interferências (ou o mínimo possível), para que

se sentisse confortável para falar; houve um esclarecimento sobre tópicos que preferisse não falar; e ainda, a entrevistadora se preparou para, se necessário, identificar e acolher de maneira respeitosa possíveis sentimentos que possam surgir durante a entrevista, de modo que a entrevistada se sinta o mais confortável possível no momento. Caso a participação na pesquisa gerasse algum desconforto, apesar de todos os cuidados tomados, poderia ser oferecido um encaminhamento para o serviço de triagem da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic – ou a indicação de outros serviços.

É preciso também ressaltar as contribuições que esse tipo de pesquisa pode proporcionar. Essa pesquisa é um meio de contribuir para a ampliação do conhecimento, debate e crítica acerca do esporte feminino no Brasil, relacionando as falas das que estão imersas nesse cenário com o levantamento bibliográfico feito. O exercício reflexivo proporcionado durante a entrevista pode ser benéfico para mais pessoas entrarem em contato com essa realidade e, por atuarem nela, tentarem gerar mudanças.

2.1.1 As modalidades entrevistadas

Em 1941, o Decreto-Lei 3.199 enfatizou que as mulheres eram permitidas de praticar esportes que fossem compatíveis com a “natureza feminina”. Segundo Silva (2012), nesta época não foi preciso explicitar as modalidades proibidas, mas conforme as décadas, mulheres começaram a praticar esportes que foram mal vistos socialmente. Através da Deliberação nº 7, foram apontados os esportes de exclusividade masculina, a fim de não dar espaço para a prática feminina e reiterar o papel dessas na sociedade, em que se destaca que “Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e beisebol.” (CND, 1965 *apud* PORTAL BRASIL, 2016).

Apesar de não existir mais uma lei que proíba certas práticas, ainda é notado um desencorajamento da inserção feminina em algumas modalidades, em especial aquelas consideradas masculinizantes ou socialmente identificadas como de apropriação dos homens. O fenômeno esportivo, para Andres (2013) é generificado e generificador, ou seja, delimita os corpos a partir do que a cultura define como feminino e masculino.

Foram consideradas para as entrevistas atletas de modalidades coletivas que antes não eram permitidas, mas que agora não há nenhum impedimento legal para a prática. Para além, o fato de serem atletas de alto rendimento já demonstra que se dedicam à prática, além de que o esforço para o resultado não é só seu, mas também de outras atletas que possuem um objetivo comum.

Cada entrevistada representa uma modalidade que antes foi proibida: futebol, futsal, rugby, polo e polo aquático. Essa quantidade de entrevistas foi feita levando em conta o tempo hábil para a realização da pesquisa e também uma quantidade que pudesse abarcar uma diversidade de modalidades que antes não eram permitidas e agora são.

2.2 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi pautada na Análise de Conteúdo, idealizada por Bardin (SANTOS, 2012). Por meio de procedimentos sistemáticos, este método visa obter indicadores quantitativos ou qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção e recepção da mensagem. Ainda mais, “uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação.” (SANTOS, 2012, p. 384).

Neste processo são consideradas a descrição das mensagens e atitudes atreladas ao contexto da enunciação, assim como as inferências dos dados coletados (CAVALCANTE et al., 2014). Desse modo, busca-se entender para além do que está expresso pelo significado das palavras (SANTOS, 2012).

São propostas três etapas a fim de esgotar os conteúdos do material: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Através delas, almeja-se descobrir as relações entre o conteúdo do discurso e aspectos exteriores. Essas diferentes etapas foram seguidas durante a elaboração da pesquisa.

A proposta que acompanha a análise de conteúdo se refere a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações para uma categorização dos fenômenos, a partir da qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado. (SILVA et al., 2005, p. 70)

2.2.1 Pré-análise

Na pré-análise é feita a organização do material, compondo o *corpus* da pesquisa, a partir do conjunto de transcrições das entrevistas. As transcrições são submetidas ao exercício de leitura flutuante, tendo então um primeiro contato com o material, para que hipóteses possam ser formuladas. Assim, são apreendidas, de forma global, as principais ideias e os significados gerais. Após esse primeiro contato com o material, são pensados índices ou categorias,

[...] que surgirão das questões norteadoras ou das hipóteses, e a organização destes em indicadores ou temas. Os temas que se repetem com muita frequência são recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (Bardin, 2011, p.100). (CÂMARA, 2013, p. 183)

2.2.2 Exploração do material

O *corpus* da pesquisa é aprofundado, orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico. Segundo Cavalcante et al. (2014), as categorias são “expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado” (p. 16).

As categorias pensadas são codificadas, elegendo o recorte que será feito na pesquisa (SANTOS, 2012), para que os dados sejam sistematicamente agregados em unidades de análise. Em seguida, essas unidades são classificadas, formando agrupamentos de elementos com base em suas características, temas, sentido ou até mesmo a parte léxica. Assim, as unidades vão constituindo sínteses maiores.

Para Bardin (2011) as categorias devem possuir certas qualidades como: *exclusão mútua* – cada elemento só pode existir em uma categoria; *homogeneidade* – para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão na análise. Se existem diferentes níveis de análise, eles devem ser separados em diferentes categorias; *pertinência* – as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.; *objetividade e fidelidade* – se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas; *produtividade* – as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos. (CÂMARA, 2013, p. 186-187)

As categorias podem ser definidas *a priori* ou *a posteriori*, isto é, a partir da teoria ou após a coleta de dados. Essa etapa da análise é sintetizada em quadros matriciais, para uma melhor organização e trato dos resultados. A tabela com um

resumo das categorias elencadas se encontra no final da pesquisa, contendo a categoria e as principais unidades de sentido presentes (APÊNDICE 1).

2.2.3 Tratamento dos resultados

Esta é a fase propriamente analítica. Para quem está realizando a pesquisa, não interessa apenas os conteúdos manifestos do material, mas também os conteúdos latentes, encontrados por trás do que é imediatamente apreendido. São propostas inferências e interpretações, relacionando o *corpus* com a base teórica. Para Campos (2004):

Produzir inferências sobre o texto objetivo é a razão de ser da análise de conteúdo; confere ao método relevância teórica, implicando pelo menos uma comparação onde a informação puramente descritiva sobre o conteúdo é de pouco valor. Um dado sobre conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria. (CAMPOS, 2004, p. 613)

Ao considerar a inferência, é preciso durante a análise se atentar aos polos de comunicação: emissor, receptor, mensagem e canal. Durante a interpretação, o referencial teórico é revisitado, para embasar as análises e auxiliar na construção de sentidos (CAVALCANTE et al., 2014).

3 O FENÔMENO ESPORTIVO

3.1 Conceituação de fenômeno social

O esporte pode ser caracterizado como um dos principais fenômenos sociais e culturais do século XX e XXI, sendo alvo de discussão de autores de diversas áreas do conhecimento, como a Educação Física, Medicina do Esporte, Sociologia e a Psicologia.

Para compreender a definição de fenômeno social, é necessário conceituar social para a Psicologia. Carvalho (1994) define como sendo a capacidade de regulação mútua entre os membros de uma espécie, e que isso cria fenômenos que estão, de certo modo, fora dos organismos individuais. Ainda mais, para a compreensão de um grupo social, pode ser necessário ir além da descrição do comportamento e das propriedades dos indivíduos que compõem esse grupo, o que fez com que social expandisse a sua conceituação como sendo “o espaço de informação construído pelos seres que têm propriedade de sociabilidade” (CARVALHO, 1994, p. 3). Assim, o social não está apenas no organismo individual, apesar de ser construído a partir de suas propriedades. Desse modo,

Quando a construção do "espaço de informação" passa a ser afetada por outros fatores além das propriedades dos organismos individuais, por uma dinâmica criada por propriedades do próprio espaço de informação, emerge um nível de fenômeno "social" que não tem contrapartida no reino animal. (CARVALHO, 1994, p. 3)

Sampaio e Andery (2010) destrincham o termo “fenômeno social” para uma melhor compreensão. “Fenômeno” refere-se a fatos ou eventos científicos; “social” adjetiva algo da sociedade, comunidade ou união de pessoas. Unindo as duas palavras, entende-se como “fatos ou eventos de interesse científico envolvendo os comportamentos de várias pessoas (ou de mais de uma pessoa). Trata-se das interações e dos resultados das interações de pessoas agindo em conjunto” (SAMPAIO; ANDERY, 2010, p. 183).

Kafrouni (2015) acrescenta que os fenômenos sociais são aspectos constituintes da subjetividade, do mesmo modo que eles também são produzidos por sujeitos em interações. Desse modo, é importante considerar que “os fenômenos sociais só são realmente apreendidos quando consideramos a experiência concreta de indivíduos reais” (KAFROUNI, 2015, p. 10). Com base nessa breve apresentação

de fenômeno social, percebe-se que ele é um objeto de estudo para a Psicologia, e assim, é preciso compreender como essas construções estão presentes na sociedade e as maneiras que impactam os componentes da sociedade.

3.2 O esporte como fenômeno social

Esporte é a forma de atividade física na qual os movimentos tidos como habilidosos são feitos para alcançar objetivos, especificados por regras preestabelecidas (RUBIO, 2004; COZAC, 2020). As diversas formas de manifestação do fenômeno esportivo, para Marques et al. (2007), transmitem valores por meio das práticas. Os participantes destas atribuem diversos sentidos às atividades e ações realizadas, de acordo com seu papel social, intenções, expectativas e conhecimentos.

Ao considerar o fenômeno esportivo, é importante compreender que há diversas formas de expressão, as quais transmitem valores por meio das práticas que formam e educam (MARQUES et al., 2007). Cada praticante se relaciona de maneira única com a prática, criando um sentido a ela conforme seu papel social, intenções, motivações, expectativas e conhecimentos.

3.2.1 As transformações do fenômeno esportivo: esporte moderno, esporte contemporâneo e esporte espetáculo

O esporte como algo regado e institucionalizado, como conhecido na sociedade contemporânea, ampliou-se a partir do século XIX. Deve ser destacado que anteriormente o esporte existia, mas com outras formas de prática e de manifestação do fenômeno. O esporte moderno foi uma maneira de unificação e de adequação aos padrões sociais que estavam sendo desenvolvidos. Segundo Almeida e De Rose Junior (2010),

O esporte, na sua origem, derivava de jogo e brincadeira. Eles eram parte da cultura, como expressão das tradições do sagrado ou do profano, consistindo em uma atividade essencialmente lúdica de caráter ritual. Pelas suas exigências, estas atividades celebravam o corpo, a força, a beleza e o mágico. (ALMEIDA; DE ROSE JUNIOR, 2010, p. 16)

A aristocracia inglesa do século destacado teve um importante papel nesse processo de transformação. Segundo Porto et al. (2018) e Almeida e De Rose Junior (2010), nas escolas públicas frequentadas pela aristocracia, a prática esportiva surgiu como uma ferramenta de controlar o tempo livre dos jovens, tornando-se assim um elemento curricular. Desse modo, ocorreu um processo de racionalização e instituição

das regras, para que assim a violência e os comportamentos fossem mais facilmente controlados, além de que auxiliaria na formação de jovens conforme o princípio de hombridade e de comportamento civilizado, preparando-os para que competissem entre si, em uma ordem instituída e em um grupo social delimitado (ALMEIDA; DE ROSE JUNIOR, 2010).

O esporte seria então um meio de constituição do caráter dos que no futuro estariam no controle da sociedade, e que defenderiam os interesses do governo britânico, tanto nacional quanto internacionalmente. As pessoas que propagariam o liberalismo precisavam ser solidárias na ação e ter iniciativa dentro das regras que regiam o mercado. Desse modo, o esporte seria uma metáfora do mundo capitalista (RUBIO, 2004).

A uniformização das regras foi importante para essa maior difusão do esporte, uma vez que antes cada região determinava as regras das modalidades, o que dificultava os encontros, e assim, com a padronização, o contato esportivo foi crescendo cada vez mais. Havia também outra função para a prática esportiva: romper o ócio do homem aristocrata.

Segundo Allen Guttmann (1978 *apud* MARQUES et al., 2007), as principais características do esporte moderno são: a secularização, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação, igualdade de chances na disputa e busca do recorde. Esses pontos podem ser observados também na própria sociedade, uma vez que, com os processos de transformação social dos séculos XVIII e XIX, principalmente na Europa, a racionalização foi uma das diretrizes para o modo de pensar, além de que, com o advento da industrialização, a produção tornou-se algo voraz na sociedade, fazendo com que questões de quantidade e eficiência fizessem cada vez mais parte do cotidiano e de seus direcionamentos.

Como a classe que era a detentora do poder foi quem ampliou esse fenômeno, os seus valores e modelos de regras são os que serviram como fundamentação.

Por exemplo, para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), respeitados autores ligados à sociologia do esporte, esse fenômeno, por fazer parte da sociedade inglesa do século XVIII e XIX, sofreu o mesmo Processo de Civilização desse grupo social, no qual os hábitos, valores e comportamentos rumavam para um aumento do controle das emoções, num sentido contrário à violência. (MARQUES et al., 2007, p. 228)

Há valores deste grupo social que influenciaram na constituição do esporte moderno e ainda reverberam. Para além das questões da produção, em que o corpo do(a) atleta pode ser equiparado a uma máquina, visando apenas resultado e, ao supor a universalização das práticas, desconsiderando os contextos sociais e culturais, pode estar importando um modelo de treinamento, assemelhando a uma “linha de fabricação” de atletas (RUBIO; CAMILO, 2019).

Cada vez mais, o esporte vai se constituindo como um setor da vida econômica e uma área de consumo importante e dinâmica, o que é valorizado na situação de expansão do capital que esse local estava passando. Outro aspecto, segundo Santos e Faggiani (2020), é que a tradição vitoriana sobre o papel da mulher na sociedade repercutiu na sua inserção às práticas esportivas, já que os jogos seriam um meio de preservar o poder, contemplando a competitividade masculina e demonstrando através do esporte aspectos associados à política, como força, moralidade e masculinidade.

O esporte foi se moldando conforme os valores de quem construiu o fenômeno, mas o(a) atleta não deve ter apenas o rendimento como foco. Há outras questões que estão envolvidas nesse fenômeno, além de que o esporte de rendimento não é a única maneira existente de expressão; entretanto, atualmente os resultados ainda são mobilizadores para as práticas, o que aumenta a exposição e visibilidade de certas modalidades em detrimento de outras.

Para além do século XIX, a mercantilização do esporte e seu uso como meio de demonstração de poder foram expandidos. Até o século XX, esse fenômeno se espalhou como forma de cultura universal pelo mundo por meio das regras padronizadas e normas de condutas, pautadas na competição e organização em entidades (MARQUES et al., 2007). O primeiro grande evento do esporte moderno foi o retorno dos Jogos Olímpicos, em 1896. No período entre a I e II Guerra Mundial, houve um aumento dos eventos esportivos, tanto em quantidade quanto tamanho, atraindo a atenção da população. O sentido das práticas e suas finalidades foram alteradas, desenvolvendo o esporte contemporâneo (MARQUES et al., 2007). Este foi ganhando destaque no contexto pós II Guerra Mundial e da Guerra Fria, em que ocorreu um aumento das possibilidades de prática, além de tornar uma mercadoria, adquirindo status de espetáculo, tanto para finalidades políticas quanto comerciais. O esporte torna-se um produto, criando novos mercados e bens associados (COSTA, 2007; MARQUES et al., 2007). Rubio e Camilo (2019) agregam:

Características como secularização, igualdade de chances, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recorde, princípios que regem a sociedade capitalista pós industrial, marcam a função do atleta, tendo o rendimento como o princípio norteador. Assim, apontar apenas o rendimento enquanto elemento marcante do esporte contemporâneo seria desconsiderar outros valores no esporte que se transformaram com a ascensão do profissionalismo (RUBIO; CAMILO, 2019, p. 13)

Assim, Marques et al. (2007) caracterizam o esporte contemporâneo como sendo o resultado da mercantilização das práticas, tornando-o uma mercadoria e bem de consumo. Barreira (2018) aponta que a partir dos anos 1980, há uma maior profissionalização dos atletas, resultando na concepção do esporte como um fenômeno de mercado que se expandiria para um fenômeno de massa e espetacularização, sofrendo cada vez mais o impacto do capital investido.

Outro elemento é que podem haver diversas formas de manifestação esportiva, para além do alto rendimento que é divulgado nas mídias. Isso proporciona uma maior inserção da população nas múltiplas práticas, uma democratização do acesso, sendo um meio de promoção de saúde, valores educacionais, inclusão social e lazer (MARQUES et al., 2007). As mídias de comunicação possuem um papel crucial para divulgar e expandir os valores propostos, assim como costumes, símbolos e seus produtos.

Nesse processo, o esporte contemporâneo se caracteriza como um fenômeno heterogêneo ligado ao mercado, no qual suas práticas, voltadas ao lazer, à educação formal e ao alto rendimento, acabam se associando com giro de capital, ou sofrem influência cultural de um modelo hegemônico (MARQUES et al., 2007, p. 4)

O esporte toma proporções de espetáculo (MARQUES et al., 2007). Segundo Meneghel et al. (2020), o espetáculo seria uma “idolatria” ao consumo, influenciado pelas mídias. Como debatido por Costa (2007), esse aspecto de espetáculo presente na vida atual impregna todas as esferas de relações humanas, inclusive no esporte.

Na “alta modernidade”, a mercadoria participa intensamente das relações sociais, de modo que tanto o “vivido” como o “não vivido” transformam-se em mercadoria. Alimentadas pela linguagem do espetáculo, as necessidades pós-modernas são ininterruptamente criadas e recriadas de forma a expandir o mercado para o consumo das mercadorias. O fenômeno esportivo amolda-se com rapidez à nova realidade. (COSTA, 2007, p. 45)

Com as grandes potências investindo no esporte, há o fortalecimento dele como instrumento político, por meio das divulgações e massificação dos eventos. Essa massificação promove o crescimento de espectadores e consumidores, para

além dos praticantes. Há com isso um maior intercâmbio cultural e social, globalizando o fenômeno. Dentro da concepção de corpo como máquina, soma-se que “o esporte extrapola qualquer relação de simplesmente ações corporais para determinado fim. Ele utiliza-se disso para sua expansão e concentra-se sempre onde pode ser estabelecido a relação de troca, o consumo.” (MENEGHEL et al., 2020, p. 75).

As práticas esportivas reproduzem as características dominantes da sua sociedade e estrutura social. Valores como força, superação de limites, competitividade, vitória, supremacia (PORTO et al., 2018) podem exemplificar essa relação. Ainda mais, destaca-se o trabalho alienante (pela manipulação dos corpos, pelos atletas e/ou técnicos para maximizar o rendimento) e realização do potencial físico e integral (RUBIO; CAMILO, 2019).

A escolha do que será transmitido, onde e para quem também é uma decisão ideológica (MENEGHEL et al. 2020). Parte dessa razão é para se adequar aos padrões da televisão, de modo que mais pessoas assistam, consumam e invistam no fenômeno. Para Costa (2007), tudo que é transmitido referente ao fenômeno gera consequências práticas, como por exemplo, a idealização de determinado estilo de vida, imagem corporal, fazendo com que as pessoas cada vez mais fiquem apegadas ao que é transmitido em detrimento ao real.

Essa relação de consumir o esporte, de ser espectador, é condizente com o momento social e político no qual o indivíduo está inserido. Nessa atividade de assistir, as emoções das pessoas também podem ser controladas, em momentos específicos.

Os feitos esportivos são uma forma segura de vivenciar emoções controladas que, ao se associarem aos visuais espetaculosos (proporcionados pelo avanço tecnológico), criam uma fórmula atrativa para o homem de vida contemplativa do século XXI. Os jogos esportivos passaram a ser a expressão social da liberação contida das emoções, possibilitando que se experimentasse “mimeticamente” viver fortes emoções de uma forma refinada, permitindo tanto ao praticante quanto a quem assiste, o gozo. (COSTA, 2007, p. 48)

3.3 As manifestações esportivas

Há diversas formas de manifestação do fenômeno esportivo. Dois aspectos são considerados ao analisar as manifestações: o sentido da prática e a modalidade (MARQUES et al., 2007).

O primeiro está relacionado com as razões da prática e os valores transmitidos por ela; é resultado das condições sociais, culturais e históricas dos envolvidos, e cada um possui uma concepção sobre o que é essa atividade para si. Por se tratar de um

fenômeno que transmite valores, colabora para a formação humana. O segundo é referente às normas e regras, às diferentes formas de disputas que podem existir. Ressalta-se que “não existem vários tipos de esportes, mas sim várias formas de manifestação do fenômeno esporte” (MARQUES et al., 2007, p. 231), assim, por mais que muitas vezes se utilize o termo esporte como sinônimo de modalidade, esta é apenas uma forma de manifestação desse meio.

Para compreender uma manifestação, é necessário contextualizá-la, reconhecer a posição que esta ocupa no espaço esportivo. Ainda mais, saber como o indivíduo se situa nesse meio é importante, ao passo que

O esporte é um fenômeno que se reveste de características que variam e derivam da complexidade do indivíduo praticante, pois o próprio constrói e é construído por essa relação, ou seja, o indivíduo interfere na formação e execução da prática esportiva e esta exerce influência sobre a formação do sujeito (através da transmissão de valores morais, possibilidades de relacionamento e até de adaptações físicas). (MARQUES et al., 2007, p. 233)

Raiter et al. (2012) discorrem sobre diferentes conceituações de manifestações esportivas, partindo da conceituação de alguns autores. Tubino (2001 *apud* RAITER et al., 2012) descreve três tipos de manifestação esportiva no Brasil. O “esporte-educação” visa o desenvolvimento psicomotor e a integração social, e o esporte seria um meio de formação do sujeito. Essa manifestação também evita a seletividade e competitividade exacerbada. No “esporte-participação”, almeja-se o prazer lúdico e o bem-estar. Por fim, o “esporte-performance” é a prática relacionada ao rendimento do(a) atleta, que será aprofundado no próximo item.

Bracht (2010 *apud* RAITER et al., 2012) focou nas duas últimas classificações, nomeando-as como “esporte de alto rendimento” ou “esporte espetáculo” e “esporte enquanto atividade de lazer”. As duas manifestações estão relacionadas, uma vez que o esporte de rendimento influencia e determina as outras manifestações.

Hiraki (2017 *apud* COZAC, 2020) acrescenta ainda outras duas formas de manifestação esportiva: os “projetos sociais” e “esportes de reabilitação”. No primeiro, o foco é a utilização de práticas esportivas para educar e socializar, principalmente em locais de maior vulnerabilidade social e organizações não governamentais. Já no segundo, o objetivo é a prevenção e intervenção em pessoas com lesões resultantes da prática esportiva ou não, podendo também ser aplicado em pessoas com deficiências físicas ou mentais.

Marchi Junior (2015) apresenta cinco dimensões do esporte, conhecidas como “Modelo Analítico dos 5 Es”. Para ele, o esporte pode ser compreendido como: emoção, condizendo com o que o esporte pode remeter ou significar para o(a) praticante; estética, tendo relação com o conceito de saúde; ética, tendo como base critérios, valores, princípios e construções sociais que regem os comportamentos; espetáculo, sendo preciso considerar como o esporte é um fenômeno que movimenta o mercado econômico, gerando demandas específicas e se tornando algo global e que mobiliza a população e praticantes; e educacional, tendo um papel formativo. Ressalta-se que essa última dimensão está em consonância com as demais.

É notório que há diversas formas de manifestação deste complexo fenômeno. Assim, é preciso ter em mente os valores e contextos nos quais ele está inserido, para não ser analisado de maneira reducionista e determinista.

É preciso considerar os valores que o esporte transmite em qualquer forma de manifestação. É a inter-relação entre o campo social, a modalidade praticada com suas regras e especificidades, e o sentido adotado para a prática, que formarão o contexto esportivo a ser vivenciado e os valores morais transmitidos. (MARQUES et al., 2007, p. 239)

Para além dessas manifestações, consumir esportes como espectadores também está presente na sociedade atual (MARQUES et al., 2007). Considerando a perspectiva do esporte contemporâneo como uma mercadoria, um elo importante para a continuidade do fenômeno é o seu consumo. Desse modo, não praticar a modalidade, mas consumi-la, seja assistindo, comprando ou propagando símbolos ou valores, também pode ser considerada uma manifestação de suma importância.

3.3.1 O esporte de alto rendimento

Esta é a manifestação do fenômeno esportivo em que é exigido do(a) praticante dedicação e rendimento, superando uma atividade de tempo livre ou amadora (RUBIO, 2004; RUBIO; CAMILO, 2019). Segundo Hikari (2017 *apud* COZAC, 2020) e Meira, Bastos e Böhme (2012), no esporte de alto rendimento é sempre objetivada a otimização do desempenho, garantindo resultados no nível individual e/ou coletivo.

O esporte de alta competitividade é o esporte-espetáculo de rendimento transformado em mercadoria. Desporto de rendimento é, pois, aquele que tem o âmago de sua atividade centrada na finalidade de obter resultados, o que equivale a dizer obter resultados provenientes dos mais altos rendimentos. Nesse caso, o objetivo do esporte de alto rendimento converge

para os recordes e as vitórias, consubstanciando a idéia de que esporte é rendimento. (COSTA, 2007, p. 40).

Costa (2007) aponta que segundo a legislação brasileira, o esporte de rendimento é aquele praticado com base em regras, a fim de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do Brasil e estas com outros países. Ainda mais pode ser amador ou profissional:

O modo profissional é caracterizado por remuneração pactuada por contrato de trabalho ou demais formas contratuais pertinentes. O “profissional” é considerado pela lei como aquele que se torna um empregado de uma entidade esportiva, com direitos e deveres de um empregado qualquer que se capacita para o desempenho de sua função.

A legislação, ao tratar do desporto de rendimento praticado de forma não profissional, apresenta a questão da idade do atleta. O atleta neoprofissional que pratica esporte de alto rendimento é aquele impossibilitado legalmente, por causa da idade, de assinar contrato de trabalho – não pode ter idade inferior a 14 nem superior a 18 anos. Essa categoria admite a existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho ou até mesmo a inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais. (COSTA, 2007, p. 41)

O alto rendimento está atrelado à competição. É sempre feita a comparação de desempenho de uma pessoa com um padrão pré-estabelecido, tendo que estar à altura desse, desempenhando com excelência. Para alcançar este padrão, é necessário o treinamento esportivo, visando o desenvolvimento e aperfeiçoamento de quem está praticando, melhorando o desempenho do corpo. Ainda mais, a padronização das regras é um aspecto importante, tanto em nível nacional quanto internacional, o que facilita a competição entre diferentes praticantes.

O investimento feito é um meio de garantir a sua máxima eficiência. O corpo que desempenha bem é o que garante o *status* do(a) atleta, assim, fazem o que for preciso para que ele consiga funcionar da melhor forma possível (CAMPOS; CAPELLE; MACIEL, 2017). Esta manifestação está relacionada à superação, seja a pessoal ou de marcas já estabelecidas.

Mas o praticante da atividade esportiva pode fazer outra opção, originalmente associada ao esporte, que é a superação do próprio limite. Ao conceito que pautava essa prática era dado o nome de areté equivalente ao latino *virtus* que representava hombridade, valor. No sentido cavalheiresco da palavra estava expresso o conjunto de qualidades que fazem do homem um herói, e a vitória seria a confirmação desse valor. A areté seria, portanto, a afirmação da condição pessoal daquele que pratica e vence um desafio, sua realização é a luta contra tudo que tente impedi-la. Essa busca não representa um individualismo egoísta que cifra ideais de amor a si mesmo, senão na busca incessante pelo absoluto da beleza e do valor. Daí a atitude de agradecimento

do atleta vencedor de provas atléticas a seus oponentes. Mais do que tê-los como inimigos, o atleta que praticava a areté via no adversário o parâmetro para a realização do seu próprio limite e não alguém a ser superado, vencido e humilhado. O outro era o referencial para a superação de si mesmo. (RUBIO, 2004, p. 3)

Outra característica importante é a especialização. É recorrente que os(as) atletas se dediquem a apenas uma modalidade quando atingem o alto rendimento, de modo que consigam se focar nessa atividade.

Como esta manifestação demanda muito do corpo do(a) praticante, é comum que seja assistido(a) por uma equipe multidisciplinar (COZAC, 2020). Assim, é recorrente a presença de diversos(as) treinadores(as), preparadores(as) físicos, nutricionistas, médicos(as) relacionados à medicina esportiva e até psicólogos(as), por mais que estes ainda não sejam tão valorizados(as) como os(as) demais para o rendimento do(a) atleta. Cada um com sua especialidade busca melhorar o(a) atleta em suas diferentes esferas, como tática, técnica, emocional e fisiológica, a fim de obter o melhor resultado pessoal e superar os demais. No Brasil, a maior atuação dos(as) psicólogos(as) no setor esportivo acontece nas categorias de base, ou seja, nas categorias antes da “profissionalização” (COSTA, 2007), mesmo que ainda existam demandas para os(as) atletas após a mudança de categoria.

O esporte de alto rendimento é a manifestação esportiva mais divulgada nas mídias. Parte disso se deve pelo alto investimento dos(as) atletas na prática, além de que, considerando a lógica do esporte contemporâneo voltado ao espetáculo, há grande investimento de capital (BARREIRA, 2018). A divulgação contribui para a massificação e identificação, ao passo que pessoas almejam praticar da mesma maneira que os que estão sendo transmitidos na televisão. Ainda mais, os patrocínios envolvidos nessa relação são benéficos tanto para os(as) atletas quanto para as organizações que podem estar vinculados, podendo facilitar o acesso a recursos, financiar competições, equipamentos e outras despesas que podem estar envolvidas no cotidiano.

Acerca desse último aspecto, ressalta-se que muitos(as) atletas competem sem o apoio financeiro, tendo que arcar com os diversos custos. Isso pode criar barreiras para o desenvolvimento de sua carreira, fazendo com que o(a) atleta tenha que ter outras preocupações além da prática esportiva em si. Segundo Meira et al. (2012):

As condições ambientais adequadas para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento englobam os aspectos referentes ao treinamento esportivo

(anos de treinamento, qualidade do treinamento, qualidade do professor/técnico), as condições psico-sócio-econômicas (apoio dos pais, técnicos e colegas, condições financeiras para treinar, apoio médico), assim como o sistema organizacional do esporte na sociedade (nacional e regional) e especificamente da modalidade esportiva considerada. (VAN ROSSUM, 2004 *apud* MEIRA et al., 2012, p. 251)

Pelo alto padrão, atletas de alto rendimento são os representantes do país em grandes competições. Espera-se que obtenham bons resultados, por mais que em muitos casos, os(as) torcedores(as) desconsiderem questões que podem interferir na prática, relacionadas principalmente às condições de treinamento. O ideal da sociedade contemporânea de vitória a qualquer custo é reforçado.

4 PSICOLOGIA DO ESPORTE, PSICOLOGIA E ESPORTE?

4.1 O que é Psicologia do Esporte?

A Psicologia do Esporte, segundo Cozac (2020), visa intervir, identificar e analisar as variáveis interligadas ao ser humano que pratica determinada modalidade esportiva, assim como o seu desempenho. Para além, “a Psicologia do Esporte visa compreender as demandas implicadas nestas atividades e oferecer assistência adequada aos seus praticantes, propondo um fortalecimento global e harmônico de aspectos de sua personalidade.” (COZAC, 2020, p. 27).

Ela estuda o comportamento das pessoas nas diversas fases da vida, em diferentes contextos e atribuições de sentido ao realizarem atividades físicas esportivas (RUBIO, 1999; COZAC, 2020). Ainda mais, se preocupa com temáticas relacionadas à "cultura corporal de movimento" (BARREIRA, 2018, p. 7). Uma característica importante é que esta ciência compreende o fenômeno esportivo e suas diferentes formas de manifestação, considerando aspectos sociais, culturais e financeiros, dentre outros, que influenciam as práticas. É função e papel da Psicologia do Esporte discutir este fenômeno, assim como a sua construção e o meio que é explorado no imaginário social (RUBIO; CAMILO, 2019).

O foco mudou ao longo de sua história. Segundo Rubio (1999), desde o final do século XIX há estudos sobre psicofisiologia no esporte, mas sem haver uma definição precisa sobre esse campo de pesquisa. A primeira pesquisa nesse campo é datada de 1898 (BARREIRA, 2018), em que Norman Triplett investigou a diferença do rendimento e resultados de ciclistas ao atuarem sozinhos e em duplas, considerando esse feito como a inauguração da Psicologia do Esporte. Ressalta-se que o avanço dessa área do conhecimento ocorre quase simultaneamente ao retorno dos Jogos Olímpicos da Modernidade, assim como da concepção da Psicologia como ciência (BARREIRA, 2018).

Na década de 1920 foi fundado o primeiro laboratório de pesquisa aplicada ao esporte, nos Estados Unidos. Com o passar dos anos, o esporte tornou-se uma importante arma política, sendo assim papel da Psicologia contribuir para o aumento do rendimento dos(as) atletas.

Já na década de 1960, alguns(a) pesquisadores(a) focaram no lado social do esporte. Nesse período surgiu a *Internacional Society of Sport Psychology* (ISSP) (RUBIO, 1999), realizando periodicamente eventos e publicações dessa temática,

promovendo diversas trocas entre os profissionais. Foi criada, em 1968, a *North American Society of the Psychology of Sports and Physical Activity* (NASPSPA), cujo foco eram aspectos do desenvolvimento, aprendizagem motora e psicologia do esporte (RUBIO, 1999).

Rubio e Camilo (2019) apontam que historicamente a PE focou no estudo e intervenção voltados ao esporte de alto rendimento. Ao decorrer da década de 1970, ela ganhou destaque no cenário global, tendo como principal área de atuação o treinamento de habilidades mentais de atletas. A Psicologia do Esporte busca compreender as relações e variáveis inerentes ao fenômeno, sendo o foco em resultados do alto rendimento apenas uma das suas diversas possibilidades de atuação (COZAC, 2020).

A Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática do exercício, da atividade física e esportiva competitiva e não competitiva (Rubio; 2000b; 2003). Esses estudos podem abarcar os processos de avaliação, as práticas de intervenção ou a análise do comportamento social que se apresenta na situação esportiva a partir da perspectiva de quem pratica ou assiste ao espetáculo. (RUBIO; CAMILO, 2019, p. 14)

Rubio (2004) divide a Psicologia do Esporte em dois campos: um em que o foco é no comportamento humano no contexto esportivo e outro em que se investiga os “fundamentos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológica de atividades relacionadas com o esporte de uma ou várias pessoas atuando como sujeito da atividade” (RUBIO, 2004, p. 1). Assim, o(a) psicólogo(a) pode atuar focando no rendimento do(a) atleta ou na busca do potencial máximo desse sujeito, que, além de atleta, desempenha outros papéis sociais.

Ainda mais, há diversas áreas de atuação para o(a) psicólogo(a) na Psicologia do Esporte. Rubio (1999; 2004) e Cozac (2000) destacam que o(a) profissional pode atuar: (a) no esporte escolar, compreendendo e analisando os processos de ensino, educação e socialização presentes no esporte, assim como o processo de formação e transformação do(a) praticante; (b) no esporte recreativo, visando o bem-estar, analisando os comportamentos dos envolvidos nas diferentes práticas, além de motivações e interesses envolvidos; (c) em projetos sociais, utilizando o esporte como uma ferramenta de transformação, (d) no esporte de reabilitação, desenvolvendo trabalhos de prevenção e intervenção. Há diversos contextos que os(as) profissionais podem atuar:

Lesyk (1998) aponta que em 1983 o Centro Olímpico Americano indicou três possibilidades de atuação para os profissionais da área: o clínico, profissional capacitado para atuar com atletas e/ou equipes esportivas, em clubes ou seleções, cuja preparação específica envolve conhecimentos da área de Psicologia e do Esporte, não bastando apenas a formação em Psicologia ou Educação Física; o pesquisador, cujo objetivo é estudar ou desenvolver um determinado conhecimento na Psicologia do Esporte sem que haja uma intervenção direta sobre o atleta ou equipe esportiva; e o educador que desenvolve a disciplina Psicologia do Esporte na área acadêmica seja na psicologia, seja na Educação Física. Nos dois últimos casos não se exige formação específica do profissional. (RUBIO, 1999, p. 62)

Esta área de atuação na Psicologia sofre influência de diversas áreas, ao passo que diversos fatores impactam e são impactados pela prática esportiva. Ela pode ser considerada tanto uma subárea das Ciências do Esporte (RUBIO, 1999) – área do conhecimento que engloba disciplinas como Filosofia, Sociologia, Medicina, Biomecânica, todas centrando no esporte – quanto uma especialidade da Psicologia (RUBIO, 2004). Ela sofreu mudanças na atuação durante o seu desenvolvimento, focando inicialmente no resultado dos atletas e, gradualmente, incorporou o sujeito que realiza a prática como elemento importante da análise para além de seus resultados.

A Psicologia do Esporte, enquanto uma dessas sub-áreas, iniciou suas pesquisas há aproximadamente um século, estudando inicialmente aspectos próximos à fisiologia, os chamados condicionantes reflexos (Feliu, 1991). Ao longo dos anos outros temas como motivação, personalidade, agressão e violência, liderança, dinâmica de grupo, bem-estar psicológico, pensamentos e sentimentos de atletas e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física foram sendo incorporados à lista de preocupações e necessidades de pesquisadores e profissionais. Na atualidade, diante do equilíbrio técnico alcançado por atletas e equipes de alto rendimento, os aspectos emocionais têm sido considerados como um importante diferencial nos momentos de grandes decisões (Buceta, 1998; González, 1997). (RUBIO, 2004, p. 1)

Algo valorizado é o trabalho em parceria com outras áreas. Ao qualificar de maneira mais integral a prática no contexto pessoal e social que está vinculado (BARREIRA, 2018), é necessário recorrer a outros campos do saber que atravessam o fenômeno que está em foco. Soma-se também que o(a) psicólogo(a) deve conhecer sobre a(s) modalidade(s) que está envolvido dentro de sua atuação; “Ele tem que saber das diferentes posições em um esporte coletivo, as características, as exigências psicológicas e físicas que vão afetar o seu desempenho” (BARREIRA, 2018, p. 11).

O(A) atleta é também um sujeito. Possui suas questões, angústias, sofrimentos, vulnerabilidades, que podem interferir ou não na prática. Desse modo, é importante que consiga, assim como nos outros contextos, ter recursos para lidar com as adversidades e imposições que são inerentes ao fenômeno esportivo. Independente da situação, para performar e se desenvolver é necessário que a pessoa esteja psicologicamente bem.

4.1.1 Psicologia Social do Esporte

Nas últimas décadas do século XX, houve uma maior mobilização de parte dos(as) psicólogos(as) do esporte para uma atuação focada além do rendimento, da atuação focada apenas no momento da prática e visando um fim específico.

Esses estudiosos passaram a averiguar questões que poderiam intervir nas práticas, não levando em conta apenas o momento da atividade esportiva em si. Com isso, cada vez mais foi valorizada a subjetividade dos(as) atletas, assim como suas histórias de vida, relações interpessoais e contextos sociais e culturais (RUBIO; CAMILO, 2019).

Assim, ocorreu uma aproximação entre a Psicologia do Esporte com a Psicologia Social, fazendo com que as dimensões que atravessam o sujeito fossem trazidas para as análises e intervenções.

[...] a Psicologia do Esporte, que trata do fenômeno esportivo em toda a sua complexidade, visando a compreensão da dinâmica das relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores, não é apenas uma Psicologia de rendimento de atletas e equipes, com foco nos ditos “treinamentos mentais”, mas sim uma Psicologia Social do Esporte. (RUBIO; CAMILO, 2019, p. 10-11)

O fenômeno esportivo não está isolado; ele é atravessado por diversas questões que o impactam. Desse modo, é preciso não analisar só o(a) praticante ou a modalidade, mas sim todo o contexto envolvido, motivações, questões sociais e relacionais envolvidas. O esporte não é algo individualizado, precisa ser compreendido em suas relações.

4.2 Psicologia e esporte

Falar sobre esporte não é, nem deveria ser, exclusividade da Psicologia do Esporte. O esporte, como supracitado, é um fenômeno social de grande repercussão.

Por ser algo que é constituído pelos sujeitos e que os impacta, a Psicologia deve se debruçar sobre essa questão. Para além, por haver valores envolvidos, isso pode influenciar o modo de ser, assim, essa área do conhecimento pode intervir e averiguar como essas questões atingem os envolvidos. Segundo Rubio e Camilo (2019)

O esporte, enquanto valor cultural, passível da intervenção da psicologia, também é uma criação humana, refletindo e recriando essa condição. Por isso é necessário refletir sobre a prática do psicólogo no esporte e qual a sua relação com valores básicos fundamentais da Psicologia (LUCCAS, 2000 *apud* RUBIO; CAMILO, 2019, p. 12)

O esporte implica diversos papéis sociais. Há os(as) praticantes, treinadores(as), espectadores(as), torcedores(as), familiares dos(a) atletas, entre outros(as). Estes podem ser modificados a depender do contexto, mas é importante saber como o sujeito está em cada contexto e como reverbera nas suas práticas.

Ainda mais, a Psicologia se preocupa com o desenvolvimento humano, seja nos níveis social, afetivo, cognitivo ou motor (PORTO et al., 2018). O esporte pode ser um meio de desenvolver e incentivar essas diferentes esferas, assim, a Psicologia deveria de modo geral investigar como isso pode impactar no ser humano e seus processos ao longo da vida.

A Psicologia do Esporte possui diversas formas de abordar o fenômeno esportivo, sendo a versão voltada para a performance a mais reconhecida, ainda mais que é a mais divulgada nas mídias. O esporte não se resume à prática de alto rendimento, há outras formas de manifestação que podem impactar as pessoas. Para além, ao considerar as múltiplas variáveis envolvidas, há uma ampliação do campo de atuação, o que possibilita que psicólogos e psicólogas possam investigar, cada um do seu modo, o fenômeno esportivo e, mais importante que isso, o sujeito que está envolvido e inserido nele.

Considerando então a polissemia desse campo e todos os atores nele envolvidos há que se propor que a Psicologia seja capaz de promover que toda a sua compreensão transite para além da Psicologia do Esporte. Vale ressaltar que nem toda Psicologia aplicada ao Esporte é Psicologia do Esporte clássica (aquela voltada fundamentalmente para o rendimento) (RUBIO; CAMILO, 2019, p. 14)

Não querer adentrar em temáticas esportivas, para além de negligenciar as diversas pessoas envolvidas, está também ignorando um elemento que é constituinte da sociedade. Não há como separar esses elementos. O esporte não é um fenômeno

isolado da sociedade. Quem está inserido(a) nesse contexto circula nas diferentes esferas da vida. Desse modo, por mais que o esporte possa não ser o interesse central, ele pode aparecer nas temáticas, seja por meio das atividades de lazer, relações, valores atrelados ao esporte e também presentes na sociedade, dentre outros.

A Psicologia é baseada nas relações. O fenômeno esportivo também. Seja entre os(as) praticantes, comissão técnica, torcida, espectadores(as), comentaristas(as), entre outros(as). O esporte está presente nos diversos assuntos e contextos, é um meio de gerar conexões. As relações humanas precisam ser compreendidas. A Psicologia deveria se interessar pelo fenômeno que mobiliza milhares de pessoas em prol de um objetivo, compreender como se dão as diferentes relações e não apenas delegar para uma especialização apenas por ter uma modalidade esportiva envolvida no meio. O esporte é além das regras, valores. Valores que impactam os diversos modos de ser e condutas. Assim, de forma indireta ou não, o esporte está presente no cotidiano.

5 O ESPORTE FEMININO

Como já elucidado, a prática esportiva é algo presente e constituinte da humanidade. Entretanto, esse fenômeno, assim como outros, não foi difundido de maneira igual entre homens e mulheres, o que faz com que a luta pelos mesmos direitos, oportunidades, visibilidade, aceitação e reconhecimento seja algo crescente, principalmente desde o século XX.

Desse modo, as mulheres estão “conquistando” o seu lugar no esporte ou apenas equiparando as condições das quais foram prejudicadas? Autores e autoras como Annunziato e Menon (2001), Di Pierro (2007), Oliveira et al. (2008), Santos e Faggiani (2020), Rubio (2021), Melo et al. (2021) averiguaram sobre a relação entre os gêneros e as práticas esportivas. É importante ressaltar que esse fenômeno acompanhou as transformações e mentalidades de cada período ao longo da História, sendo transformado junto com a sociedade.

Desde a Antiguidade há relatos sobre a segregação no ambiente esportivo. Na Grécia Antiga (século VIII a.C.), as mulheres eram proibidas de assistirem e participarem dos grandes eventos esportivos, como os Festivais Pan-Helênicos e as Panateneias (OLIVEIRA et al., 2008). A justificativa dada era que como as competições ocorriam em locais afastados, o percurso até lá poderia gerar danos ao corpo, atrapalhando assim na sua capacidade de reprodução. Ainda mais, só os cidadãos participavam, e as mulheres não eram consideradas, visto que a cidadania para os gregos estava relacionada com a função de guerrear, sendo assim elas excluídas da vida pública, restando apenas o papel de procriar novos cidadãos.

Já no Império Romano, em Esparta a inclusão feminina era baixa, visto que não eram consideradas heroínas como os homens. Apesar de limitada, o pouco permitido era justificado pelos benefícios que os exercícios poderiam dar ao corpo responsável por procriar. Na época do imperador Teodósio, as práticas esportivas foram proibidas, por serem consideradas pagãs. Nos eventos permitidos, as mulheres participavam como acrobatas ou dançarinas, para divertimento dos homens (OLIVEIRA et al., 2008).

Durante a Idade Média, com a ascensão dos valores judaico-cristãos, há uma desvalorização do culto ao corpo e das práticas corporais, acompanhada de uma consolidação do androcentrismo (NOGUEIRA, 2001). Com isso, a participação das mulheres era limitada às atividades que não demandassem muito esforço, como

alguns jogos de tabuleiro e bola. Entretanto, ocorreram eventos, como as Cruzadas, que geraram alterações na ordem social medieval, repercutindo em algumas atividades que agora seriam permitidas para as mulheres; nesse momento, elas estavam sendo educadas para leitura, escrita e certas atividades corporais, como caça com falcões, jogos de xadrez, música e dança (SANTOS; FAGGIANI, 2020).

No século XVII, a mulher passou a ser socialmente mais controlada, sendo submissa ao seu marido ou parente homem, perdendo os seus direitos individuais. Com isso, as práticas corporais que eram permitidas anteriormente não são mais. Já no século XVIII, principalmente no final, percebe-se um contraste entre os ideais de liberdade das revoluções e reformas que ocorreram nesse período e as discussões da Medicina que estavam em destaque. Esse campo ratificou os papéis sociais pré-definidos para cada sexo, apoiando a superioridade do corpo masculino em detrimento do feminino, que era destinado à maternidade.

O determinismo biológico foi responsável por produzir generalizações, legitimações e exclusões nas diversas esferas do cotidiano, incluindo a esportiva. Desse modo, ocorreu a naturalização da diferenciação das atividades por meio da fisionomia, ou seja, as mulheres podiam participar em atividades que preservassem sua “natureza feminina”, como beleza e graciosidade (SANTOS; FAGGIANI, 2020), rotulando quais modalidades seriam apropriadas para cada gênero.

Durante o século XIX, as mulheres ainda não participavam dos grandes eventos esportivos, e eram limitadas as modalidades que podiam participar. Em 1896, ocorreu um marco para o cenário esportivo, que foi a primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, idealizado por Pierre de Coubertin. Ele queria reproduzir os Festivais Pan-Helênicos, com os valores e costumes da sociedade grega, exaltando o corpo e as virtudes masculinas, e assim, as mulheres não participariam (OLIVEIRA et al., 2008; SANTOS; FAGGIANI, 2020). Entretanto, mesmo com as imposições, elas não deixaram de lutar pela sua inclusão no cenário esportivo. Stamati Revithi é um dos grandes nomes que precisam ser lembrados ao lembrar da trajetória do esporte feminino.

Apesar dos esforços em manter as mulheres fora das competições, cabe registrar que, em 1896, houve uma competidora extraoficial na maratona. Stamati Revithi, grega, fez o trajeto de 42 km, sendo que a última volta aconteceu fora do estádio porque a entrada lhe foi proibida. No âmbito das provas olímpicas, talvez esta tenha sido a primeira mulher a enfrentar as barreiras da tradição esportiva na era moderna. (ANNUZIATO; MENON, 2011, p. 1)

Com o advento da industrialização, no início do século XX, novas formas de organização social surgiram, além de que a luta por direitos iguais foi importante e cada vez mais presente, iniciando um processo, por mais que lento, de transformação do papel da mulher (GOELLNER, 2005; DI PIERRO, 2007). Na segunda edição dos Jogos Olímpicos – em Paris, 1900 – as atletas competiram em modalidades consideradas esteticamente belas e sem contato físico entre elas, como tênis e golfe. Ainda mais, a fundação da *Fédération Sportive Féminine Internationale* foi um avanço, uma vez que ela visava uma maior representação feminina no esporte, sendo responsável pelo monitoramento de recordes, definição de regras e promoção de esportes e torneios, como os Jogos Olímpicos Femininos e os Jogos Femininos Mundiais. Essa instituição teve um papel fundamental na garantia da inclusão oficial das mulheres nos Jogos Olímpicos de 1936.

A década de 1930 foi marcada pela luta por direitos e condições que antes eram restritos aos detentores do poder na sociedade. Ademais, percebe-se que as atletas nesse período ainda não eram bem aceitas, já que o corpo musculoso e atlético feminino era visto como uma ofensa, como algo que contrariasse o ideal de feminilidade, além de que a identidade sexual da praticante estava em constante análise e julgamento. Durante a II Guerra Mundial, um número significativo de homens estava nas batalhas, tendo a necessidade das mulheres entrarem em campos sociais que antes eram limitados, como o mercado de trabalho e a vida política, provando que poderiam assumir qualquer atividade profissional (MELO et al., 2021). Com o fim da guerra, os que sobreviveram retornaram aos seus antigos cargos e lugares na sociedade, retirando as mulheres desses espaços.

Nos anos 1950, os pressupostos médicos ainda influenciavam a mentalidade sobre o que poderia ser danoso ou não aos corpos femininos. Entretanto, a década seguinte foi um marco importante no avanço de um novo ideal, ao passo que o movimento feminista criticava os papéis anteriormente destinados às mulheres, como sendo centradas na maternidade e na feminilidade.

A partir disso, com a reivindicação feminina para re(ocupar) o espaço público, veio à tona outros confrontos, das mulheres contra tudo aquilo que elas julgavam ser de ordem machista, misógina, ou atendesse ao poder patriarcal e falocêntrico. Esta reivindicação das mulheres por poder no espaço público, em concomitância às reivindicações de outras minorias, ganhou força de expressão nos anos 1960, com repercussões nas mais distintas áreas da sociedade (MELO et al., 2021, p. 30)

O final da década de 1960 foi importante para as atletas olímpicas. Até as Olimpíadas de 1968, na Cidade do México, era comum a prática de testes de feminilidades em atletas (PEREIRA; CONDE, 2021). O Comitê Olímpico Internacional (COI) podia eleger mulheres a realizarem testes que verificavam sua feminilidade. Variavam desde inspeção das genitálias e de outras partes do corpo até exames de sangue, checando hormônios e outros elementos.

Durante a Guerra Fria, o esporte foi utilizado como um meio de difundir os ideais de cada bloco (capitalistas e socialistas) e também de suas potências e poder, por meio da vitória (MARQUES et al., 2007). O esporte de alto rendimento, como já elucidado, sofreu gradualmente o processo de espetacularização, fazendo com que sua performance se assemelhe a uma batalha. Então, pode-se refletir como o esporte foi utilizado, nesse período, como meio de guerrear, mas sem o uso de armas, e que no final teria um vitorioso.

Na década de 1970, dois movimentos no cenário esportivo foram observados: o desenvolvimento do movimento *fitness*, que cultivava a beleza e juventude do corpo; e a limitação na prática de modalidades coletivas, que eram associadas à celebração da masculinidade, sendo inaceitável ao gênero feminino (DI PIERRO, 2007). Nos anos seguintes, novamente percebe-se um discurso médico interferindo nas práticas, pois essa comunidade dizia que os esportes poderiam interferir no processo de amamentação. Além disso, as atletas começam a se questionar sobre a inferioridade de seus salários, número de eventos para participar e prêmios recebidos nas competições.

As atividades não competitivas e de *fitness* eram o foco de programas de governo e iniciativas privadas. No entanto, esta década marcou a evolução feminina no esporte de alto rendimento que continuou evoluindo nos anos 90, incorporando valores de especialização e padronização, até então experimentados apenas por homens. (DI PERRO, 2007, p. 5)

Em 1978 foi lançada a Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO (ALMEIDA; DE ROSE JUNIOR, 2010). Com isso, a prática esportiva passou a ser compreendida como direito de todos, iniciando um processo de democratização e expansão das práticas.

Algo marcante na virada do século XXI foi que o COI retirou a necessidade de realizar os testes de feminilidade, mas esses ainda existem em algumas modalidades,

como vôlei e atletismo. Nesta última, por exemplo, há um nivelamento da testosterona para dar mais paridade à competição (PEREIRA; CONDE, 2021).

As atletas estão cada vez mais presentes no cenário esportivo, seja no alto rendimento ou no esporte de lazer. Deve ser destacado que é recente a participação feminina, e é crucial que cada vez mais seja reforçado e incentivado que todas tenham a possibilidade de praticar, visto que foi um direito exclusivo dos homens por muito tempo.

É necessária a reflexão acerca da objetificação do corpo feminino nas práticas esportivas. Muitas das críticas sobre a presença feminina nesse fenômeno eram referentes ao fato do “corpo atlético” confrontar a imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005). Ainda mais, o discurso biologizante do corpo minimizava os espaços às mulheres neste ambiente dominado pela masculinidade. Soma-se ainda um olhar sexualizado sobre o corpo e condutas. Assim, há um ideal do corpo das atletas, que acaba sendo vendido e valorizado pelas mídias, muitas vezes sobressaltando essas características físicas ao invés do desempenho esportivo. O esporte, ao ser um fenômeno social, propaga valores da sociedade, e, ao optar por um modelo de corpo para divulgar, criam um padrão sobre qual é o corpo ideal (GOELLNER, 2005).

Sendo o campo esportivo um espaço de espetacularização do corpo, que efeitos a participação das mulheres tem produzido nesse universo culturalmente virilizado? Será que a espetacularização das *performances* femininas, não mais vinculadas à preparação para a maternidade como outrora fora, se constitui como um espaço de expressão e de liberdade ou de inclusão a um ideal de corpo que valoriza a beleza, a juventude, a *performance* e o rendimento atlético?” (GOELLNER, 2005, p. 96)

É necessário que as atletas tenham o seu devido reconhecimento. Para além da visibilidade midiática, precisam ter as mesmas condições para treinar e competir, serem representadas nas gestões técnicas e administrativas, terem recompensas salariais adequadas e não tão distantes das recebidas pelos atletas. As atletas, estão em constante avaliação pelo simples fato de ser mulher no ambiente esportivo. Sua sexualidade não deveria ser questionada pela modalidade que pratica, nem mesmo as escolhas que faz em sua carreira e como isso pode impactar na vontade de ter ou não filhos.

Historicamente, os atletas homens têm maiores ascensões midiáticas em relação às mulheres, por diversos fatores relacionados às cifras que os

mesmos geram, desde patrocinadores até venda de ingressos. O que impulsiona uma cadeia de interesses, quanto mais dinheiro investido, mais visibilidade e maior espaço nas mídias. Assim identificamos a necessidade de uma ressignificação, de interpelar aquilo que nos parece natural. Estranhar, desfamiliarizar ou desnaturalizar a tendência de lembrarmos sempre de um homem ao nos remeter a algum esporte. Buscar maior incentivo ou investimento para o esporte feminino é ressignificar algo que já está dado. (WORTMANN, 2008 apud MAGALHÃES, 2019, p. 79)

Melo et al. (2021) reforçam que apesar das mulheres terem muitos desafios, não podem desistir, é preciso continuar esse processo de confrontar as rígidas determinações e lutar pela igualdade e equidade, tanto como mulheres em um mundo machista, como atletas que querem ocupar posições de destaque em suas profissões. Para Rubio e Veloso (2019), a grande conquista das mulheres no século XX foi o direito à existência, ao passo que foram adquirindo maior controle sobre os seus corpos.

Por fim, como ressalta Rubio (2021), o esporte para as mulheres nunca foi uma concessão, mas sim uma conquista e que ainda há muito a buscar. Essa é uma luta persistente, por mais que às vezes seja velada e silenciada, pois “Ser mulher implica em existir e não apenas sobreviver” (RUBIO, 2021, p. 12). É fundamental reforçar a importância do esporte feminino e dar a devida visibilidade, pois o esporte é algo para todos, não apenas de domínio masculino como foi por séculos.

Ser atleta de um esporte que exige tanta capacidade para superar desafios dá um poder e um status que apenas os homens sentiam e que agora as altas executivas ou as mulheres bem sucedidas profissionalmente também têm o privilégio. A mulher atleta é o símbolo da mulher moderna: tem garra, perseverança e determinação como características de personalidade e uma capacidade de superação de limites que vem alterando antigos padrões e papéis sociais.” (DI PIERRO, 2007, p. 21)

5.1 O esporte feminino no Brasil

O esporte acompanha as mudanças e transformações sociais, e isso pode ser percebido no cenário esportivo brasileiro. Do período colonial até meados do século XIX, havia restrições acerca da participação feminina nas esferas de esporte e lazer (SANTOS; FAGGIANI, 2020). Rubio (2021) acrescenta que

Vivendo em uma sociedade patriarcal do século XIX o papel social desempenhado pelas mulheres era marcado por discriminações, preconceitos e pela ideologia do sexo frágil que impunham restrições a uma vida pública com atividades fora do lar. As mulheres brasileiras tiveram o direito de cursar o ensino fundamental em 1827, e, apenas em 1879 puderam chegar ao ensino superior, embora o acesso estivesse regulado pelo poder

econômico (Melo & Rubio, 2017). Essas disposições individuais também marcaram a participação esportiva, uma vez que, diante da inexperiência de políticas públicas para a inclusão feminina na prática de esportes, restavam esforços esparsos sustentados pelas famílias que compreendiam ser esta uma atividade fundamental para o desenvolvimento pessoal dessas jovens. (RUBIO, 2021, p. 15)

Percebe-se que a concepção da mulher como destinada a ser esposa e mãe era o ideal dominante. A sociedade conservadora do Brasil pós-independência não permitia às mulheres muitos espaços que pudessem participar na sociedade, dentre eles o esportivo. Ainda mais, o darwinismo e determinismo biológico corroboram com essa ideia, fazendo com que as mulheres pudessem praticar atividades moderadas e jogos leves, a fim de manter o seu corpo adequado à reprodução. O advogado e deputado federal Ruy Barbosa foi o primeiro a defender a presença do exercício físico no currículo para mulheres, quando ocorreu a reforma do ensino de 1882/1883 (GOELLNER, 2003 *apud* RUBIO, 2021).

O movimento higienista, presente desde o início do século XX, impactou o modo como o esporte foi inserido na sociedade, sendo um meio de propagar os ideais.

É necessário lembrar, ainda, que neste período, as atividades físicas e esportivas praticamente inexistiam nas instituições de ensino. Elas passaram a se popularizar a partir da intervenção dos médicos higienistas que, sabedores da importância da educação do corpo, se encarregaram de divulgá-la ao conjunto da população, visto que exerciam grande influência na intimidade das famílias onde, em nome da educação física, moral, sexual e social, ditavam normas de comportamento, orientando a conduta de mulheres e homens sobre o asseio, os banhos, as vestimentas, os hábitos alimentares e a realização de atividades físicas. (GOELLNER, 2005, p. 89)

O século XX foi marcado pela ampliação das perspectivas de lazer, educação escolar e esporte competitivo às mulheres. Na primeira década desse século, as mulheres de famílias europeias começaram a ter mais acesso a certas modalidades, como tênis, equitação e basquete (SANTOS; FAGGIANI, 2020); e nos anos 1920, há o início da prática em clubes. Há então uma maior presença e visibilidade no esporte, entretanto, valores científicos contrários a essa situação ainda eram marcantes na sociedade. O fato de serem contra atividades que desenvolviam a musculatura feminina, dizendo que elas não eram apropriadas, elucida esses valores femininos que eram defendidos.

Nos anos 1930, havia um projeto nacional de engrandecimento da nação, pautado em medidas higienistas e deterministas (GOELLNER, 2005). Assim,

incentivavam mulheres a se exercitarem, visto como um meio para reproduzirem filhos fortes. O ano de 1932 foi importante para o movimento de maior inclusão e participação das mulheres na sociedade. Neste ano, as mulheres adquiriram o direito ao voto e puderam representar, pela primeira vez, o país em uma Olimpíada. A participação de Maria Lenk foi um marco, ao passo que fez com que o esporte feminino fosse cada vez mais incentivado, apesar de ser com inúmeras ressalvas e restrições.

Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, a participação de Maria Lenk é um marco importante a ser registrado porque proporcionou a divulgação da imagem da atleta de competição num tempo em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo. Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher. (GOELLNER, 2005, p. 88)

Destaca-se ainda que nessa época ocorreram outros eventos importantes para as atletas. Ocorreu o primeiro campeonato de bola ao cesto, em São Paulo, apresentando as mesmas regras que a modalidade tinha para os homens (OLIVEIRA et al., 2008). Além disso, uma maior movimentação para a inserção feminina no esporte pode ser vista, como percebido pela criação dos Jogos Femininos de São Paulo.

A década de 1940 foi marcada por eventos significativos para o esporte feminino. Em 1941, foi estabelecido o Decreto-Lei nº 3.199, que diferenciava as práticas do exercício físico entre homens e mulheres, determinando que as mulheres não poderiam participar de práticas “incompatíveis com as condições de sua natureza” (SANTOS; FAGGIANI, 2020, p. 103).

Em 1949, ocorreu a primeira edição dos Jogos da Primavera, torneio destinado para atletas mulheres, que, apesar de contribuir para uma segregação entre as práticas masculinas e femininas, ampliou as possibilidades de participação para algumas. Esses torneios ocorreram até a década de 1970 e representaram uma abertura para a maior participação feminina por meio de suas “expressões corporais no movimento esportivo em diferentes modalidades, provocando modificações no rumo dos movimentos da condição esportiva feminina” (OLIVEIRA et al., 2008, p. 123).

Em um mundo marcado pelos estereótipos de gênero, algo que preocupava a sociedade era a “masculinização” do corpo feminino por meio do esporte. Assim, em 1965, foi instituída a Deliberação nº 7, que especificou as práticas proibidas às atletas (MOURA; TASCA, 2020). Modalidades como futebol, futebol de salão (futsal), futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo, beisebol e lutas eram proibidas às mulheres. Apesar das imposições, as mulheres estavam se destacando em modalidades que eram permitidas, como a natação.

Essas legislações eram um meio de regular as práticas e eventos esportivos que as mulheres podiam participar. Modalidades consideradas “agressivas e violentas” não eram permitidas. Ainda mais, o discurso biologizante e determinista impactava, de modo que reforçava o ideal de que mulheres saudáveis reproduziriam melhor, fazendo com que esses filhos constituíssem um país forte, e as filhas seriam mais robustas (MOURA; TASCA, 2020). Novamente, percebe-se que o papel social da mulher está atrelado ao papel biológico da reprodução.

Entretanto, ao mesmo tempo acreditava-se que fortalecer o corpo da mulher e prepará-lo para a maternidade poderia, de certa forma, masculinizar sua estrutura física e seus hábitos. Por esse motivo, o corpo das mulheres precisava ser controlado, assim como as atividades corporais que levavam a ele, pois a feminilidade de uma mulher seria julgada não só pelo seu comportamento, mas em especial, pelo seu corpo (GOELLNER, 2003 *apud* MOURA; TASCA, 2020, p. 567)

Essa Deliberação-Lei só foi revogada em 1979, quando uma equipe feminina de judô foi ao Campeonato Sul-americano e, mesmo competindo contra homens, retornaram ao Brasil com medalhas. Assim, foi instituída a Deliberação nº 9, especificando novas condições para a prática feminina.

Esta deliberação passa a permitir a prática de esporte por mulheres, mas ainda assim coloca algumas limitações. Entre elas destacamos que o CND apenas autoriza a participação quando permitido pelas entidades internacionais que coordenam as modalidades. Além disso, a legislação deixa claro que podem ser abertas exceções para a prática de esporte dependendo da idade ou do número de mulheres interessadas em praticar determinada modalidade, e ainda assim, devem considerar as regras das federações internacionais. (MOURA; TASCA, 2020, p. 569)

Ao longo do século XX, ocorreu um progresso gradual da inclusão das atletas, mas com ressalvas com o modo que a prática ocorria, necessitando de adaptações. Entre as décadas de 1980 e 1990 houve a maior inserção em modalidades antes proibidas ou consideradas como inadequadas, como judô, polo aquático, handebol e

futebol, mesmo que ainda não estivessem no patamar de destaque (GOELLNER, 2005). Ainda mais, esse período é marcado pela redemocratização do país após a ditadura militar, sendo reforçados os direitos civis na Constituição de 1988.

Dentre os direitos, destaca-se o direito ao esporte e lazer. O esporte, por ser um direito social, tem que ser assegurado para todos, especialmente enquanto atividades desenvolvidas em seus momentos de lazer (PORTO et al., 2018), independentemente de serem homens ou mulheres. É dever do governo promover e incentivar essas práticas como meio de inclusão e desenvolvimento social. Diferentes estatutos (da criança e do adolescente, do idoso, da pessoa com deficiência) (BRASIL, 2013a; 2013c) também enfatizam o acesso ao esporte como direito de todos os cidadãos brasileiros, independente da condição em que se encontram.

No final da década de 1990, duas leis entraram em vigor: Lei Zico e Lei Pelé (nº 8.672/1993 e nº 9.615/1998) (ATHAYDE; RODRIGUES, 2021). Essas leis, apesar de importantes, focavam na regulamentação do futebol. Para além, do futebol masculino.

Por meio da Lei de Incentivo ao Esporte (LIE), Lei nº 11.438/06 (BRASIL, 2006), recursos decorrentes da renúncia fiscal podem ser destinados a manifestações (para)desportivas. Os projetos que são financiados por essa legislação, aprovados pela Secretaria Especial do Esporte que é vinculada ao Ministério da Cidadania, contribuem para um maior acesso do esporte para os diversos públicos, além de contribuir para que atletas de alto rendimento representem o país em competições nacionais e internacionais.

A LIE contribui para a existência de políticas e projetos que contribuem para uma maior participação e permanência de mulheres no esporte. Segundo Brauner (2015), o empoderamento da mulher é um meio de diminuir a exclusão social, constituir autonomia e autoconfiança, participar da política e desenvolver liderança. Assim, os projetos esportivos podem potencializar o empoderamento, por meio dos valores do esporte. Por mais que seja reconhecida a sua importância, no Brasil ainda é pouco valorizado, mesmo que incentivado por outras políticas nacionais e internacionais.

A primeira Conferência Internacional sobre Mulher e Esporte ocorreu em Brighton, no Reino Unido, em 1994. Naquele momento foram discutidas questões sobre como acelerar o processo de mudança nos desequilíbrios existentes na participação da mulher e de meninas no esporte. Dessa conferência saiu um documento chamado Declaração de Brighton sobre

mulher e esporte, que propõe princípios que devem orientar ações para incrementar a participação feminina. O documento apresenta dez princípios, dentre os quais destaco: a) equidade e igualdade na sociedade e no esporte – propondo que os estados e governos façam todo o esforço necessário para assegurar que instituições e organizações esportivas respeitem as disposições da Carta das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e da Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres; b) informação e investigação sobre esporte – sugere o desenvolvimento de políticas e programas para melhorar as informações e o conhecimento sobre o tema. Esse documento completa, em 2014, vinte anos, sendo que pouco se avançou no cumprimento dos princípios estabelecidos na declaração, em especial no Brasil. (BRAUNER, 2015, p. 526)

Segundo Campos et al. (2017), os programas governamentais mais valorizam do que incentivam a prática esportiva, como o Programa Bolsa Atleta. Ainda mais, apontam que “mesmo com esta escassez, destaca-se, socialmente, a importância do esporte, mesmo que de forma macro social, não haja valorização” (CAMPOS et al., 2017, p. 32). Outra questão é que esses programas atendem majoritariamente ao alto rendimento, minimizando ou até mesmo excluindo as outras formas de manifestação esportiva.

No Brasil, as políticas e projetos implementados não equipararam as diferenças entre os gêneros. Soma-se que a preocupação da inserção das mulheres no esporte está explícita no Plano Nacional de Política para Mulheres e no Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, mas não está presente na Política Nacional de Esporte (BRAUNER, 2015). Para além, o desmonte do Ministério do Esporte em 2019 torna mais crítica a situação do esporte no contexto nacional.

Desde 2016, após a realização dos Jogos Olímpicos no país, existe uma tendência de retorno das políticas esportivas a um lugar de menor destaque na agenda governamental. Os primeiros sinais do governo atual parecem reforçar esse tratamento, uma vez que foi tomada a decisão de extinção do Ministério do Esporte e sua transformação em Secretaria Especial do Esporte, vinculada ao Ministério da Cidadania, juntamente com os temas da Cultura e da Assistência Social. Cabe destacar que, não obstante as mudanças na estrutura administrativa, a secretaria finalística responsável pelas ações para o esporte de alto rendimento foi mantida, o que sinaliza certo prestígio dessa dimensão no interior da política esportiva nacional. (ATHAYDE; RODRIGUES, 2021, p. 27)

É notório que o esporte feminino está crescendo no país, tendo resultados de destaque em competições internacionais (RUBIO, 2021). Só que a visibilidade dessas atletas aumenta apenas em períodos de competições de renome, ignorando

toda a preparação necessária e até campeonatos menores que contribuem para que os grandes títulos sejam alcançados.

Para além da prática feminina, a divulgação desse conteúdo em território nacional ainda é baixa e dominada pelo esporte masculino. Pode-se exemplificar essa questão pelo portal ESPNW criado em 2009, mas só chegou no Brasil em 2016 (MAGALHÃES, 2019). Esse veículo visa divulgar conteúdos sobre o esporte feminino, para aumentar o debate e fomento no Brasil. Ainda mais, o baixo número de pesquisas sobre o esporte feminino, independente da finalidade da prática, também repercute na baixa discussão sobre a importância do fenômeno no cenário acadêmico.

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que a participação delas como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens. Esta diferença pode ser identificada nas mais diversas instâncias em que se praticam as atividades corporais e esportivas, tais como nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras e também nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção” (GOELLNER, 2005, p. 94-95)

As duas últimas edições das Olimpíadas (Rio 2016 e Tóquio 2020) apresentaram as maiores delegações femininas (RUBIO, 2021). A tendência é que cada vez mais as atletas participem, mas para tal, é preciso que haja um incentivo para as que praticam e para as que estão iniciando nas modalidades, não tendo como padrão o esporte masculino, que por anos foi o único valorizado. Como elucidado por Athayde e Rodrigues (2021), os megaeventos esportivos organizam a agenda esportiva do país e, conseqüentemente, os investimentos que são feitos nas modalidades esportivas. Com o esporte feminino não sendo constantemente investido, discrepâncias podem ser vistas em relação ao masculino, além de que sem esse incentivo, é difícil conseguir ter todos os resultados almejados.

Outra questão de destaque é o salário das atletas. Uma conquista do esporte feminino, por exemplo, foi em 2020 ter a equiparação de remuneração em diárias e premiações entre os e as atletas da seleção brasileira de futebol (PIRES, 2020). Esta foi apenas uma das equiparações, em uma modalidade específica. Ainda há muito o que fazer e conquistar para que de fato as vitórias possam ter o mesmo valor e reconhecimento.

6 A ATLETA: RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E ESPORTE

6.1 O papel da mulher na História

Compreender o conceito de gênero é importante para debater o esporte feminino. Sabe-se que é um termo amplamente discutido, além de que sua conceituação é alterada de acordo com o contexto, vertente do(a) autor(a) e também com a contribuição de outras áreas de saber que podem ampliar os campos de discussão, proporcionando então novas articulações e reflexões

Os papéis “determinados” para cada gênero impactaram e impactam no modo como homens e mulheres foram vistos ao longo da Humanidade, tendo relação com a manutenção do poder e *status quo*. Freire (2016) e Ayouch (2014) apontam como historicamente a mulher é representada tendo como foco o corpo, seu físico, enquanto os homens pelo intelecto e outras características para além do seu exterior.

Para Bordo (1993), as mulheres são, por norma, associadas ao corpo e os homens ao espírito. Segundo a autora, esta associação apresenta-se negativa para as mulheres, uma vez que são associadas ao corpo seja através da cedência ao desejo sexual, seja ao afastamento de Deus. Também na opinião de Tseëlon (1995), esta associação tem um carácter negativo, uma vez que a essência de mulher (corpo e aparência) é definida como oposta ao espírito e, simultaneamente, acusa-a de ter uma essência inferior. As imagens e a ideologia sedimentadas na cultura ocidental confirmam esta concepção negativa da essência corporal feminina. Bordo (1993) faz referência às figuras femininas clássicas da mulher como sedutora (Eva, Salomé e Dalila) e também às imagens contemporâneas secularizadas, como as dos filmes e telenovelas, onde se encontra a ideia de atração fatal exercida pela mulher. Em todas elas, está presente a marca da mulher que, de forma direta ou indireta, utiliza o seu corpo como meio para atingir os seus fins. O que a autora pretende demonstrar é o poder histórico de certas imagens culturais e de uma ideologia a que mulheres, mas também homens são vulneráveis. (FREIRE, 2016, p. 16)

Segundo Nogueira (2001), na Grécia Antiga o papel do homem era relacionado à ordem e leis, enquanto o da mulher era ao desejo (compreende-se como desejo masculino) e à desordem, sendo então inferior. Ainda mais, Ayouch (2014) soma que com o avanço da medicina a partir dos pensamentos de Galeano, essa ciência começou a pensar as mulheres como homens “viradas para dentro” (AYOUCH, 2014, p. 62), ou seja, o órgão sexual feminino era referido como o masculino internalizado. A cultura judaico-cristã, estabelecida ao longo da Idade Média, reforça o androcentrismo e condena as mulheres, como visto por meio do movimento da Inquisição. Já no cenário do Iluminismo, os filósofos da época consideravam que as

mulheres ou não tinham razão ou eram inferiores, destacando que elas eram também rebaixadas intelectualmente. Reforçou-se a mentalidade neste período de que a função e papel social das mulheres estavam atrelados à maternidade e reprodução.

Até o século XVII, segundo Freire (2016), os intelectuais acreditavam que os órgãos genitais femininos internos eram resultado do subdesenvolvimento dos órgãos masculinos. No século XIX na Europa há, como destacado por Nogueira (2001) e Butler (2020), um maior domínio do campo da medicina sobre a mulher, tanto que descreveram o corpo feminino como sendo uma “cópia defeituosa do corpo do homem, para a crença de uma natureza frágil sujeita às desordens provenientes dos seus órgãos reprodutivos” (NOGUEIRA, 2001, p. 3). Esse discurso médico teve destaque na sociedade até a metade do século XX, quando o movimento feminista começou a se destacar e questionar o papel da mulher na sociedade. Com isso, dentro da comunidade acadêmica, um maior debate sobre o conceito de gênero pode ser visto.

Com a expansão do movimento feminista, que lutava pelo lugar da mulher na sociedade e reconhecimento como sujeito de pleno direito como o homem, esse termo ganhou mais destaque, sendo então alvo de discussão de diversas autoras (FREIRE, 2016; PEREIRA, 2019).

Segundo Scott (1995), o termo apareceu com as feministas norte-americanas que queriam salientar o carácter social das diferenças entre os sexos, rejeitando o determinismo biológico. Este determinismo, segundo as feministas, ocultava os fatores culturais da subordinação feminina, mantendo a ideia da existência de papéis distintos para homens e para mulheres. (FREIRE, 2016, p. 8)

6.2 As alterações do termo gênero

Gênero é um termo amplo, que sofreu e ainda sofre alterações, podendo ter um maior impacto da biologia ou do contexto social, dependendo da perspectiva. A partir da década de 1950 percebe-se uma maior presença desse termo nos cenários acadêmicos e científicos, quando ocorreu um maior debate sobre as discussões dos papéis sociais, tendo uma dualidade entre sexo e gênero.

Heilborn e Rodrigues (2018) e Lattanzio e Ribeiro (2018), dentre outros, fazem uma retomada de como esse conceito foi sendo alterado e ressignificado. Principalmente depois da segunda metade do século XX, percebe-se uma tendência de compreender gênero como sendo algo desvinculado do sexo.

Nesse processo de diferenciação, o primeiro termo – sexo – remete à natureza e, de maneira mais específica, à biologia, e o segundo termo – gênero – se refere às construções culturais das características consideradas femininas e masculinas. Tais construções são percebidas como aspectos que mantêm relação com a biologia, mas dela não derivam e variam em diferentes contextos. (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p. 11)

Algo que foi criticado a partir desse período foi a relação entre gênero e a biologia do corpo. Simone de Beauvoir, com a publicação de “O Segundo Sexo”, em 1949, foi um marco para a expansão dessa temática, ao passo que elucidou como a biologia não poderia ser o fator determinante na diferenciação entre homens e mulheres (HEILBORN; RODRIGUES, 2018). Por se pautar no existencialismo, acreditava não haver uma essência feminina, nem um destino biológico. Ela ainda aponta que a hierarquia entre homens e mulheres seria pautada na cultura, tendo como primórdios a família e também as diversas instituições que a pessoa circula, como a escola e religião. Para além dessa hierarquia, a pensadora ainda denuncia uma soberania do masculino frente ao feminino na sociedade.

John Money, psicólogo da década de 1950, destacou como não existia relação natural entre o corpo anatômico e sua identidade sexual, que seria também compreendida como identidade de gênero (LATTANZIO; RIBEIRO, 2018), a partir dos estudos que fez sobre hermafroditismo. Soma-se:

Cabe lembrar, no entanto, que a percepção de que o sexo anatômico não é o elemento definidor do que chamamos de masculinidade e feminilidade é algo que antecede muito a Money. Nesse sentido, para se ter uma ideia, a precursora do chamado feminismo político, Mary Wollstonecraft (1792/1998), já denunciava em 1792, em seu livro *A Vindication of the Rights of Woman*, que as diferenças intelectuais e de papel social entre homens e mulheres resultava da educação diferenciada dispensada a cada uma dessas classes, contrariando as teorias de sua época, segundo as quais tal desigualdade era resultado de fatores biológicos ou mesmo de desígnios divinos. De todo modo, é fato que Money conseguiu, ao forjar o conceito de gênero, catalisar e formalizar tal anseio histórico que se intensificava em sua época com o crescimento de estudos e movimentos cujas temáticas principais relacionavam-se à identidade sexual, de um ponto de vista seja psicológico, seja político. (LATTANZIO; RIBEIRO, 2018, p. 412)

Nesse período, algo que se destacou foi o impacto da Psicologia na construção e prospecção dessas diversas teorias, gerando rupturas internas. Além disso, nesse momento, argumentos como a função da família nos papéis sociais e também da genética, por meio dos arranjos cromossômicos e hormonais foram utilizados para

explicar como até então o gênero era visto como algo relacionado com as relações sociais do indivíduo, para além dos fatores biológicos.

A psicologia e a psicanálise avançavam tanto no âmbito teórico, ao postular a não naturalização da categoria de identidade sexual, dando assim primazia ao impacto das vivências iniciais sobre a formação da identidade da criança, quanto no âmbito político, pois tentavam responder a importantes questões de seu tempo. No entanto, de um modo geral, o conceito de gênero foi mal recebido entre os psicanalistas e, com o passar dos anos, praticamente desapareceu do corpo teórico da psicanálise. São diversas as razões para tal rechaço, mas entre elas podemos destacar o pensamento de que o gênero era um conceito social e, dessa forma, não interessava à psicanálise. (LATTANZIO; RIBEIRO, 2018, p. 411)

O avanço do movimento feminista colaborou para a valorização do conceito de gênero, por meio da tentativa de desnaturalizar as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres.

Diversos(as) autores(as) seguem a linha do gênero como algo cultural e social, principalmente nas últimas décadas do século XX (SCOTT, 1995, HEILBORN; RODRIGUES, 2018; BUTLER, 2020). Percebe-se como gradualmente foi sendo elaborada a ideia de que o corpo biológico é impactado pela cultura e relações de poder envolvidas na sociedade. Ayouch (2014) sintetiza o pensamento de Butler e que auxilia na compreensão da ideia de gênero como algo relacionado à cultura, performance e construção social:

Para Judith Butler, não existe nenhuma natureza ontológica, não há nenhuma diferença anatômica entre os sexos que já não esteja sempre incluída numa instituição cultural do gênero, construída socialmente e denida historicamente. Ou seja, o gênero é que precede, fabrica e dene o sexo. O gênero designa o aparelho de produção e instituição dos sexos: é a série de modos discursivos e culturais pelos quais “uma ‘natureza sexuada’ ou um ‘sexo natural’ é produzido e estabelecido num domínio ‘pré-discursivo’ que precederia a cultura, tal qual uma superfície politicamente neutra na qual a cultura interviria só posteriormente” (Butler, 1990/2005, p. 69). Assim, a identidade do gênero é que constrói os sexos e a interpretação binária da diferença entre eles, por práticas reguladoras que determinam as relações entre sexo, gênero, sexualidade e desejo. (AYOUCH, 2014, p. 66)

Gênero seria uma forma de se referir à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1995). Esse conceito rejeitaria o determinismo biológico, que está implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". Gênero transformou o cenário acadêmico, ao passo que, por estar presente nos diferentes âmbitos e relações, seria uma categoria analítica (SCOTT, 1995). Por gênero se tratar de uma

questão complexa, há muitos(as) autores(as) que se envolvem na temática, cada um com suas contribuições ou revisões. Ademais, algo que está envolvido nas diferentes noções de gênero é o fato dele ser um importante organizador das relações sociais.

Com os exemplos sobre a divisão sexual do trabalho, seja no mercado, seja nos cuidados de saúde no âmbito da família, indicamos a validade do conceito de gênero como marcador de assimetrias/desigualdades que ainda se apoiam na binaridade hierárquica de pares como masculino/feminino, homem/mulher. Neste sentido, podemos afirmar que com o conceito de gênero podemos mobilizar um debate político necessário e atual sobre como diferenças sexuais se materializam em corpos biológicos, porque o processo de discussão da heteronormatividade passa pela crítica às identidades de gênero e suas consequências nas relações sociais. Tudo isso indicaria a necessidade de pensar como, em determinados contextos, a mobilização do conceito de gênero ainda pode ser estratégica no enfrentamento das discriminações sexuais e sociais no que diz respeito às mulheres e ao enfrentamento das diferentes formas de violência – física e simbólica – que ainda nos desafiam. (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p. 18)

Como explorado por Knijnik e Souza (2004), o termo gênero é uma tentativa de se opor à noção de que os comportamentos humanos são vinculados à sua natureza, à anatomia. Assim, pode-se dizer que cada vez mais a noção de gênero está relacionada a fatores de ordem sociais e culturais, apesar de ainda haver pessoas que o relacionam de forma estrita ao biológico.

6.3 Os papéis de gênero na sociedade

Compreender o lugar que homens e mulheres ocupam e ocuparam na sociedade é um exercício para compreender a História. Freire (2016) agrega que o modo como as mulheres são socialmente compreendidas afeta os lugares que ocupam. Knijnik e Souza (2004) elucidam o pensamento de Scott:

Para esta autora [Scott], o conceito de gênero indica construções sociais, isto é, a criação inteiramente social de idéias sobre os símbolos, normas, atitudes e identidades relacionados aos homens e às mulheres. É uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades masculinas e femininas. Gênero torna-se uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder. Ou seja, a categoria gênero somente existe quando colocada num contexto social e histórico - as configurações de gênero se relacionam socialmente, formando com elas estruturas de poder que se perpetuam ou se modificam historicamente. (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.8)

Como apontado por Butler (2020) e Santos (2013), gênero é o conjunto de características que se refere às construções sobre o papel de homem e de mulher na sociedade, relacionados com normas e regras sociais que são “impostas, internalizadas, naturalizadas e cobradas pelo discurso dominante” (SANTOS, 2013, p. 19). Os comportamentos determinados por esse grupo são compreendidos como os que devem ser seguidos, sendo então transpassados e naturalizados, de modo que podem não ser questionados. Assim, a masculinidade e a feminilidade são os “construtos sociais que definem características pertinentes a homens e mulheres, respectivamente” (MELO et al., 2004, p. 2004). O gênero possui relação com os comportamentos e expectativas que são socialmente apreendidos e associados a cada um dos sexos (FREIRE, 2016). Para Butler (2020)

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2020, p. 69)

Por serem construções feitas pelo discurso dominante, acabam por beneficiar esse grupo; “Mas quais as implicações dessas construções na vida das mulheres em uma sociedade patriarcal ‘formatada’ sob égide do machismo?” (SANTOS, 2013, p. 20). Uma das consequências desse processo é, como destacado por Nogueira (2001), os papéis de gênero, que possuem relação com as expectativas que são compartilhadas em relação às qualidades e comportamentos tidos como apropriados aos indivíduos, tendo como base o seu gênero definido. Assim, cria-se um estereótipo do que é ou não apropriado para cada um.

Desde o nascimento, as concepções de gênero e seus desdobramentos impactam na vida dos sujeitos (BUTLER, 2020; ANJOS; LIMA, 2016; FREIRE, 2016). Assim, há características que são socialmente transmitidas e perpetuadas sobre o que é ou não aceitável para homens e mulheres na sociedade. Nota-se um processo de ruptura dessa dicotomização das atribuições ao longo da História, mas é um processo gradual e que abre possibilidades para a inserção em campos de atuação que antes não eram uma opção, como o cenário esportivo.

A distinção das duas noções pretende destacar o facto de o género ser um fenómeno cultural e não biológico e necessitar da compreensão de mecanismos relacionados com as expectativas sociais associadas à feminilidade e à masculinidade. Os conceitos de género e sexo encontram-se interligados e, ao classificarmos alguém como homem ou mulher com base

nos seus órgãos genitais externos (pênis e vagina, respetivamente), involuntariamente, estamos a atribuir-lhe determinados comportamentos e características. Essas diferenças, tidas como naturais, são transmitidas e reforçadas ao longo de toda a vida. Homens e mulheres comportam-se de acordo com o que a sociedade espera do seu gênero e é aceito que homens e mulheres se comportem de formas distintas (FREIRE, 2016, p. 8-9)

O gênero é algo além das diferenças biológicas sexuais entre homens e mulheres, como anteriormente se achava. Está relacionado com o modo que os corpos são simbolizados e representados socialmente, delimitando então o que é ou não pertencente ao modo de ser.

Ressalta-se ainda que os papéis atribuídos para homens e mulheres também são impactados por outros elementos, como raça, idade, condição social, entre outros (FREIRE, 2016). Com isso, homens e mulheres possuem expectativas diferentes ao considerar também esses outros elementos, mas mesmo assim, o gênero ainda é um elemento importante para a organização social. Ainda mais, segundo Knijnik e Souza (2004), as relações de gênero precisam ser analisadas levando em conta o contexto social e histórico, para que as estruturas de poder que circulam possam ser compreendidas.

6.4 Ser mulher no esporte

É notório que o esporte é um fenômeno social importante da contemporaneidade, sendo assim um meio relevante de veiculação de valores e meio de dominação. Com isso, valores do grupo dominante acabam por impactar os modos como as diferentes pessoas se comportam em relação ao fenômeno em questão (KNIJNIK; SOUZA, 2004; PEREIRA, 2019). Como apontado por Knijnik e Souza (2004), pelo esporte ter assumido características predominantemente masculinas, “[Este esporte] foi formado por e para homens e expressa hábitos e identidades masculinas” (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p. 9), assim, são demonstrados os ideais desse grupo nas práticas do fenômeno.

Segundo Goellner (2012), o avanço do movimento feminista fez com que as mulheres questionassem o seu papel no cenário esportivo, ao passo que o compreendiam como “um espaço político e, conseqüentemente, um lugar de resistência e transformação das relações de gênero” (GOELLNER, 2012, p. 49). Em outras palavras, é refletido e revisitado a participação das mulheres nesse complexo fenômeno social, refutando os valores que são tidos como constituintes.

Dentro da concepção de gênero, é comum terem papéis e comportamentos destinados a homens e mulheres. Ademais, a prática esportiva, por muito tempo, foi vista como sendo algo da natureza masculina, uma vez que o corpo musculoso, a competitividade, força, rapidez e destreza são vistos como pertencentes ao masculino, enquanto a feminilidade e delicadeza são ao feminino (FREIRE, 2016; PEREIRA, 2019).

Acerca da feminilidade, esta é considerada como sendo os “aspectos que compõem a sensualidade e que define o poder de atração de uma mulher” (MELO et al., 2004, p. 254). Os corpos que fogem desse padrão acabam sendo julgados. As atletas, pelo seu biotipo, acabam sofrendo julgamentos tendo como base padrões masculinizantes, pela sua definição muscular, força, agressividade, competitividade, entre outros (MELO et al., 2004). Deve-se ressaltar que, pelo corpo da mulher ter sido historicamente relacionado com a maternidade e reprodução, adentrar nas práticas de alto rendimento foi difícil, ao passo que havia a mentalidade de que o esforço envolvido poderia comprometer a função de reprodução (PEREIRA, 2019).

O corpo das atletas é altamente demandado, além de ser controlado. Há o controle em diferentes esferas, como debatido por Goellner (2005), desde o modo como se vestir, se portar, o quanto pode ser musculoso ou não, e até mesmo qual será o modelo de corpo que terá mais visibilidade nas mídias. Para Pereira (2019), Rubio e Veloso (2019) e Butler (2020), o ideal que é transmitido nas mídias, principalmente com o avanço da globalização no final do século XX e início do XXI, está relacionado com um projeto político e ideológico, nos quais o discurso dominante impacta o que será transmitido. Para Knijnik e Souza (2004):

No entanto, com o advento das mídias globais, e a penetração do esporte no interior destas, como um de seus principais atrativos de audiência, estas representações sociais sobre o gênero ganharam novas dimensões. Aliás, a mídia, dada a sua capacidade de filtrar os eventos e de atirar imagens sobre as pessoas, se transformou, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, na grande chave utilizada pela sociedade para desvendar o mundo, e criar os seus códigos sociais. Estes filtros estabelecidos por meio da mídia repercutem os discursos dominantes sobre as coisas do mundo – e dentre estes discursos, se destacam aqueles que ditam como ser homem ou ser mulher no mundo atual, fornecendo ou retirando valor das novas conformações de gênero que aparecem continuamente na contemporaneidade. (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p. 4)

Goellner (2005) ressaltar que por meio dos esportes, valores sociais são transmitidos. Desde cedo, as crianças são segregadas entre modalidades

“apropriadas” para meninos e meninas, de acordo com as características que seriam valorizadas para cada um. É comum que muitas pessoas nem tenham contato com determinadas modalidades, ou aconteça de maneira tardia, por não terem a possibilidade de escolha, tendo que praticar o que adultos consideravam apropriado para a sua pessoa e papel na sociedade de acordo com o seu corpo e o que é socialmente apresentado.

Essa dicotomia de papéis faz com que as atletas entrem em conflito com o cenário esportivo, pela alta demanda que o fenômeno apresenta, acaba transformando os corpos e trazendo essas outras características para o cotidiano. Com isso, não basta ser atleta, a praticante precisa constantemente reafirmar o seu lugar como mulher para conseguir ser aceita, para que a sua identidade não se torne alvo de críticas. Muito disso ocorre pela demanda e exigência do alto rendimento sobre os corpos das atletas.

A mulher conseguiu aceder à prática desportiva e à participação em competições como os Jogos Olímpicos, mas a sua identidade de atleta continua a ser colocada em segundo plano face à sua identidade enquanto mulher. São ainda vários os problemas que as mulheres encontram quando tentam alcançar a excelência no mundo do desporto. Se, por um lado, se enquadram no padrão do atleta, afastam-se, por outro, da feminilidade normativa, podendo mesmo ver a sua identidade de género questionada. Se optam por se conformar com este padrão, sujeitam-se a ser objetificadas e desvalorizadas como atletas pelos meios de comunicação social. (FREIRE, 2016, p. 5)

Festle (1996 *apud* HILLEBRAND et al., 2008) enfatiza que as atletas possuem dois desafios, resultantes de um preconceito social. Elas têm que provar que as diferenças físicas que possuem em relação aos homens não as tornam menos competentes para a prática esportiva. Precisam também combater a noção de que o esporte as torna masculinas. Desse modo, “as mulheres atletas são obrigadas a tomar o cuidado necessário para mostrar ao público que a sua prática no esporte não compromete sua feminilidade” (HILLEBRAND et al., 2008, p. 426).

Para Butler (1997), existe uma incorporação de mensagens conflitantes sobre gênero. Por um lado, afirma-se a capacidade da atleta e se representam corpos femininos fortes e fisicamente competentes como desejáveis, criando-se paralelamente formas estetizadas de representar o corpo de atletas homens muito parecidas com as formas correntes de exposição do corpo das atletas. Por outro, persiste a noção profundamente estereotipada e normatizadora do que uma atleta pode ou deve fazer, reflexos da profunda ansiedade humana para saber o que é ser uma mulher. Existe, por outro lado, segundo Bordo (1997a), a possibilidade de a atividade esportiva feminina se

adaptar à feminilidade normativa e à atual cultura do corpo, que subordina a capacidade à aparência e a autodeterminação à reprodução de padrões socialmente prezados. (HILLEBRAND et al., 2008, p. 426).

Percebe-se então, por meio de uma construção histórica, como o esporte ficou por muito tempo como sendo algo do campo masculino, ora por argumentos biológicos, ora por aspectos sociais e culturais. Ainda para Goellner (2012):

Ao desconstruírem a representação naturalizada de que homens e mulheres formam-se masculinos e femininos devido às diferenças corporais, sendo que as mesmas justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo, os estudos feministas e de gênero possibilitaram outros pontos de vista sobre o esporte. Permitiram, por exemplo, identificar que os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza e desempenho são construções históricas, as quais, em diferentes tempos e culturas, foram associadas aos homens e/ou às mulheres. Tornaram visíveis os processos generificadores constituintes do esporte, ao ressaltarem que são produzidos e reproduzidos nele masculinidades e feminilidades e que estas são sempre históricas, mutantes e provisórias. (GOELLNER, 2012, p. 48)

Assim como em outros espaços sociais, as mulheres tiveram que lutar, conquistar e reivindicar o seu lugar. Como explicitado por Goellner (2012):

Por fim, foram imperativas na desconstrução que representa o esporte como um campo naturalmente masculino, ao fazerem ver que, como qualquer outra instância social, esse é um espaço de generificação. Tal fato não ocorre por refletir as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral, mas, fundamentalmente, por produzi-las e reproduzi-las. (GOELLNER, 2012, p. 52)

Diversas autoras (FREIRE, 2016; RUBIO, 2004; 2021) questionam o tratamento que as atletas recebem ao comparar com o dos atletas. Recebem a mesma visibilidade? Mesmos prêmios? Mesmos treinamentos? Mesmas oportunidades? Mesmos apoios?

O esporte é altamente marcado pelo gênero (HILLEBRAND et al., 2008; ANDRES, 2013). Pode-se exemplificar pelo fato de haver regras diferentes dentro de uma mesma modalidade para as práticas masculinas e femininas. Pode-se ilustrar esse aspecto com a ginástica olímpica; no solo, modalidade que homens e mulheres competem, as atletas fazem a sua apresentação com música e aspectos relacionados à dança são avaliados, enquanto os atletas apenas realizam as acrobacias necessárias. Hillebrand et al. (2008) ainda ressaltam como é algo recente

competições em que homens e mulheres podem competir conjuntamente. Ainda mais, como debatido por Melo et al. (2004), os esportes podem ser classificados como tendo mais características masculinas ou femininas, que quando naturalizadas e internalizadas, interferem no julgamento dos indivíduos, principalmente quando o praticante contraria o que seria “aceitável” para o seu esporte.

Soma-se que pelas mulheres ocuparem espaços considerados masculinos, a sua sexualidade acaba também sendo questionada (PEREIRA, 2019; RUBIO, 2021).

A relação direta entre um esporte considerado masculino ou feminino e sua associação direta com expressão, desejo e sexualidade, tomada como natural, mesmo que não seja consciente do dispositivo social, não pode ser considerada ingênua e desprovida de intencionalidade porque pode gerar atos discriminatórios e preconceituosos, revelando os efeitos da diferenciação que quer reforçar o binarismo. (PEREIRA, 2019, p. 58)

Adentrar espaços que antes não eram permitidos às mulheres é um movimento de luta e resistência. Dentro do cenário esportivo, é também um meio de vencer o machismo e a misoginia que dominam esse campo (PEREIRA, 2019).

6.5 O atleta ou a atleta?

Para além dos comportamentos, a linguística e os discursos também são marcados por essa construção. O gênero pode demonstrar relações de poder e dominação estabelecidos na sociedade. Por meio de diferentes instituições, o discurso sobre o que é ou não permitido para homens e mulheres é perpetuado, refletindo nos comportamentos e modos de ser. Como apontado por Rubio e Veloso (2019):

Na língua portuguesa o substantivo “atleta” não declina gênero. Isso pode levar a uma falsa suposição de equidade. Como em outros lugares, o predomínio da lógica de dominação masculina no esporte brasileiro invalidou, durante décadas, a experiência atlética feminina. (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 51)

Pelo esporte ser considerado algo masculino, a linguagem e o imaginário socialmente construídos seguem essa lógica. Para Butler (2020, p. 31) “[...] a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero”, ou seja, ao considerar o esporte como sendo algo masculino, isso já é um meio de violência às atletas, sendo algo que vai contra as suas existências e modos de ser.

Rubio (2021) aponta como as atletas precisam ter o seu termo delimitado e questionado, enquanto é algo natural para os homens praticantes. Na mesma lógica de Butler (2020), percebe como descaracteriza-se o feminino por intermédio da linguagem:

Numa linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres representam o *irrepresentável*. Em outras palavras, as mulheres representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade linguística. Numa linguagem que repousa na significação unívoca, o sexo feminino constitui aquilo que não pode restringir nem designar (BUTLER, 2020, p. 31)

Santos (2013) e Butler (2020) apontam que a linguagem é repleta de significados. Esses não são aleatórios, demonstram relações de poder. Assim, ao desprezar as atletas e mulheres por meio da linguagem, percebe-se um transpasso de valores sociais e culturais que estão implícitos nos discursos.

6.6 O papel da Psicologia

A Psicologia tem um importante papel na discussão sobre gênero. Segundo Santos (2013), ao compreender um sujeito, é importante analisá-lo tendo em vista diferentes esferas, como raça, etnia, classe social, identidade social, gênero, dentre outras muitas. Passarelli e Miranda (2014) reforçam que “a psicologia não é independente do contexto social e participa, também, da construção da sociedade” (p. 701). Assim, é preciso levar em conta a realidade em que os sujeitos estão inseridos, suas demandas e fenômenos que influenciam seus modos de ser.

Ao pensar no gênero como algo que impacta nas condutas sociais, é válido questionar sua repercussão na vida das pessoas. Com padrões estabelecidos, rompê-los pode ser algo doloroso e até mesmo, segui-los pode ser uma grande fonte de sofrimento.

A ideia é estudar o gênero como uma categoria social que influencia ativamente no dia a dia das pessoas, pois todas(os) nós somos “enquadradas(os)”, ainda antes de nascermos, como homem ou mulher e “formatados”, ao longo da vida, à luz desse “enquadre”. Precisamos discutir e desconstruir essas e outras questões que estão no alicerce da nossa identidade: discutir estereótipos de masculinidade e feminilidade e discutir a prática da Psicologia nos diferentes espaços utilizando a perspectiva de gênero. (SANTOS, 2013, p. 29)

Até meados do século XX, a Psicologia perpetuava pensamentos que compactuavam com a mentalidade médica-determinista (BORGES et al., 2013). Com um viés determinista, os comportamentos que eram desviantes do esperado para cada gênero eram caracterizados como um transtorno, estando presente nos principais manuais médicos (SANTOS, 2013). Nogueira (2001) aponta ainda outro papel que a Psicologia teve dentro disso, ressaltando o lado da psicometria e o empirismo:

Às críticas à existência de traços associados ao gênero, isto é, de masculinidade e de feminilidade e ao seu posicionamento bipolar, mutuamente exclusivo e ao sexo biológico como determinante desses traços de gênero desejáveis e apropriados para um adequado ajustamento psicológico, aliaram-se as críticas relativas aos aspectos metodológicos. Para além da afirmação de enviesamentos sexistas, começava a ser referida a existência de valores implícitos nas escalas de medida empregues na pesquisa, que assumiam as diferenças de gênero como qualidades “essenciais” privilegiando dois gêneros psicológicos distintos, consistentes com o sexo biológico e estáveis ao longo do ciclo de vida. (NOGUEIRA, 2001, p. 13)

Soma-se ainda que grande parte das construções feitas acerca da temática de gênero foi elaborada ou sustentada por estudos da Psicologia (LATTANZIO; RIBEIRO, 2018). Com isso, essa área do saber tem responsabilidade sobre o modo como o gênero foi sendo compreendido ao decorrer do tempo.

Além disso, algo importante é que até meados da década de 1960, não havia uma nítida separação dentro dos campos teóricos entre gênero e sexo, de modo que os estereótipos sobre os papéis fossem mais propagados (AMÂNCIO, 2001). Para Amâncio (2001), o maior número de estudos nessa temática contribuiu para identificar como esses padrões repercutiam na identidade das mulheres, gerando baixa autoestima, problemas em relação ao futuro profissional e patologização de sua persona caso seus atos fugissem do esperado.

Dentro do cenário esportivo, ressalta-se a execução do teste da feminilidade (PEREIRA; CONDE, 2021). Além da humilhação e violentação dos corpos que envolvem essas práticas, algo que pode ser destacado é o sofrimento envolvido em ter que, por vias médicas, reforçar que são mulheres, ou até mesmo, femininas. O constrangimento envolvido nesses atos impacta na concepção das atletas sobre suas pessoas e suas práticas.

Ainda sobre a questão da feminilidade, algo que pode ser prejudicial para as atletas é a constante necessidade de provar que são mulheres/femininas, mesmo que não tenha um teste específico para isso. O esporte, por suas características masculinizantes, impacta os corpos, de modo que as atletas frequentemente utilizam de outros artifícios, como a valorização de sua estética, para serem reconhecidas como mulheres. Esse exercício pode ser desgastante e frustrante para quem vive essa situação.

A Psicologia tem o dever de romper com o discurso dominante, promovendo discursos alternativos à opressão (BORGES et al., 2013; SANTOS, 2013). O masculino, sendo levado como referencial, minimiza as mulheres na sociedade, e isto pode ser visto ao longo da História e nos diversos espaços. Segundo dados do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2022), atualizados no dia 25 de abril de 2022, só no estado de São Paulo, maior região de profissionais, há cerca de 104.031 psicólogas e 16.478 psicólogos. O discurso masculino e opressor pode impactar nos diversos modos de ser, tendo então essas profissionais uma grande responsabilidade no processo de construção e perpetuação de um novo discurso que possibilite e liberte dessa lógica de dominação. Segundo Santos (2013):

Entendemos que a Psicologia deve assumir o compromisso social de promover discursos alternativos que questionem a ordem dominante que oprime muitas mulheres, jovens, negras(os), a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros – LGBTQTTT, dentre outras categorias, identificando e desconstruindo estruturas sociais e práticas pessoais e profissionais que sustentam o sexismo e funcionam como instrumentos de controle social. É sobre esse aspecto que se pauta a importância de discutir gênero na Psicologia em suas diversas áreas de saber e atuação” (SANTOS, 2013, p. 29)

Anjos e Lima (2016) refletem como é importante a prática psicológica ter um embasamento crítico acerca da realidade, levando em conta os impactos que os padrões de gênero causam nos sujeitos. Os papéis de homens e mulheres, ao longo da História, sofreram alterações, assim como as concepções do que é gênero e sexo. Quem atua no campo da Psicologia deve ter uma visão crítica dessas temáticas, levando em conta o contexto e necessidades da atualidade, para que consiga assim realizar intervenções coerentes com as demandas (BORGES et al., 2013; ANJOS; LIMA, 2016).

A Psicologia precisa ser crítica no debate de gênero. Segundo Nogueira (2001) e Anjos e Lima (2016), um dos pilares que fundamentam esse campo do saber é a neutralidade (CFP, 2005). Ademais, esse aspecto gera um viés na realidade e no modo de produção de conhecimento. É impossível ser neutro nas questões de gênero: é um elemento que transpassa todas as diferentes esferas da vida, as questões de gênero permeiam a vida e podem ser um risco à saúde mental e física. Ignorá-lo é compactuar com uma mentalidade dominante que oprime e gera diversos tipos de violência.

Conforme o Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), a Psicologia deve defender a equidade e igualdade, assim como denunciar violências. Desse modo, fazer uma Psicologia desvinculada do gênero não seria um meio de ir contra os ideais que defende? É preciso defender uma atuação que seja ativa e crítica, se posicionando a favor de seus princípios.

Ainda mais, o Princípio Fundamental VII do Código de Ética aponta que “O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios deste Código” (CFP, 2005, p. 7). Pensando que a dinâmica de gênero está inserida em relações assimétricas de poder, é preciso levar em conta que o gênero está inserido nas diversas situações, sendo analisado tendo em perspectiva seus diversos modos de opressão, dominação e violências que permeiam.

Por fim, pode-se dizer que o gênero é uma construção humana que transmite valores e relações de poder. A partir dessa perspectiva, compreende-se o gênero como sendo um fenômeno social (FREIRE, 2016), sendo então alvo de estudo da Psicologia.

A ideia é estudar o gênero como uma categoria social que influencia ativamente no dia a dia das pessoas, pois todas(os) nós somos “enquadradas(os)”, ainda antes de nascermos, como homem ou mulher e “formatados”, ao longo da vida, à luz desse “enquadre”. Precisamos discutir e desconstruir essas e outras questões que estão no alicerce da nossa identidade: discutir estereótipos de masculinidade e feminilidade e discutir a prática da Psicologia nos diferentes espaços utilizando a perspectiva de gênero. (SANTOS, 2013, p. 29)

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO

7.1 O cenário brasileiro

7.1.1 O esporte como reflexo da sociedade

Como supracitado, o esporte é um fenômeno social importante na contemporaneidade. Assim, é uma forma de propagação de valores e ideais (CARVALHO, 1994; GOELLNER, 2005). Pelo fato de a realidade ser construída com base nos valores dominantes, ou seja, os valores masculinos, o esporte feminino acaba sendo desvalorizado (PORTO et al., 2018).

Isso. É... A nossa meta é chegar num momento de que está igual mesmo. Tipo, eu sei que vai ter diferenças, mas o mais igualado possível seria o ideal, sabe? É muito difícil a gente falar para a sociedade hoje em dia, falar “não, é tudo igual”. A nossa sociedade já tem uma mente muito, muito calejada disso, então é difícil para a gente. – Tamara, polo aquático

Sabe-se que os fenômenos sociais são constituídos de ideais dos detentores do poder (CARVALHO, 1994; KAFROUNI, 2015), sendo uma importante ferramenta de controle social. Assim, questiona-se como o esporte e o modo como suas práticas foram disseminadas e permitidas também serviu como um meio de controle dos corpos (ANDRES, 2013; PEREIRA, 2019), elegendo os padrões que poderiam ser reproduzidos e transmitido socialmente (GOELLNER, 2005; MENEGHEL et al. 2020).

Percebeu-se que assim como há uma luta por igualdade entre mulheres e homens nos diferentes espaços, no cenário esportivo é igual. O esporte, por ser um catalisador de questões sociais (PORTO et al., 2018) é um meio de evidenciar certas desigualdades sociais, opressões e violências existentes, como as de gênero. Por meio dos relatos, foi possível perceber diferenças entre o esporte feminino e masculino no Brasil, desde a desvalorização das estruturas, condições de prática e até das próprias atletas, além de práticas machistas e misóginas presentes no cotidiano.

O esporte é constituído por valores (ALMEIDA; DE ROSE JR, 2010), e isso reflete nos praticantes, espectadores e outros envolvidos.

Sim, e o rugby sendo um esporte que não é só um esporte de pura prática de atividade física, mas também carrega muitos valores, que isso também agrega muito mais pessoas. Você não precisa ser jogador para ser parte de

um grupo de rugbiers né? A gente tem valores como integridade, respeito, união, paixão, que acaba captando muito mais pessoas que podem ser apenas apaixonadas pelo rugby, nunca tiveram contato de fato com o jogo, mas conseguem viver os valores do esporte, não necessariamente praticando, mas praticando os valores que a gente leva do campo para fora, na vida. – Helena, rugby

7.1.2 Regionalismo

Ao pensar no esporte feminino no Brasil, é preciso considerar as múltiplas realidades que o país apresenta. Pela extensão territorial, cada região acaba tendo as suas singularidades, mas algo destacado foi o fato de a região Sudeste ter mais oportunidades e competitividade no cenário esportivo, quando comparado com as demais.

Mas, hoje, esse ano a gente jogou esse nacional, inclusive a final desse nacional entre as duas equipes do sul e sudeste vai acontecer ainda, a gente ficou em quinto nessa e estamos disputando o estadual. – Cristina, futsal.

De março a junho rolam os estaduais. Você começa as competições do estado. Aqui, como a gente tem poucos times no estado do Mato Grosso acaba sendo por região. Então a gente faz um campeonato que é o Centro-Oeste. É o [nome do clube], a gente pega toda a região do Centro-Oeste e faz uma competição “estadual”. Mas na verdade é uma regional. E aí o melhor time desse regional joga o brasileiro. – Helena, rugby

O campeonato Brasileiro ele é aberto pra quem quiser vir, mas na maioria acaba concentrando as meninas mais aqui do estado de São Paulo mesmo. Eu acho que hoje, eu não vou saber pra te falar a porcentagem certinhas, mas a quantidade de mulheres e homens que jogam polo no estado de São Paulo é muito maior que nos outros estados. Os maiores torneios estão aqui, o nível mais alto de jogos para se assistir e jogar são aqui no estado de São Paulo. – Clara, polo

Muitas atletas, para conseguirem se destacar, precisam mudar de região. Das 5 atletas entrevistadas, 3 nasceram nas regiões Sul e Sudeste e atuam em outras, ao passo que onde estavam não conseguiam se sobressair e ter tanta visibilidade como em outros lugares. A atleta de rugby nasceu em Santa Catarina e foi para o Mato Grosso; a de futsal foi de Santa Catarina para o Ceará; a de futebol é do interior de Minas Gerais e já circulou entre São Paulo, Porto Alegre e no fim, teve maior destaque no Nordeste, entre as cidades de João Pessoa e Natal. As atletas de polo e polo aquático nasceram e vivem no estado de São Paulo, no interior e capital, respectivamente.

Pelas dimensões continentais do país, o custo de deslocamento é algo que

pode ser uma dificuldade para as atletas, principalmente nas competições nacionais, necessário recorrer a patrocinadores e outras formas de investimento para que consigam chegar aos locais. Soma-se que pelas longas distâncias, nem sempre as atletas conseguem descansar de maneira adequada nesses percursos, o que pode prejudicar a performance.

De Jesus (1999) e Tiradentes (2020), por meio da Geografia dos Esportes, elucidam como a dimensão territorial impacta na prática esportiva. Para os autores, é preciso considerar, para além das dimensões territoriais de um país, os espaços, as pessoas envolvidas nesses contextos, as suas práticas e os elementos naturais e culturais que envolvem tanto o território quanto a prática em si. Ainda mais, ressaltam como o esporte é algo que movimenta a economia local. Assim, ao transitar em diversos locais em um período curto de tempo, é necessário considerar esses fatores e como isso pode também impactar o sujeito, que tem que se adaptar a essas realidades, mesmo que de forma momentânea.

No que tange à configuração territorial, isto é, ao arranjo sistêmico-funcional dos objetos geográficos no território, os esportes merecem a observação cuidadosa dos geógrafos, posto que sua prática implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais. Basicamente, o esporte deve ser encarado como uma atividade econômica, particularmente quando realizado em caráter oficial, de competição, e oferecido à sociedade (público espectador) como um artigo de consumo. Enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado, o esporte precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de permanência. São também objetos de grande visibilidade na paisagem urbana, comparecendo assiduamente no repertório imagético da sociedade, como por exemplo nos mapas mentais, aqueles que procuram sintetizar a percepção humana em uma cartografia subjetiva, calcada em sentimentos do homem comum diante dos lugares. (DE JESUS, 1999, p. 51-52)

As competições em locais distantes podem ser vistas por duas perspectivas. Por um lado, podem aproximar diversos públicos da prática esportiva, para além de uma única região, o que ajuda a perpetuar os valores da prática esportiva. Por outro, faz com que os clubes e praticantes tenham que se desgastar pensando em como arcar com isso, não conseguindo focar na competição.

Tiradentes (2020) ainda ressalta como o investimento ao esporte no cenário esportivo brasileiro é diverso, sendo visíveis diferenças nas questões estruturais de práticas. É preciso reforçar que, segundo os dados Diagnóstico Nacional do Esporte

(2013b), muitas mulheres abdicam da prática esportiva pela dificuldade de mobilidade até os locais destinados para a atividade.

Por fim, o conceito de Geografia dos Esportes ainda ajuda a perceber o fluxo migratório existente no país, mobilizado principalmente pela busca de melhorias de vida e oportunidades de trabalho (DE JESUS, 1999). Esse aspecto pode ser ilustrado, como supracitado, pelo deslocamento que as atletas fizeram em busca de oportunidades, saindo dos seus estados de origem para outros em que, ou conseguissem se destacar, ou o estado tivesse mais investimento de maneira geral.

7.1.3 Pandemia

Aqui no Brasil... Agora também nossa realidade está um pouco distinta, mas não muito diferente do que já era antes da pandemia. A gente usa a pandemia como uma desculpa de falar “Os campeonatos não estão acontecendo”, mas na verdade eles nunca aconteceram tanto. – Cristina, futsal.

Desde março de 2020, o mundo sofre impactos da pandemia do COVID-19. Foram vistos diversos momentos na pandemia, ora de maior medo e tensão, ora de mais abertura e controle da situação. O avanço da campanha de vacinação foi crucial para que a doença fosse amenizada e, gradualmente, eventos pudessem retornar (COUTO et al., 2021). A realidade do esporte brasileiro sofreu com isso: pausa nas práticas e competições, desinvestimentos, fechamento de times, demissões (CAMILO et al., 2021).

Para além do fechamento e adiamento de eventos, os(as) profissionais da área esportiva tiveram outras dificuldades nesse período. Camilo et al. (2021) apontaram alguns auxílios financeiros que o Brasil proporcionou entre 2020 e 2021 à população, ressaltando que em sua maioria os(as) profissionais esportivos não se enquadravam como beneficiários, fazendo com que muitos tivessem que recorrer à trabalhos alternativos, muitos em condições precárias, enquanto a prática esportiva não retornasse.

Entretanto, devido à pressão dos atletas e de outros profissionais atuantes na área do esporte (VECCHIOLI, 2020), no dia 16 de julho de 2020 a Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei (PL 2824/20201) que previa o pagamento do auxílio emergencial a atletas, paratletas, técnicos, preparadores físicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, massagistas, árbitros e auxiliares de arbitragem, de qualquer modalidade, profissionais ou não, incluídos os trabalhadores envolvidos na realização das competições. (CAMILO et al., 2021, p. 341-342)

Para conseguir esse auxílio, o(a) atleta não podia ter nenhum outro vinculado ao esporte, como Bolsa Atleta, além de ser maior de 18 anos, ter uma atuação no esporte de pelo menos 2 anos anteriores de maneira comprovada – de maneira amadora ou profissional –, e, dentre outros, estar cadastrado(a) em um dos Conselhos Regionais de Educação Física (CAMILO et al., 2021).

Além de ser uma preocupante questão de saúde pública, a pandemia contribuiu no agravamento de crises econômicas, políticas e sociais. A Organização Internacional do Trabalho apontou que todos os negócios, independente do seu porte, teriam repercussões desse momento histórico (ILO, 2020 *apud* CAMILO et al., 2021). É nesse cenário que os(as) atletas de alto rendimento, enquanto trabalhadores(as) de organizações esportivas, quase que em sua maioria dependentes de patrocínios diversos, estavam no momento dessa crise sanitária.

É preciso reforçar alguns aspectos que instigaram o esporte nesse momento, principalmente o de alto rendimento, visto como espetáculo (MARQUES et al., 2007). De um lado há a expectativa do público na oferta de eventos esportivos para “reduzir a angústia” do isolamento social, assim como a ideia de que os(as) atletas são “mais fortes” e fora do grupo de risco da doença; de outro, há narrativas das recomendações sanitárias internacionais e nacionais, que frisam a necessidade de isolamento também desses(as) trabalhadores(as) e de que “ninguém está imune”.

Diante de jogos políticos, controvérsias e complexas relações de poder, medidas preventivas foram adotadas no Brasil, como a proibição de eventos de lazer, culturais e esportivos, que afetaram diretamente o setor esportivo, a partir do cancelamento de campeonatos, tanto nas esferas locais quanto globais (CAMILO et al., 2020). Apenas com o avanço da imunização os eventos esportivos voltaram em maior escala, além de terem gradativamente a presença de público. O contexto da pandemia foi um momento para refletir sobre o esporte, sendo constante o paralelo entre o que acontecia “antes” e “depois” da pandemia¹.

Mas a gente tinha muito medo, não sabia o que ia acontecer, e aí voltava, parava, voltava, parava. Então era uma coisa complicada, e também a gente não sabia como estavam os outros times, porque a gente tava ruim, os outros times também deveriam estar, mas a gente estava treinando. Tinha um pouco de medo, sabe? O que que vai acontecer? Mas em questão de entrar na água, não tem muito o que fazer. Vai entrar na água. Vai entrar de máscara...?

¹ Sabe-se que a pandemia ainda não terminou, mas este foi o termo utilizado pelas atletas para situar o momento em que houve uma amenização da situação e assim, um retorno gradual dos treinos e competições.

– Tamara, polo aquático

No ano de 2020, eu comecei, fui para Maceió, joguei alguns campeonatos, mas aí foi no ano da pandemia, e a pandemia atrapalhou. Assim que eu terminei o ensino médio resolvi viajar e aí a pandemia meio que atrapalhou. Eu fiquei 6 meses fora lá em Maceió jogando a Copa Rainha Marta, só que aí parou tudo, a gente ficou assim, “Será que a gente vai pra casa ou não?” A gente achou que a pandemia não ia ser esse tanto de ano que teve, né? Tanto tempo que teve. Impactou muito também o feminino. Não teve jogo, não teve avaliação. Muitas meninas que tinham avaliação marcada em outro time, cancelou tudo. Muitas meninas perderam o ano, impactou muito. – Priscila, futebol

As duas falas puderam exemplificar um aspecto que já era comum antes da pandemia, mas que foi intensificado com o contexto sanitário: a incerteza. O esporte é regido pela performance, sendo necessário que quem esteja praticando desempenhe sempre da melhor maneira possível a sua função (MEIRA et al., 2012; RUBIO; CAMILO, 2019). Nesses últimos anos, os treinos não aconteceram nas condições adequadas, assim como os momentos que são normalmente de visibilidade para as atletas, como competições e seletivas para ingressar em novos clubes.

O cenário instaurado também trouxe elementos que dificultaram as práticas, como a utilização de máscara para biossegurança, maior distanciamento entre as pessoas durante as práticas, menos pessoas praticando, além da limitação de certos espaços em que não havia muita circulação de ar, como as academias e até mesmo quadras.

O medo da contaminação era algo frequente. Ademais, conforme os treinos foram retomando, com o avanço da vacinação e com as medidas de segurança adequadas, as atletas foram se tranquilizando, ainda mais por estarem desempenhando uma atividade que antes era muito presente em seus cotidianos e ficaram por muito tempo afastadas. Mesmo que distante das condições adequadas, praticar uma atividade que é fonte de prazer é algo de suma importância para quem está atuando, como destacado por Marchi Junior (2015), podendo ser um meio de contornar a realidade posta da pandemia e estar em contato com algo que lhes faz bem.

7.1.4 Paralelo com outros países

O modo como o esporte praticado e as atletas são vistos no local praticado impacta diretamente a subjetividade das atletas (GOELLNER, 2005; 2012). A valorização e o reconhecimento são fatores que contribuem para uma maior

satisfação na atividade desempenhada e também no modo que a praticante se vê inserida nessa realidade.

Sabe-se que por anos o esporte feminino foi limitado no Brasil, e as consequências disso puderam ser percebidas quando as atletas compararam a realidade das modalidades praticadas com outros países, inclusive países latino-americanos.

Exatamente, tem um padrão, a gente vê que quem se difere nos esportes coletivos, hoje a gente vê a escola Argentina evoluindo muito, a gente vê que está disparando em todos os desportos, principalmente coletivos, porque a escola da Argentina está fazendo bons, além de bons treinadores, tá trazendo bons atletas, tá conseguindo criar um padrão de atleta. Então o atleta quando vai disputar, ele já conhece o padrão da equipe desde que entrou na equipe, tem uma identidade a equipe, tem uma identidade, uma forma de jogar, uma forma de ver o jogo, consegue ter essa análise de que não é só físico, tático e técnico, consegue abordar hoje, por isso que eu falei que o teu assunto na Psicologia é muito importante, porque a gente vê que está crescendo muito esse trabalho mental. Então a gente vê a importância que está sendo esse trabalho mental, de querer se aperfeiçoar, de entender as diferenças, de entender as nuances, e de entender como lidar com cada atleta. É isso a gente vê a escola Argentina disparando demais a frente do Brasil, parece que o Brasil estagnou em todas as modalidades e os outros países estão evoluindo. – Cristina, futsal

Mas a gente não pode desistir. Eu acho que isso realmente reflete até hoje, o atraso, assim, se você pegar a Argentina, não sei se você já sabe, no polo, lá é o país que mais tem avançado, assim, que nem o basquete tem a NBA nos Estados Unidos, o polo é na Argentina. Eu estive lá há uns 3 anos atrás, fiquei 30 dias lá, se você vê, assim, a quantidade de crianças, de meninas, que começam a jogar, de criança assim, os meninos, as meninas, é muita gente, é muita gente. E aí então se dá, assim, que eles estão muito na frente de nós no polo, tanto em criação quanto em jogadoras. É... e aí foi assustador quando eu estive lá, porque aqui nós somos uma sementinha ainda perto do nível, da proporção que são as coisas lá, da quantidade e volume. – Clara, polo

Eu conheci o rugby através do meu padrasto, que foi jogador de rugby na Argentina, quando ele veio pro Brasil continuou praticando também no Desterro, que foi o primeiro clube onde tive minha iniciação no rugby. – Helena, rugby

A Argentina foi apontada como um país que valoriza diversas modalidades, tanto feminino quanto masculino, além de valorizar a formação dos e das atletas desde a infância.

Ainda mais, foi discutido como países do hemisfério norte costumam investir mais em infraestrutura e na manutenção da atleta na modalidade, o que faz com que muitas atletas almejem, como uma conquista, sair do Brasil para atuar internacionalmente. Agrega-se que países dessa região dão mais visibilidade para os

clubes da região Sudeste quando estão em busca de atletas, o que pode excluir atletas com potencial de alavancar as carreiras em outros cenários.

Já tô pensando sim. Eu tô em contato com uma agência de esporte que pode estar me encaminhando melhor. Mas assim, eu espero muito ir para a Europa, né? Jogar. Porque assim, fora do Brasil, na Europa, nos Estados Unidos, é ao contrário. Aqui no Brasil, o masculino é mais valorizado que o feminino. Já nos Estados Unidos, o feminino é mais apoiado. Tem uma bolsa de 100%. Você estuda, você joga, você tem um salário, e tem campeonato todo ano. Todo mês tem uma temporada muito boa lá. Então eu tenho uma meta sim, que é estar indo pra Europa, né se Deus quiser ano que vem, para poder estar evoluindo mais, pegando uma experiência, também. – Priscila, futebol

7.2 Condições de prática

7.2.1 Rotina de treinos

Como supracitado, ser atleta de alto rendimento exige dedicação (RUBIO, 2004; RUBIO; CAMILO, 2019), fazendo com que o esporte seja algo predominante na vida das atletas. As rotinas de treino são intensas, de modo que é difícil para muitas se dedicar a outra atividade que não a prática esportiva, mesmo que necessário para arcar com os custos envolvidos na modalidade.

As rotinas delas puderam ser divididas em alguns momentos: treinamento tático, treinamento físico (academia), treinamento mental, jogos (competições e amistosos). Para além, acrescenta-se que algumas atletas ainda tinham momentos destinados para fisioterapia, ou seja, conseguir recuperar o corpo para que ele aguente essa intensa agenda, que quase não há pausas. Segundo Cozac (2020), pela alta exigência do corpo, é importante que o(a) praticante de alto rendimento esteja assistido(a) por uma equipe multiprofissional, de modo que a pessoa consiga desempenhar da melhor maneira, levando em conta as diversas esferas que as(os) compõem.

Agora na pandemia teve uma mudada geral, né? Mas geralmente a gente treina aqui 5 vezes na semana, que é até abaixo do padrão nacional. Já joguei em outros clubes que a gente treinava quase 10 vezes na semana, dois períodos por dia, chegava no fim de semana a gente não tinha folga, era jogo ou viagem para jogo. Então época até que eu tive síndrome de burnout, porque não parava, eu treinava de segunda à domingo, de segunda a segunda bem dizendo, tinha uma folga ali num período da tarde. – Cristina, futsal

Na época de competições, percebeu-se como as rotinas ficam mais intensas, pois além de todos os treinos programados, é preciso conciliar também os jogos e

deslocamentos até os locais.

Pela alta demanda envolvida, muitas vezes as atletas são impossibilitadas de desenvolverem outra atividade que não o esporte. Este, para muitas, é visto como trabalho, apesar de muitas vezes não ser suficiente para compor a renda. Entretanto, há atletas que desempenham outras atividades, fazendo com que tenham que se organizar para conciliar tudo e também abdicar de alguns momentos da vida pessoal.

Não é fácil. Não é fácil. Mas a gente acaba aprendendo. Você tem que aprender a ter o jogo de cintura. Antes da pandemia eu chegava na faculdade 7h da manhã, só que eu estava na faculdade até meio-dia e meia, exatamente. Só que por conta das dobras eu tinha que sair mais cedo. Só que o bom é que na minha faculdade eram tipo, uma aula, duas aulas por dia, sabe? Então, se eu perdi um conteúdo, uma parte do conteúdo, eu não perdi tudo porque eu podia pedir para outra pessoa. Mas o ponto que mais pegava não é o... ir para a faculdade e estudar, é o quão cansativo fica essa rotina pra gente. Mas a gente aprende. Eu sempre fui uma pessoa que aprendi que tinha que estudar de noite, saía do treino, chegava em casa 10 horas da noite, e aí estudando, tinha prova, tinha que entregar trabalho, essas coisas. Então eu aprendi muito a usar os meus tempos que eu tinha de descanso, um para descansar, e o outro para fazer trabalho, ou estudar. Eu vou falar muito nisso. E eu acho que é muito o que todos os atletas aqui no Brasil fazem, sabe? A gente aprende a se virar com o tempo que a gente tem. – Tamara, polo aquático

Final de ano agora eu comecei a trabalhar período integral e não estava conseguindo ir montar nem treinar de quarta-feira, só sábado e domingo. Então eu fui jogar o campeonato brasileiro insatisfeita, pois eu sabia que não estava do jeito que eu queria, porque você entra com outra confiança dentro de campo se você está montando, se você está treinando... – Clara, polo

Percebeu-se como o esporte é algo estruturante para as atletas, impactando nas outras esferas da vida. As outras atividades feitas pela pessoa têm que se adaptar a rotina e demandas que elas já possuem em seus cotidianos, sendo necessário um planejamento. Assim, apesar de ser uma rotina exigente, é algo que agrada as atletas, ao passo que levam esse estilo de vida por anos, em prol de uma atividade que lhes é prazerosa.

Como descrito por Rubio e Veloso (2019), o esporte seria um meio de construção de identidade e alteridade. Para além, no caso das atletas, seria também um meio de autonomia e empoderamento, ao passo que, “a atleta não é apenas uma mulher que supera as barreiras da discriminação e do preconceito, mas se afirma como pessoa digna de uma imagem pública que reforça sua identidade de mulher poderosa” (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 56).

O esporte, por meio dessa rotina intensa, altera as(os) praticantes. Seja por

meio do condicionamento físico, psicológico, alimentação, lesões, dentre outros. É por meio desse corpo construído por meio do esporte que, segundo Freire (2016), é possível compreender o sujeito, seus afetos, valores e histórias pessoais. Assim, por meio da prática esportiva, o sujeito vai se constituindo.

7.2.2 Estrutura física

Os clubes precisam oferecer condições mínimas para as práticas acontecerem (COSTA, 2007). Apesar das atletas dizerem que há uma boa estrutura para tal, elas apontaram divergências em relação aos locais oferecidos para os times masculinos e femininos.

Só que teve um problema que acontece muito no time feminino. A gente foi campeão estadual do potiguar. A gente teve resultado, as meninas todas ficavam concentradas no CT², tanto o feminino quanto o masculino. Só que o time masculino do [nome do clube] tinha tudo. Tudo que eles queriam, tinha. Tinha cozinha pra eles, tinha piscina que a gente não podia usar. A gente não podia nem usar a academia, por causa que eles falaram que se a gente for na academia, e se der covid? Eles ficavam assim. E se der covid? Se vocês forem na academia, se alguém pegar COVID, se alguém no masculino aparecer com covid a culpa é de vocês. A gente preferiu não usar. – Priscila, futebol

Já tive a oportunidade de visitar alguns centros de treinamento e sei que tem uma estrutura muito melhor, muito maior, muito mais dinheiro envolvido, mas a gente também tem... O brasileiro tem essa coisa de “faz o que dá com o que tem”. E a gente é muito disso, sabe? Mas ainda falta. Sempre vai faltar para chegar, né? – Helena, rugby

A gente as vezes uma piscina que é descoberta no frio, e no masculino tem a piscina que é coberta. Tô só dando uma... explicação, assim. Não é algo que sempre acontece. Então a gente tenta lutar com isso, e muitas vezes consegue. – Tamara, polo aquático

Percebeu-se como as atletas precisam lidar com as condições que têm e mesmo assim garantirem os melhores resultados. Esperam que os resultados consigam atrair investidores para melhorar as condições físicas dos locais. Como anteriormente apontado por Campos et al. (2017), o investimento financeiro é um potencializador para os resultados. Ter uma estrutura física digna e completa é crucial para a manutenção de jogadores(as) no clube, valorização do esporte e do(a) atleta, além de ser essencial para o treinamento adequado e recuperação de atletas lesionados (KNIJNIK; SOUZA, 2007; MEIRA et al., 2012).

Ainda mais, questiona-se a relação entre os locais dispostos para as práticas femininas e masculinas, retomando a discussão sobre o modo como os corpos são

² Centro de treinamento.

valorizados na sociedade (GOELLNER, 2005; PEREIRA, 2019). Os lugares disponibilizados para as atletas pode ser um reflexo do modo que a sociedade as reconhece (MARQUES et al., 2007). Onde querem que estejam? Quais valores e ideias estão relacionados com essa ideia? Quem é priorizado com isso?

7.2.3 Custos envolvidos e relação com investimentos

O esporte apresenta diversos custos atrelados, e sabe-se que um dos motivos de muitas mulheres não estarem envolvidas no cenário esportivo é por essa questão (BRASIL, 2013b). Os recursos financeiros impactam desde a estrutura e suporte que os clubes oferecem, os patrocínios envolvidos e até mesmo o quanto as atletas conseguem se dedicar de forma exclusiva ao esporte (COSTA, 2007; CAMPOS et al., 2017).

Foi o primeiro ano dessa competição, foram 80 jogos na competição inteira, entre todos os times; eram 12 equipes, conseguindo o [NOME DO CLUBE] ficar em quinto no brasileiro, sendo que tinham equipes com muito mais futuro e muito mais poder aquisitivo que a gente, a gente ficou à frente delas. – Cristina, futsal

Algo destacado pelas atletas foi o sofrimento envolvido por terem que buscar patrocínios ou outras formas de investimento para fazer com que a prática possa acontecer. Além disso, era frustrante receber vários “nãos”, ver que as pessoas não queriam investir e ajudar a desenvolver algo que era de suma importância para elas, sendo que muitos(as) dos(as) apoiadores(as) são pessoas que já estão em contato com as atletas, como familiares e comissão técnica. O fato não era só ter que correr atrás disso, mas também saber que o masculino não tinha que se preocupar com essas questões do mesmo modo que elas, não sendo necessário esse esforço para a manutenção dos times.

Quando você fala que, “ah, vamos ajudar o futsal feminino? Vamos tentar alguma coisa?”, esse ano a gente veio com um projeto [NOME DO CLUBE] totalmente novo para as empresas que queriam abraçar o projeto... São muitos gastos, de viagem principalmente... Foi difícil, foi bem desafiador conseguir esses cinco, seis aí apoiadores ferrôneos, sendo que o nosso patrocinador maior é o dono do time, um é o presidente do time, né, o presidente do [NOME DO CLUBE], e outro é o nosso auxiliar técnico, então foram eles que investiram mais que capital nisso, e o restante a gente foi conseguindo, foi só para tentar trazer mais meninas, para a gente tentar se tornar um time mais competitivo. Essa é a principal diferença. – Cristina, futsal

A gente não consegue ir e se dar bem em campeonatos internacionais muitas

vezes por conta de investimento. Por conta de as pessoas falarem “Não, a gente vai treinar o time, então vamos juntar todo mundo e treinar”, ou “Vamos juntar esse dinheiro para as pessoas conseguir se locomoverem e treinar de verdade”, sabe? Então é uma questão de investimento e visibilidade que causa um pouco isso. – Tamara, polo aquático

Alguns acabam ajudando, algumas empresas. Às vezes a gente vende rifa. Então a gente não precisaria vender mais rifa, né? A prefeitura já devia ajudar, a cidade, ajudar o time feminino. Supermercado também, devia ajudar. Sacolão... Uns comércios, empresários. Deviam ter uma ajuda para o feminino. Porque tudo tem um valor exato de um gasto. É transferência, alimentação, água mineral, as frutas, então tinha que os mercados grandes da cidade... A gente até ia em alguns que falavam que ia ajudar, e não ajudava... A gente ia em um lugar que vendia água, pedia ajuda, e recebia “não”. É os “nãos” que a gente recebia. E a gente ficava assim, “tá, então vamo pro sinaleiro então, não sei”. Então eu acho que a rifa, pro feminino, devia acabar. Porque o masculino tem tudo. Já o feminino, não. Você não vê o masculino ir pro sinal. Você só vê o feminino vender rifa, então isso devia acabar, né? – Priscila, futebol

Essas últimas falas apontaram alguns dos gastos envolvidos no cotidiano esportivo. Porém, deve-se acrescentar outro aspecto, que é o valor/investimento gasto pelas atletas para conseguirem participar de seletivas, também conhecidas como peneiras, em times. É preciso ter os equipamentos e aparatos apropriados para a prática, conseguir se deslocar até o local e, muitas vezes, ter recursos financeiros para conseguir se manter na cidade em que o time está.

Há esportes mais caros, outros mais baratos. Mesmo com os custos envolvidos, as atletas sentem prazer nas atividades que desempenham, fazendo o possível para continuarem, tentando criar uma rede de apoio para continuar a modalidade.

Que o que a gente mais escuta, assim, do esporte em si em nível nacional, é que é um esporte de classe alta, de custo muito caro, mas assim, para quem ama, a gente deixa de fazer muitas coisas para poder estar praticando, sabe? Então existem as prioridades também. É... a gente consegue jogar um polo que caiba no nosso bolso. Eu, por exemplo, que não, assim, consegue adaptar, deixa de fazer, para conseguir jogar o polo que eu tanto gosto, entendeu? – Clara, polo

Percebe-se como a questão financeira é algo que impacta diretamente o esporte. Sem o investimento necessário em estrutura e suporte nas competições, os resultados podem ser comprometidos. Sem os resultados, a visibilidade do clube diminui, o que pode fazer com que haja um menor investimento externo, por meio de patrocínios, por exemplo. Assim, sem esses recursos, não há como elevar a qualidade do trabalho que está sendo feito, mesmo que as atletas e comissões técnicas tentem

ao máximo e trabalhem com o que é proporcionado. Di Pierro (2007), Freire (2016), Rubio e Veloso (2019), dentre outras(os), destacam como é um círculo vicioso essa relação entre visibilidade e investimento, tendo uma relação direta com o projeto de sociedade vigente: se não há visibilidade, não há dinheiro; sem dinheiro, não há como investir no esporte; sem investimento, não há resultado; sem resultados, diminui ainda mais a visibilidade. Quanto mais invisibilizadas, mais os atletas se consolidam como padrão de praticantes, sendo a fonte dos investimentos, e, por consequente, dando resultados.

O risco do desinvestimento no esporte feminino é as atletas desistirem. Sabe-se que há dificuldades em ser atleta mulher no Brasil, sendo preciso dar condições mínimas para que a prática possa ocorrer.

Impactou muito [o fim do time]na vida das meninas, porque umas deixaram de jogar futebol, porque tavam cansadas disso já, e muitos times femininos param por causa disso. E dinheiro desviado, falta de uniforme, de alimentação, de alojamento, então... Tudo isso atrapalha muito o Feminino, assim. – Priscila, futebol

7.2.4 Competições

[...] infelizmente aqui no Brasil a gente não tem tantas competições. Tem poucos times, o investimento é pouco. – Tamara, polo aquático

As atletas apontaram que as competições, no cenário nacional, são estruturadas em sua maioria em três etapas: estadual, regional e nacional. Em algumas realidades, as fases regionais e estaduais fundem-se por não haver muitos times femininos de alto rendimento daquela modalidade nesses locais.

Por algumas modalidades não terem muitos times, alguns campeonatos, como o Brasileiro, são feitos duas vezes ao ano, para que as atletas tenham mais oportunidades de competir. Com as atletas jogando mais vezes, aumenta a visibilidade, tanto das modalidades quanto das atletas, possibilitando também uma oportunidade para se destacarem e terem mudanças nas carreiras. Ainda mais, por não terem muitos times, percebe-se que a idade das atletas varia bastante dentro de um time, de modo que as equipes consigam manter a qualidade técnica e trazer novas integrantes.

É... Eu não sei dizer o que é uma vantagem, ser atleta feminina ou masculino,

eu acho que são duas realidades muito diferentes. Ao mesmo tempo que são iguais, são realidades diferentes. No feminino a gente tem mais chances de mostrar que está evoluindo do que no campeonato masculino. Porque o campeonato feminino é um pouco mais fraco que o masculino. No feminino a gente tem muita desigualdade de idade, assim. Então no mesmo time quem tem 30 anos joga com meninas que tem 15, sabe? 14. Estão começando a vida de atleta... 14 não, 17, assim. Estão começando a vida de atleta agora, então é muito difícil. Se você é um destaque, você consegue se destacar, se você quiser. E as dificuldades, é a mesma coisa. Por conta de ser um campeonato mais fácil, serem coisas mais “fáceis”, entre aspas, você tem a questão de as pessoas não valorizarem você, pelo seu trabalho. “Você consegue se sair bem porque o feminino é fácil”. Não, não é porque o feminino é fácil. É porque eu sei bem, entendeu? Então aí vem isso né? Essa questão de as pessoas não enxergarem muitas vezes o que acontece. – Tamara, polo aquático

Inclusive, o Campeonato Brasileiro ele é feito bem para incentivar as meninas que estão começando, sabe? É... os times, a gente sempre coloca uma menina de nível mais alto e tenta trazer as mais novas, que estão começando ou que nunca jogaram, que estão só taqueando, para jogar. Então o campeonato brasileiro ele tem esse intuito, a gente está sempre trazendo meninas novas. – Clara, polo

Apesar de acharem que a qualidade dos jogos possa ser comprometida, algo destacado é que essa maior rotatividade de atletas faz com que mais pessoas possam ter contato com esses esportes, fazendo com que se sintam motivadas e incentivadas a participarem.

Assim, pelo que a gente vê, tá crescendo sim. Principalmente agora nesse A3 que vai dar oportunidade para muitos times para poder colocar as meninas para jogar e ser vista, né? Creio eu que até depois do ano de 2022 vai dar uma aumentadinha se Deus quiser, vai que... É que tem a Série A, B e C, né? Quem sabe tá abrindo a série D pro feminino, e fazer que nem uma tabela do Brasileirão do masculino. Tem aqueles times que disputa Libertadores, Brasileirão, Campeonato Paulista. A gente só quer isso só, que melhora pra nós. – Priscila, futebol

Outro aspecto destacado pelas entrevistadas foi a visibilidade das técnicas nas competições. A maioria dos times são compostos por comissões técnicas majoritariamente masculinas, mas está aumentando o número de profissionais mulheres nesse meio, sendo essa também uma alternativa para quando as atletas deixarem de atuar. Percebeu-se como esse ainda é um ambiente masculino, tendo que as mulheres conquistarem e provarem merecer esse espaço, tanto nas comissões, como arbitragem, narração, dentre outros.

Hoje olha, eram 12... eram 12 clubes nessa competição nacional, que a gente tava disputando, o NFFB. Das 12 equipes, se não me falha a memória, apenas duas eram mulheres técnicas, as outras 10 eram homens. Era a técnica do [nome de um time] e a técnica do [nome de outro time]; [nome de

uma das técnicas] inclusive a melhor técnica do futsal feminino do mundo, entre os homens e as mulheres, do futsal feminino ela é a melhor do mundo, por todo o trabalho que ela vem fazendo no [nome do time]. E hoje a gente vê que a procura, por exemplo, eu tô me formando e eu quero seguir nesse ramo de alto rendimento, principalmente do esporte. Essa procura de profissionalização tá crescendo, mas ainda o espaço é muito vazio, ainda é pouco preenchido. Hoje a gente vê, a gente trouxe algumas narradoras para a competição, teve narradoras mulheres que também é um ponto que a gente não vê no Brasil, ou porque a voz é muito... aqui eles falam muito gasguita, muito aguda, “aí, é ruim de assistir futebol com tal narradora”, porque não é acostumado com voz grave do homem, do jeito de narrar do homem, e quando entra mulher nesse cenário muda um pouquinho. – Cristina, futsal

7.3 (In)visibilidades no esporte feminino

Muito mais, a gente tem que as vezes fazer três vezes mais que eles para conseguir um terço. A gente faz três vezes mais para conseguir um terço. – Cristina, futsal

Como já debatido, o esporte feminino não tem tanta visibilidade no território nacional quando comparado com o masculino. Esse aspecto foi apontado pelas atletas como uma das principais dificuldades em ser atleta no Brasil.

O nosso país é um país muito... Que vai mais para o masculino do que para o feminino, e o esporte não sai muito disso. Ninguém gosta de ver feminino. Feminino acho que a única coisa que é mais bem vista que o masculino é o vôlei. Sabe? É um esporte que as pessoas dão mais valor, mas o esporte feminino aqui no Brasil é muito difícil nessa questão de valorização. Então o polo não está muito longe disso. O masculino é mais bem-visto, recebe mais coisas que o feminino, mas a gente tenta lutar com o que a gente tem, sabe? E aí é isso. – Tamara, polo aquático

As entrevistadas relataram como é frustrante estarem se dedicando, dando o seu melhor, conseguindo resultados importantes nas competições, e não terem muitas pessoas vibrando pelas suas conquistas. Somaram que grande parte do apoio que possuem são de seus familiares, mas é desgastante o processo de tentar ampliar os espaços os quais o esporte feminino é bem visto.

Acho que a principal dificuldade é falta de visibilidade. É... é triste a gente ver o tanto que a gente abdica de nosso tempo, tanto que a gente abdica para dar o nosso melhor, e vê que as vezes quem acompanham são os nossos familiares ou aqueles mais próximos, que sabem que existe. – Cristina, futsal

Destaca-se a parte final dessa fala. A invisibilidade transborda a modalidade em si, uma vez que a pessoa que pratica também se sente minimizada com a baixa

visibilidade. Pelo esporte ser um elemento importante da identidade das atletas, quando esse aspecto é negado acaba reverberando no sujeito.

O fato de não ter uma grande circulação nas mídias, tanto das práticas quanto competições, corrobora para tal. Isso pode ser visto pelo fato das atletas ficarem incomodadas quando são cobradas apenas dos resultados das competições, sendo que isso é só a última etapa de todo o trabalho que foi feito para que pudessem alcançar esse feito. Ressalta-se que os corpos eleitos para serem valorizados e perpetuados nas mídias têm como base ideais e valores (GOELLNER, 2005).

Essa invisibilidade é fruto também da trajetória histórica do esporte feminino. Por ter sido por muito tempo desvalorizado, o masculino acabou sendo considerado o padrão, de modo que toda a atenção estivesse voltada para ele. Com isso, muitas pessoas não têm acesso ao esporte feminino por ele não ter a legitimidade que merece na sociedade.

As atletas, por meio de suas práticas, possuem então um grande desafio, que é ampliar a visibilidade da sua modalidade, primeiramente no território nacional. Isso acaba tendo dois principais impactos. Primeiro, ajudam a fazer com que mais pessoas tenham contato com a modalidade, podendo se tornar exemplos para que outras meninas vejam essas modalidades como possibilidades de práticas. Segundo, elas ajudam a desmistificar o esporte feminino, apresentar para diversas pessoas como algo que é interessante de ser visto e que deve ser reconhecido e investido no território nacional.

Eu antes de entrar no polo, a gente que olhava de fora, tinha uma visão de que não se era bem-vindo, só quem era dali, e depois que a gente passa a fazer parte, a gente começa a perceber que talvez não é bem assim, sabe? Porque são pessoas que amam muito aquilo que estão fazendo e acaba que, depois que você passa a fazer parte, ela se divide pelo amor mesmo pelo esporte, que quem convive ali vê que só se fala disso, então até quem é de fora é um pouco difícil, porque o assunto ali dentro é só cavalo, jogador e jogo. Então quando se tá lá no meio, para quem é de fora é um pouco complicado. Quem nunca jogou, sei que até fica meio perdido. – Clara, polo

É muito questão de visibilidade e investimento que a gente tem mais problema. Porque o esporte é um esporte muito legal. É um esporte que envolve água, bola, tem que fazer gol, então é um esporte muito legal. Mesmo quando as pessoas não conhecem nada e vem aqui ver uma vez, todo mundo fala “Nossa, é muito da hora”, tipo, acontece muita coisa. É um esporte de contato, então as pessoas não estão acostumadas a ver tanto contato. Mesmo você não entendendo nada você gosta. Só falta as pessoas saberem que esse esporte existe. Que é um esporte que tem muita capacidade de evoluir, sabe? E aí é isso. – Tamara, polo aquático

Quem conhece, quem... tanto que eu já tive muitas pessoas que eu

apresentei o futsal e falei “cara, vai ali assistir, para com esse discursozinho aí de que é chato, de que é isso, que as meninas são mocinhas, são donzelinhas... para com esse discursinho aí e vai ali assistir”. Eu consegui mudar a mentalidade de muita gente, só que gente próxima de mim, gente que eu falei “oh, vamos ali assistir”, só que a gente conseguiu, hoje a gente ainda consegue abocanhar o máximo, um maior número de, de espectadores né, mas a gente não consegue ainda a maioria. – Cristina, futsal

É de suma importância mulheres assistirem outras mulheres praticando, pois no passado isso não existia, o que limitou a atuação e início da prática de várias atletas. Quanto mais cedo o contato, mais fluida pode ser a inserção no cenário esportivo, além de considerá-lo como algo natural.

Então, muitos desafios. Primeiro porque era um esporte que eu já tinha assistido mas nunca tive contato direto, não era um esporte que eu tinha visto mulheres jogar, por exemplo. – Helena, rugby

As atletas pontuaram como seria importante ter uma maior divulgação do esporte feminino nas mídias. Isso colaboraria para mais pessoas terem acesso às práticas, ao passo que atualmente as competições são transmitidas por alguns poucos sites ou canais específicos do YouTube.

Eu me surpreendi que esse ano eu pude jogar um Brasileiro que é um campeonato muito... Que tem uma visibilidade e uma vitrine muito grande. Por causa que os nossos jogos foram transmitidos no MyCujoo, que é um site de jogo que pessoas de outros estados, outros países, tudo acompanha, então dá um número muito grande de pessoas que assistiram os jogos. – Priscila, futebol

Essa fala, além de ilustrar a situação em debate, elucidou que, para além da visibilidade para a população de modo geral, há um impacto na maneira como as atletas são vistas no mercado esportivo. Os baixos investimentos e patrocínios são um reflexo desse contexto.

De modo geral, o esporte feminino vem obtendo bons resultados nas competições. Ademais, se não há a divulgação merecida, isso impacta no modo como a modalidade e as atletas são conhecidas e reconhecidas por seus feitos.

7.4 O trabalho mental das atletas

As atletas, ao longo das conversas, destacaram a importância do

acompanhamento psicológico e da Psicologia do Esporte. Essa valorização pode ser percebida tanto pelo acompanhamento dos times e/ou de maneira individualizada com cada atleta com um(a) psicólogo(a), quanto pelo trabalho acadêmico que está sendo desenvolvido e ampliado nos últimos anos, dando uma maior visibilidade para o que acontece no cenário esportivo, para além dos resultados as atletas apresentam. Esse último aspecto foi percebido quando as entrevistadas expressaram, no início e final da conversa, como estavam gratas de terem tido a oportunidade de conversar e que trabalhos como esse são importantes para um maior reconhecimento das atletas no Brasil e também para denunciar a realidade em que as práticas ocorrem, quando comparadas com o esporte masculino.

Foi reconhecido que, assim como é feito um trabalho com o condicionamento físico das atletas, é de extrema importância trabalhar o mental, tendo momentos na semana exclusivos para tal.

Hoje a gente teve uma sessão. Eu adoro. Acho super importante também a gente trazer esse ponto aí pra vida, né. Não só pra vida esportiva, mas também a vida em geral. A gente tem duas horas de sessão coletiva com ela, depois ela faz atendimentos individuais, depois a gente tem intervalo pro almoço e a tarde a gente volta para fazer análise de vídeo e regenerativo. Então quinta-feira é um dia tipo... Off fisicamente, mas a gente trabalha bastante a cabeça. – Helena, rugby

Lá do [nome do clube] era muito profissional mesmo em relação a isso. A gente também tinha ajuda da psicóloga, que é muito importante também, ajudava muito as meninas. – Priscila, futebol

É necessário ter esse trabalho feito, ao passo que as atletas possuem diversos fatores em seu cotidiano que podem ser fonte de estresse e sofrimento. Dentre esses, puderam ser destacados: estar distante de familiares e amigos, podendo perder eventos importantes; lidar com comentários da torcida; não ser valorizada no meio que atua; ser pressionado a ter um bom desempenho; e se superar para conseguir permanecer no time. Acerca desse último ponto, há uma questão que pode ser difícil para as atletas, que, ao mesmo tempo que precisam ter um bom desempenho coletivo, é necessário que superem também as suas colegas de equipe para que consigam permanecer no time, o que muitas vezes gera uma competitividade pouco saudável.

Pela alta produtividade das atletas, as vezes é preciso lembrar que o corpo não é uma “máquina”, possui seus limites e é preciso respeitá-lo, apesar das condições dizerem o oposto, assim como explicitado por Rubio e Camilo (2019) e Meneghel et

al. (2020). Com o processo de consolidação do fenômeno esportivo nos moldes atuais, a performance foi sendo destacada, visando os melhores resultados e de maneira constante. Mesmo com corpos diferentes, o esperado era que desempenhasse um mesmo papel, independentemente da condição ou contexto. Caso as “máquinas” funcionem de maneira muito intensa e sem parar, acima do que a engrenagem consegue, ela pode, infelizmente, falhar e deixar de funcionar da maneira esperada.

É uma rotina intensa e com muitas demandas, sendo que essa intensidade, por períodos prolongados, pode ser prejudicial, como destacado no item que explanou sobre as rotinas das atletas.

É, exatamente. Então é muito doido. Eu gosto de trabalhar muito essa parte mental. Tenho trabalhado muito isso nos últimos anos. Sempre tive uma fortaleza mental muito grande, assim, mas que durante um tempo isso acabou também me atrapalhando, sabe? Tipo, eu tava tão... (gesticula demonstrando a intensidade) que eu falei... “Eu não aguento mais ser essa pessoa”. Eu preciso me mostrar um pouco mais frágil porque não está mais dando para aguentar tantas coisas. – Helena, rugby

Essa mesma atleta ainda acrescentou:

É muito doido, porque na intensidade do momento, na correria do dia a dia, você acaba se perdendo. Muitas vezes. Mas é doido quando você já teve nesse lugar do autocontrole, do equilíbrio, que você consegue entender, e aí é muito massa quando flui no momento. Tá, eu tô bem. As coisas estão bem. Eu tenho controle sobre coisas, de outras eu não tenho, e tá tudo bem. Tipo, a vida é isso, sabe? Então deixa acontecer, dá o teu melhor, e as vezes o teu melhor não é o suficiente para você, mas é o que você tinha naquele momento, e tipo, se respeita, e tá tudo bem. As vezes a gente só não está bem. – Helena, rugby

É preciso estar bem não só para o seu desempenho, mas também para o do time. Há pessoas que estão dependendo do seu rendimento, sendo então importante reconhecer o papel que cada uma tem na equipe e como impacta as demais.

7.4.1 Mecanismos/ estratégias defensivas

Uma expressão que foi utilizada por duas atletas foi “ter a cabeça forte”. Isso pode ser visto como uma estratégia para lidar com adversidades impostas de suas atuações.

Ser atleta é ter uma disciplina. Ter uma disciplina muito boa. Tem de ser

mente aberta. Tem que ter uma cabeça, porque qualquer coisinha desvia do nosso foco. Então ser atleta, você tem que ter uma disciplina e trabalhar bastante, treinar. A alimentação, cuidar do nosso corpo, da nossa mente. Atleta é assim. Tem que ter um psicológico muito forte, porque a gente fica muito longe da família, perde aniversário, perde datas importantes com a família. As vezes pode acontecer alguma coisa e a gente pode não estar lá. Então é resistência também, né, a gente tem que ser muito forte. As vezes a gente não tá bem, mas não quer falar com a família que a gente não tá bem pra não preocupar eles. Então a gente tem que ser muito forte mesmo. – Priscila, futebol

Essa fala elucidou como é preciso trabalhar as diferentes esferas da atleta para que ela consiga desempenhar da melhor maneira. Ainda nessa perspectiva, algo destacado foi o fato de “ser forte” e conseguir focar apenas no momento do treino, quase que separando as esferas profissionais e pessoais da vida. Esse é um exercício complexo, ao passo que elas impactam a vida do sujeito, sendo necessário ter um trabalho com pessoas especializadas para que essa cisão possa ser feita evitando prejuízos.

O machismo no cenário esportivo pode ser uma fonte de sofrimento. Assim, estratégias, para além de “ter um mental forte”, foram observadas nos diálogos. Destacou-se como “ignorar” essas vivências que seriam estressoras é um recurso utilizado por diversas atletas, uma vez que ao lidar constantemente com essa realidade gera um desgaste físico e mental, fazendo com que evitar essa situação seja menos doloroso para as atletas do que estar sempre digerindo os impactos disso.

A gente fala que quando a gente dá muito murro em ponta de faca só a gente se machuca, né. Então a gente aprende a lidar com esse tipo de gente. – Cristina, futsal

Mas eu não... Eu sou muito forte, eu ignoro. Porque se a gente for dar moral, for dar corda, a gente não joga bola mais. A gente não pode. Então a gente tem que ser forte, porque não adianta. Vai ter. Infelizmente. – Cristina, futsal

Uma vez eu comecei a jogar bola e sofri um preconceito. Eu fui bater um escanteio, foi na Copa Rainha Marta, em Alagoas. Eu coloquei a bola, assim que eu fui bater, um homem olhou pra mim e falou assim “essa bola não vai chegar lá não”, aí nem olhei pra ele, eu ignorei, e isso mexeu com o psicológico da gente. É uma coisa que a gente tem que ser forte, porque as vezes a torcida vai falar... Tem torcida pro bem e tem pro mau também né? Mas esse rapaz ele agiu com um modo bem de preconceito mesmo. Foi ruim. Aí eu tentei continuar o jogo, dei conta, fui forte, mas aí eu pensei, “Caramba, e essa bola não vai chegar por quê? Porque eu sou mulher? Porque eu não tenho força nas pernas? Porque eu não consigo?”. Aí depois eu fiquei pensando sobre isso, né. – Priscila futebol

Exato, e aí as mulheres que atuam ainda pela seleção e por qualquer outro esporte também que tenha esse desvalor, que não é sobre... Por que esse resultado não é o suficiente, sabe? O que que é o suficiente? Suficiente para

quem, né? Então aí é muito subjetivo pra gente chegar nessa igualdade. Por que sempre teve esse salário desparelho em relação ao que é o masculino e o feminino? Mas aí quando fala de grana entra outras questões que eu acabo abrindo um pouco mão das lutas porque acho que é um desgaste energético com pouco retorno. E acabo escolhendo os caminhos que quero seguir, distantes das decisões que não posso tomar. – Helena, rugby

A maior parte das coisas que as atletas dizem “ignorar” são fruto de comentários machistas e que questionam o potencial das atletas. Essa fala final apontou como é importante ter essas estratégias para suportar o sofrimento no trabalho, visto que essas agressões sofridas podem até mesmo fazer com que a atleta deixe de atuar. Muitas das situações vivenciadas pelas atletas nos ambientes esportivos podem refletir outras violências que ocorrem na sociedade, minimizando mulheres e o seu potencial de ação.

A partir desse debate, pode-se refletir como a força é um elemento valorizado no esporte. Ser vulnerável, sensível, por mais que necessário, pode ser um impeditivo para as práticas esportivas. Conforme já apresentado anteriormente (DI PIERRO, 2007; FREIRE, 2016; MOURA; TASCA, 2020), questiona-se como esse aspecto pode ter sido moldado pelos padrões de gênero da sociedade e sua repercussão no cenário esportivo, uma vez que a sensibilidade que essa lógica de ser forte, não demonstrar sentimentos e ter alto desempenho constantemente são pontos que foram exclusivos do campo da masculinidade por muito tempo, tendo que as mulheres se adequarem à essa realidade para conseguirem se fixar nos diversos campos sociais.

7.5 Proibição

É... Eu tava estudando mesmo o feminino sobre antigamente, a única revolta mesmo é sobre ser proibido, e de ler umas coisas... E também... Futebol feminino antes tinha o nome de “circo” né? Que era um espetáculo, não era um futebol, era um espetáculo, né? Aí eu fiquei curiosa e fui, “caramba, circo” ... Circo é com palhaço, essas coisas, né? Depois que foi mudando. – Priscila, futebol

Das 5 atletas entrevistadas, apenas uma não sabia que em um determinado período o esporte foi limitado para as mulheres no Brasil. Algumas sabiam de forma mais aprofundada, outras mais superficial, mas esse fato reverberou nelas.

Foi reconhecido que as atletas possuem diferenças em relação ao físico, quando comparadas com atletas homens. Ademais, apenas isso não justificaria as

disparidades existentes entre os e as atletas. Pelas modalidades analisadas possuírem contato, esse fato fez com que muitas vezes ela fosse vista como algo agressivo, não sendo pertencente à esfera da feminilidade. Segundo Rodrigues (2015), o esporte de alto rendimento exige o desenvolvimento da força física e musculabilidade, o que muitas vezes não é condizente com o que socialmente é esperado de um corpo feminino, tipo como gracioso e delicado (FREIRE, 2016; PORTO et al., 2018).

Então é uma loucura você ver que alguém, um dia, privou a gente de fazer um esporte. Não é um esporte violento, é um esporte como qualquer outro. Na minha opinião não existe essa questão de natureza. – Tamara, polo aquático

Eu... nem sei o que eu vou falar sobre isso, porque o Feminino tá mostrando resultado. Independente de ser masculino, de ser feminino. A mulher gosta de jogar, então deixa ela jogar! Se é um esporte violento...? Deixa ela jogar bola. Tinha até umas coisas entre parênteses, né? Na lei, se não me engano, por a gente ter uma bacia mais larga, por ter os peitos, também, aí eu ficava assim, “Gente do céu”, não tinha lógica não. A proibição deles não tinha nada a ver. É muito revoltante. – Priscila, futebol

Olha, eu acredito que sempre tive uma visão muito doida em relação à essa desigualdade, que na verdade culturalmente eu acho que a gente foi aplicando. Eu acho que os homens tem os valores e as aptidões físicas diferenciadas, assim como a gente tem as nossas também. Talvez não tanto fisicamente a gente vai se sobressair, mas a gente tem outras habilidades que não deixam de ser aplicáveis dentro do campo, sabe? – Helena, rugby

Por mais que exista essa diferença física, ela não é limitante para a prática, ao passo que as mulheres estão jogando e competindo com pessoas de estatura semelhante. Entretanto, ainda há uma valorização da força física, de modo que o embate com homens seja frequente para que elas consigam desenvolver essa habilidade, apesar de haver outras estratégias que elas possam usar em suas rotinas.

Então eu acho muito absurdo em algum momento alguém ter dito ou feito essa proibição, porque para mim não faz o menor sentido. Acho que são coisas que... é óbvio. Eu particularmente penso que a competição não deve existir entre o homem e a mulher, porque o embate físico no rugby principalmente onde a gente tem esse contato direto é injusto, sabe? Mas a competição do mesmo esporte sendo de mulheres contra mulheres, qual é o problema? O embate físico é... – Helena, rugby

O nosso técnico gostava muito de pôr a gente pra jogar contra o masculino para a gente pegar força, velocidade, jogada de corpo, tudo. Não importava o placar do jogo. Ele só queria que a gente pegasse mais um pouco de velocidade, mas força, né? Do corpo, comparado da mulher e do homem. E

colocasse em prática do amistoso aquilo que a gente vinha treinando. – Priscila, futebol

Freire (2016) destaca como a masculinidade, rigidez e força física ainda são aspectos valorizados no esporte, de modo que aspectos relacionados a feminilidade sejam vistos como inferiores nesse cenário. A autora ainda destaca:

A mulher conseguiu aceder à prática desportiva e à participação em competições como os Jogos Olímpicos, mas a sua identidade de atleta continua a ser colocada em segundo plano face à sua identidade enquanto mulher. São ainda vários os problemas que as mulheres encontram quando tentam alcançar a excelência no mundo do desporto. Se, por um lado, se enquadram no padrão do atleta, afastam-se, por outro, da feminilidade normativa, podendo mesmo ver a sua identidade de género questionada. Se optam por se conformar com este padrão, sujeitam-se a ser objetificadas e desvalorizadas como atletas pelos meios de comunicação social. (FREIRE, 2016, p. 5)

Mesmo que as atletas tenham consciência das diferenças físicas, conforme descrito por Rodrigues (2015), é comum as atletas se compararem com os atletas, de modo que o simples fato de ser homem já facilita as coisas no cenário esportivo.

Outro aspecto destacado foi que os resultados almejados entre o esporte feminino e o masculino, de modo geral, são os mesmos. Ambos querem a vitória e obter os melhores resultados. Mesmo com o objetivo comum, percebe-se que as condições para tal ainda são díspares.

Exatamente. Dentro da modalidade a gente tem o mesmo objetivo. Tudo bem que a diferença de força é muito grande, entre feminino e masculino. Óbvio. É incontestável, nunca vai acontecer. Isso é logicamente diferente. Mas o treino é o mesmo, pode ser o mesmo técnico entre os dois, e a gente vai ter o mesmo resultado. O resultado não é ganhar o pódio? O resultado não é ser o melhor? Então, se a gente tá cumprindo isso, então tá sendo igual, entendeu? É só a diferença de órgãos, ali. Vamos dizer. – Helena, rugby

Algo que mobilizou as atletas foi perceberem como a proibição de suas modalidades, por mais que há certo tempo, ainda reverbera na contemporaneidade. Incomodou que a proibição era baseada no fato de serem mulheres, sendo que para os homens não havia nenhuma limitação.

Se bem que agora não tá tão, tão difícil que nem antigamente, que eu estava estudando. Não sei se me engano que foi 28 ou 38 anos que o feminino foi proibido, né? Que eles fizeram uma lei... Simplesmente por ser mulher. Tava lá, é... Simplesmente por ser mulher, que não podia jogar bola, e que “é um esporte violento”, né? Pra mulher. Que só o homem podia jogar bola. Aí as

meninas antigamente nem tinha uniforme, o uniforme que elas tinham era do masculino, roupa de viagem também, tudo do masculino, era assim até elas terem resultado. Então isso já vem muito, de muito antes da gente vir pra cá. Algumas coisas melhoraram, mas tem que melhorar muito ainda. Muito mesmo. – Priscila, futebol

Eu realmente não sabia que tinha sido proibido, mas isso, assim, justifica um pouco mais do, pode chamar de “atraso” que tem o feminino com relação ao masculino acho que na maioria dos esportes. Incomoda essa situação, sabe [risos]? – Clara, polo

As atletas perceberam como a inserção no meio esportivo, por mais que com consequências em relação ao desenvolvimento, foi uma importante conquista, assim como de outros espaços na sociedade. Com isso, as praticantes se veem em um papel de continuarem transmitindo o esporte, de modo que o esporte feminino não seja desvalorizado como antigamente, mesmo sem ser por vias legais.

Por mais que não seja mais proibido, a gente tem esses impasses, eles bloqueiam nossa entrada ainda, mas é mulher, né? Nós sendo mulheres, nada para a gente, tanto que a gente brinca, né, que todo homem tem uma mulher por trás, porque senão não consegue metade da garra que, que conseguiria ao longo da vida. Então eu acho que essa forçada, principalmente no futebol de décadas atrás, é recentíssimo o que a gente conseguiu da valorização do esporte feminino. A valorização da entrada das mulheres no esporte, eu acho que... acho não, tenho certeza, que a gente ainda tá muito longe do ideal que a gente quer, da igualdade, da equidade que a gente quer, mas que a gente tá caminhando a passos, mesmo que curtinhos, numa evolução, mas que ainda tem estigmas, isso aí eu falo que vamos viver com eles, vamos ter que lutar muito contra eles ainda. O movimento feminino, esse é o bom, o movimento feminino invadiu muito as políticas femininas, então a gente conseguiu uma força maior, conseguiu um poder de voz maior. – Priscila, futebol

Ah, a gente tenta lutar, né? Com a Federação, principalmente. Porque muitas vezes a gente vê coisas acontecendo no masculino e não acontece no feminino... Então a gente tenta lutar com isso. Mas como as vezes é pouca voz que a gente tem, né? Tem muita menina nova no Brasil. É muito difícil a gente querer lutar com alguma coisa, porque sempre fala. “Ah, menina nova, quer tudo de mão beijada”, mas muitas vezes não é assim que funciona. A gente tem até que lutar com isso. – Tamara, polo aquático

Para além de continuarem transmitindo o esporte, lutam pela melhoria das condições de prática e competições de suas modalidades, e de fazer com que elas continuem existindo, apesar das adversidades que um dia houve. As atletas da atualidade são exemplos para as futuras gerações. Por mais que seja desgastante lutar, é um movimento que é preciso, para garantir que as condições de equidade prevaleçam.

É... Mas isso é muito uma questão de... Você precisa lutar por uma coisa que não precisa ser lutada. Deveria ser pros dois, sabe? E é isso. – Clara, polo aquático

7.6 Ser atleta

7.6.1 A entrada na modalidade

Pelas modalidades analisadas não serem de grande reconhecimento no Brasil, a entrada não foi algo simples, podendo até ter ocorrido de maneira tardia. Sabe-se que quanto mais tarde ocorre a iniciação esportiva, ou seja, a entrada na prática esportiva, mais difícil pode ser o alto rendimento e o aperfeiçoamento das habilidades, não que seja algo impossível, conforme ficou explícito nos relatos e também pela literatura (BRASIL, 2013b; CAMPOS et al., 2017).

O normal é fazer parte de um esporte [ainda] novo, 19, 20 anos de idade parece jovem, mas já é meio tarde, assim... As meninas tinham 15, 16 anos e o técnico da seleção armou um treino para elas em São Paulo, e eu era a mais velha do time, né. Eu tinha 20 na época e as meninas estavam com essa idade, eram menores de idade, mas mesmo assim quiseram que eu fizesse parte disso. Eu era a única menina que tava fora da faixa etária. – Helena, rugby

Essa questão de começar de novo é fundamental. Eu comecei com 28, 29 anos, eu acho que isso é... eu sinto muita diferença. Até meu marido fala, eu sou esforçada, bato na bola, faço o que tem que fazer, mas muitas vezes o meu movimento não é de jogo, assim, a batida na bola não é aquela batida de um menininho que começou lá e tem um movimento perfeito. Eu dou o sangue lá, bato naquela bola, mas muitas vezes eu não sei fazer aquele movimento perfeito de quem começa novinho e aprende aquilo naturalmente, entendeu? – Clara, polo

O começo da prática, em muitos casos, foi marcado por algum homem que já estava inserido no meio, ou por outras pessoas com laços estreitos em relação à atleta. Essa proximidade facilitou no sentido de já ter alguém para incentivar a prática e até mesmo servir de exemplo e inspiração.

Meu marido joga polo, a família dele joga polo, meu sogro, e há uns sete anos e meio atrás foi que eu comecei a ter o primeiro contato mais próximo do polo. – Clara polo

Eu conheci o rugby através do meu padrasto, que foi jogador de rugby na Argentina, quando ele veio pro Brasil continuou praticando também no Desterro, que foi o primeiro clube onde tive minha iniciação no rugby, e também no Curitiba que foi meu clube posterior, o segundo clube que joguei pelo Brasil, e ele me introduziu ao esporte. Eu sempre fui uma pessoa muito ativa, minha mãe é educadora física, tive muitas oportunidades quando era pequena de praticar diversos esportes, mas nunca um esporte que fosse

participar de um clube, e efetivamente participar de campeonatos oficiais e competir por uma instituição – Helena, rugby

Para além, percebeu-se a dificuldade em montar times femininos, tendo que muitas vezes praticar outra modalidade similar – como as mesmas atletas praticarem futsal e futebol de campo – ou até treinar com os meninos, para que não deixe de fazer algo que é prazeroso para sua pessoa, por mais que não seja nas condições ideais.

E assim, comecei a jogar futebol na quadra, com os meninos, no campo com os meninos, mas sempre com os meninos, desde os meus 7 anos de idade. Não tinha nenhuma menina. E aí montaram um time de futsal feminino, né? Quadra. – Priscila, futebol

Desde muito nova, minha irmã mais velha começou, né, a fazer, a treinar e tudo mais. Eu já era muito ligada com meu tio, eu tinha um lado mais esportivo pela minha irmã... Mas ela ingressou... Eu sou paranaense, a gente se mudou para Santa Catarina, foi onde ela começou a treinar, foi onde ela começou a jogar e eu começar a ver, ir com ela. E nisso de vou junto, vou junto, acabei ficando, isso com 8, 9 anos já. Aí fiquei, na época treinava muito futebol de areia e futebol de campo, futsal ainda não tinha entrado, fui entrar só em 2008. – Cristina, futsal

Percebeu-se como o incentivo familiar é um aspecto importante para a permanência na prática. Isso pode ser visto por meio de ações como: colocarem a filha nessas modalidades que tradicionalmente não seriam a primeira escolha para meninas; acompanharem suas trajetórias e vibrarem juntos; ao não desmerecerem as suas escolhas; e quando incentivam e investem na propagação das modalidades praticadas.

A gente vê hoje a Megan Rapinoe fala muito, ela tem muito esse discurso feminista então isso traz força para aquelas que têm medo ou acham que não têm voz ou aquelas que “ah, não vou fazer” ou até para os pais que não vão deixar “minha menina” fazer esse esporte “porque esse esporte é masculino”, “não vou deixar minha menina fazer lutas, porque lutas é visivelmente masculino” seja qual for o ramo da luta. Eu acho que a gente tá caminhando a passos curtos, mas a gente tá caminhando numa melhora aí. – Cristina, futsal

Então assim, isso eles vêm passando de pai para filho, só que você não vê, aqui pelo menos ou em qualquer outro lugar, um incentivo para que as meninas comecem, entendeu? Então assim, hoje eu tenho uma filha, de um ano e 10 meses, e eu vou fazer o maior esforço para que se ela gostar e tiver interesse, que ela tenha o mesmo direito de jogar, de ir junto, e que ela comece nova. Então assim, eu acho que falta muito da família. Aqui no clube tem muitas meninas filhas de jogadores e você não vê o incentivo das meninas. Os filhos sim, já tão as vezes até montando e jogando. – Clara, polo

Para quem está iniciando a prática, a família é um importante suporte. Assim, quanto maior o apoio nas diferentes esferas, mais segura a atleta vai ficar. Costa et al. (2018) evidenciam como a família é importante, colaborando com a criação de memórias afetivas em torno do esporte – e de sua espetacularização – favorecendo o estabelecimento de um vínculo com a modalidade e com a prática. Além disso, Hillebrand et al. (2008), a falta de apoio familiar em modalidades consideradas masculinizantes (como as eleitas nessa pesquisa) explicita o preconceito de gênero, visto que isso é fruto de estereótipos sociais acerca dos papéis esperados para homens e mulheres, e que são reforçados pelas famílias por meio de atitudes de desaprovação da prática, por exemplo. A família é um meio importante de transmissão de valores (NOGUEIRA, 2001; FREIRE, 2016), podendo estes estarem alinhados ou não ao que é esperado pela sociedade maior.

[...] o pai e o irmão jogam, um exemplo mais assim do que aconteceu, e a gente tentou trazer, “deixa as meninas jogarem com a gente”, e o pai falou assim “magina, deixa elas lá no hipismo, lá elas são boas no que elas fazem, aqui elas não vão ser ninguém”. Então existia um bloqueio. Hoje elas venceram e estão jogando com a gente, estão jogando super bem, mas você via que existia uma rigidez familiar, sabe? Hoje, assim, graças a Deus, foi quebrada essa situação, mas eu acho que essa questão do apoio e incentivo familiar eu acho que é a base; se você não tiver ali, que eu acho que... é uma cultura machista, eu acho que como em todos os outros esportes, não existe muito o incentivo, não existe... – Clara, polo

7.6.2 Desenvolvimento e permanência: o sentido do esporte para as atletas

As atletas entrevistadas são de alto rendimento. Assim, percebeu-se como o esporte é algo central em suas vidas, muitas vezes desde jovens, a ponto de ser uma parte importante de suas identidades.

E a facilidade hoje é você estar fazendo o que você ama e construindo sua vida, está se construindo como pessoa em cima de um esporte ou em cima de algo que você ama estar fazendo. Então hoje eu sou, tenho caráter que eu tenho, tenho a índole que eu tenho, tenho a formação que eu tenho, tenho o conhecimento que eu tenho, os bens materiais que eu tenho, foram todos conquistados com o futsal, com algo que eu amo, com algo que eu sempre gostei de fazer, como eu disse, a escolha lá no início foi muito fácil, foi muito fácil seguir isso. - Cristina, futsal

Sim, e o rugby sendo um esporte que não é só um esporte de pura prática de atividade física, mas também carrega muitos valores, que isso também agrega muito mais pessoas. Você não precisa ser jogador para ser parte de um grupo de rugbiers né? A gente tem valores como integridade, respeito, união, paixão, que acaba captando muito mais pessoas que podem ser apenas apaixonadas pelo rugby, nunca tiveram contato de fato com o jogo,

mas conseguem viver os valores do esporte, não necessariamente praticando, mas praticando os valores que a gente leva do campo para fora, na vida. – Helena, rugby

É notório o prazer que elas possuem pelas atividades exercidas. Uma palavra destacada foi “paixão”; as atletas são apaixonadas pela modalidade, pelo estilo de vida, além de gratas pelas consequências que tiveram em suas vidas a partir do esporte, como amizades, oportunidades de ascensão social, conhecer novas realidades. Os aspectos destacados pelas atletas também puderam ser observados no trabalho de Costa et al. (2018), no qual os autores questionam o que é ser um jogador de futebol no Brasil. A paixão pode ser percebida como um dos cinco “Es” (MARCHI JUNIOR, 2015), por meio da emoção que desperta na praticante durante a prática, além da ética, por meio dos valores e ideais presentes na modalidade que auxiliam na constituição do sujeito.

A gente foi criando esse laço, né? Sou apaixonada por esporte, sou apaixonada pelo que eu faço, então a partir do momento que eu comecei a treinar, vi a estrutura como era, eu me apaixonei, não deu outra – Cristina, futsal

Fiz a primeira aula e depois minha mãe perguntou o que eu tinha achado, se eu tinha gostado e tudo mais, aí eu... Eu não lembro de falar isso, mas a minha mãe sempre fala, que eu olhei pros olhos dela e falei que eu queria ir para a Olimpíada. Ela falou “Ah, eu me apaixonei e quero ir para a Olimpíada”. E nisso eu continuei. – Tamara, polo aquático

Apenas o gosto pela modalidade não é suficiente para a permanência no esporte de alto rendimento. É preciso uma intensa dedicação, como visto anteriormente. Entretanto, não é apenas estar presente nos treinos, mas como a atleta se envolve de maneira integral no cenário esportivo, desde o estilo de vida, alimentação e cuidados com o corpo, modo como se apresenta na sociedade, dentre outros. A dedicação está interligada à performance (RUBIO, 2004). Quanto mais tempo é utilizado para o desenvolvimento na prática esportiva, maiores as chances de ter um bom resultado. E não é apenas o tempo para a práticas técnica/ tática, mas também para o desenvolvimento das habilidades mentais e recuperação do corpo.

Algo ainda evidenciado foi o fato que não adianta só uma pessoa se dedicar, é preciso que todas estejam cumprindo o seu papel dentro do time, alinhadas, ainda mais por serem modalidades coletivas em que o resultado é atingido pelo conjunto das integrantes.

Ao longo de suas vidas, as atletas precisaram fazer escolhas para poder chegar no posto que estão, algumas mais simples, outras nem tanto. As decisões geram consequências, visto que estão abdicando de elementos que antes eram importantes, como a proximidade de suas famílias e amigos ou mesmo ter outros focos em suas vidas e não apenas o esporte. Essas escolhas são significativas para o desenvolvimento de suas carreiras, pela competitividade envolvida no esporte de alto rendimento. Essa questão pode gerar sofrimento para a atleta, pois uma vez que as coisas que foram abdicadas começam a sobressair às oportunidades que o esporte está proporcionando, tal relação pode afetar seus resultados e, conseqüentemente, sua permanência na equipe.

Para mim a palavra-chave é abdicação. A gente abdica de muita coisa, abdica de família, abdica de tempo livre, a gente abdica de muita coisa para ser atleta de alto rendimento. E se não tiver abdicação a gente não chega em canto nenhum. Se a gente quiser ter as esferas sociais e profissionais totalmente equivalentes a gente não consegue hoje. Hoje por exemplo, eu vejo minha família só no final do ano, eu moro no Ceará, mas minha família toda é de Santa Catarina. Então eu abdicó desse meu tempo anual, todos os anos eu abdicó de 11 meses de estar com a minha família para estar aqui, me dedicando e buscando me aperfeiçoar, buscando dar o meu melhor, buscando ser eficiente para a equipe. Então para mim hoje, ser atleta é ser abdicada. Nem dedicada, nem focada nada, eu tenho que entender que eu tenho que abdicar de muita coisa se eu quero realmente ser uma atleta. – Cristina, futsal

Nesse cenário, algo que pode ser destacado é que as atletas têm que abdicar em diversos momentos de suas carreiras pelo fato de ser mulher. Como Clara comentou, a maternidade é um momento em que o rendimento esportivo é afetado. Durante parte da gravidez e um período após o nascimento do bebê, teve que deixar de fazer uma atividade que era prazerosa, uma vez que o corpo apresentava outras demandas nesse momento, era preciso toda uma logística entre as rotinas esportivas e os horários do bebê – de sono e amamentação, por exemplo –, além de que longas viagens, para treino ou competições, ficaram impossibilitadas. Rodrigues (2015) aponta como é recorrente a atleta abrir mão de sua carreira em prol da família, o que corrobora com a mentalidade de que a mulher tem o papel social de reprodução (NOGUEIRA, 2001; MELO et al., 2004).

O esporte é tão presente em suas vidas que pode até ser visto como trabalho (PEREIRA, 2019; MELO et al., 2021). Há muito esforço envolvido, cujo resultado pode ser, de certo modo, mensurado pela dedicação e resultado das atletas nas

competições. Ademais, pela baixa visibilidade no cenário nacional e pelas questões legais (PORTO et al., 2018; MOURA; TASCA, 2020), ainda não é valorizado o trabalho das atletas como algo formal, tanto que são raros os casos que as atletas possuem carteira de trabalho assinada.

Ser uma atleta é ter... Cara, é muito boa essa pergunta. Eu sempre penso sobre... É difícil falar sobre... O que é, né? Tipo, quem é você? E ser atleta faz parte de mim, assim. Então... É uma profissão full-time. Ela não tem descanso. Você não tem um horário de entrada e um horário de saída. Você entra e vira uma atleta e você é pra sempre, né, tipo, desde a hora que você acorda até a hora que você vai dormir e isso vai ser durante todo o seu tempo de atleta, né. A forma como você se alimenta, a forma como você dorme, a forma como você cuida do seu corpo, da sua mente, de tudo que faz parte de você, para que você consiga ter uma performance e ser uma pessoa que vai se mostrar pro mundo, e ser uma pessoa que vai inspirar através do seu esporte. Motivar as pessoas, inspirar as pessoas a darem o seu melhor, a serem disciplinadas, a acreditarem que treinando a gente consegue atingir alguns resultados e conquistar algumas coisas, e basicamente isso. – Helena, rugby

Não ter o seu trabalho reconhecido pode ser uma fonte de sofrimento. Para além, por se tratar de um trabalho que depende altamente do corpo e que é uma atividade central na vida da pessoa, não ter o seu trabalho reconhecido pode ser um meio de desvalorizá-la também como sujeito. Não reconhecer o esporte como uma carreira legítima é um meio de desvalorizar toda a trajetória e engajamento que essas profissionais despendem em seus cotidianos (CAMPOS et al., 2017). Ao compreender o esporte de alto rendimento como trabalho, percebe-se como essa produção humana pode ser constituinte (PEREIRA, 2019), impactando no ser que realiza a tarefa.

Muitas vezes as pessoas não valorizam isso. É o seu trabalho, o seu suor, o seu tudo, e as pessoas falam “Ah, é um campeonato fácil. Você tem a obrigação de ganhar”. Muitas vezes tem muito isso, sabe? O [nome do clube] é um time muito forte, no feminino. A gente tem uma série de campeonatos que a gente tem ganhando bastante nos últimos anos. Aqui no [nome do clube] mesmo, o esporte feminino, o polo feminino, é o que tem mais títulos, daqui do [nome do clube]. O que mais ganhou títulos em todos os anos que tem aqui o polo. Mais do que todos os outros esportes, sabe? Outros esportes coletivos, no caso. E aí são muitas vezes que eles não enxergam, porque como “é mais fácil” (aspas com as mãos), como não exige tanto da gente, entendeu? São coisas assim que pegam, muitas vezes. Não é pelo seu esforço, sempre vão ver o outro lado. – Tamara, polo aquático

Acabou. Muitas meninas desistiram, foram pra faculdade estudar, né? Que muita gente pergunta. “Você está estudando? Você não trabalha? Só joga bola?”. A gente tem que enfrentar também, com isso. – Priscila, futebol

É uma carreira difícil porque ninguém leva a sério aqui no Brasil. No Brasil ninguém leva a sério uma carreira de atleta. Atleta não é uma profissão. Então é muito difícil se a gente não é jogador de futebol e não ganha milhões a

gente não é profissional. Essa parte que complica mais, mas eu acho que é uma das melhores carreiras que eu poderia ter escolhido na minha vida. É muito bom você realmente ver o resultado do seu esforço quando você sobe no pódio. Um zilhão de dias treinando pra caramba e aí você vê que deu resultado, então isso é muito gratificante, a sensação, sabe? E eu acho que é isso. Ser atleta é se superar, é ter força de vontade, querer mais, sempre, e cair e levantar e cair e levantar. – Clara, polo

Diferentemente do que muitos pensam, não é “só” jogar bola. É jogar bola, estar presente nos treinos, fazer escolhas que impactam a sua vida e de outras pessoas. São diversas esferas afetadas por essa prática.

Soma-se que estar envolvida no cenário esportivo é algo complexo, visto que a carreira é muito incerta. Essa incerteza pode ser angustiante para as atletas, pois elas têm que ao mesmo tempo consolidar a equipe que fazem parte, se consolidarem na equipe como titulares e também estarem em busca de melhores oportunidades profissionais.

Assim, é... Você tem que trabalhar muito a sua cabeça para poder encarar a realidade de que... Vou dar um exemplo. Às vezes eu fico pensando, “Será que eu quero mesmo...? Seguir?” Porque é uma coisa incerta, a gente não sabe se vai dar certo. Um exemplo. Fui em João Pessoa, joguei o Paraibano, então lá tem outras meninas, tem outros times, e a gente vai com a intenção de ganhar o campeonato, ser campeão... E se não dar certo? E se eu for? E se eu não gostar dos treinos? E se eu não for bem nos treinos? E se eu passar mal, alguma coisa assim? E se acontecer alguma coisa em casa? Tudo tem um “se”, né? E se não der certo? Será que eu vou? Será que eu não vou? Aí eu sempre tentei não ficar nessa dúvida. Eu sempre vou mesmo, de cara. Eu vou jogar bola até quando não der. Até quando eu ver, eu tentei mesmo, mas não deu. Mas eu não desisto. Eu prefiro tentar, arriscar. Se não der certo é um aprendizado. Se der certo, amém. – Priscila, futebol

A prática de alto rendimento implica diversos desafios cotidianos, como lidar com uma rotina intensa de treinos, dor, lesões, competições e superação de metas (MELO et al., 2021), sendo importante ter resiliência e foco no objetivo, muitas vezes desde jovem.

O esforço e dedicação das atletas repercutem em seus corpos, tanto que a duração da carreira de atleta de alto rendimento não é tão longa como outras (CAMPOS et al., 2017). O esporte de alto rendimento é muito intenso, e é preciso constantemente recordar que os corpos não são “máquinas”, não conseguem repetir os mesmos movimentos infinitamente. Os corpos possuem outras demandas que também precisam ser respeitadas. Tratar o corpo apenas como máquina pode antecipar o fim da carreira esportiva, ao passo que pode levá-lo ao seu limite de

maneira abrupta (RUBIO; CAMILO, 2019; MENEGHEL et al., 2020)

Isso é muito doido, porque eu até trabalho muito isso com minha psicóloga, que eu sou muito racional. Sempre fui desde pequena e tenho essa racionalidade forte em mim, isso faz eu me entender como máquina, e eu me entendi como máquina durante muito tempo. Ela falou “cadê esse pingo de humanidade que existe dentro de você?” Eu falei “opa, com certeza existe”. Talvez eu tenha maquiado isso durante tanto tempo, que hoje vem como uma onda que me faz... Sabe quando você toma um caldo na água e de repente você fala “Quem eu sou? Aonde eu tô? Por que que eu tô vivendo tudo isso?”. É tipo... Você se dá conta de que você é um ser humaninho, que também sente coisas, que não vai dar conta de tudo assim, e de repente, tipo... Vazou do balde, né? Encheu de água e agora vamos encher os copinhos e dividir essa água toda aí. – Helena, rugby

Além disso, o esporte produz outros benefícios para o corpo (MARCHI JUNIOR, 2015), tanto em níveis fisiológicos, como a liberação de hormônios e neurotransmissores que produzem a sensação de prazer, como também pelo nível social, por meio das oportunidades proporcionadas pela prática esportiva.

Cara... Eu tenho refletido muito... Eu estou num momento de transição de carreira. Não completamente deixando de ser atleta, mas nessa transição de que um momento isso vai acabar, sabe? Então, um recado ou tipo uma mensagem, é tipo, a vida de atleta ela tem um prazo. E ela precisa ser muito bem aproveitada. Tudo aquilo que o esporte te proporciona, tanto nas questões hormonais, fisiológicas, sociais, e oportunidades de vida que ele vai abrir... Vive. Intensamente isso. Porque é um momento único na vida e não tem explicação para dizer o que é ter essa experiência. – Helena, rugby

Ser atleta de alto rendimento é estar envolvida de forma muito intensa em uma atividade que é efêmera.

Apesar de todos os aspectos já mencionados, enfatizou-se como a importância de ter prazer na atividade exercida, pois isso pode minimizar os fatores estressores e de sofrimento. Inicialmente essa atividade profissional entrou na vida das atletas como algo que era extremamente prazeroso, que elas gostavam de praticar, e, com o tempo, foi havendo uma maior dedicação e envolvimento, deslocando para a prática de alto rendimento. Mesmo com o padrão elevado, é preciso ver um sentido no que se está fazendo, para que toda a dedicação seja algo gratificante.

É... o atleta tem que tá sempre preparado para o que tá fazendo e, ao mesmo tempo, tem que aproveitar, tem que estar feliz com o que tá fazendo, né? Tem que estar se sentindo bem e... o esporte hoje na minha vida acho que... tem toda a correria no dia a dia, mas na hora que a gente tá praticando é uma paz, a gente encontra a gente, eu me encontro toda vez que estou praticando algum esporte, para mim é... é uma válvula de escape. Então assim, o

momento de relaxamento, de estar comigo mesmo, é muito prazeroso, acho que é uma das coisas que eu mais gosto de fazer, assim... acho que mais ou menos é isso. – Clara, polo

Acerca das oportunidades proporcionadas pelo esporte, pode-se destacar os estudos. Apesar de, no início da carreira, muitas atletas alegarem dificuldade em conciliar estudo e treino, percebe-se como as bolsas de estudos em universidades são um diferencial, ao passo que, por meio do seu bom desempenho nas práticas, conseguiram um espaço no meio acadêmico, e assim, continuam desenvolvendo múltiplas esferas de sua pessoa, podendo ser um meio de pensar também na carreira pós-atleta. Ressalta-se que as universidades são importantes para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento, sendo um importante financiador e propagador do esporte, como no caso da Cristina.

Ser atleta envolve muitas responsabilidades. Para além de estar representando um time ou país, está representando uma modalidade. Neste caso, modalidade que já foi proibida. Ainda mais, é estar representando as diversas mulheres que não puderam praticar um esporte. Ser atleta é saber que há outras pessoas que esperam que você esteja sempre desempenhando o seu melhor e alcançando os resultados, sem saber o processo, investimentos – financeiros, de tempo e energia – e as dificuldades nesse percurso.

É uma super pressão você além de estar representando você, você representa um clube, você representa um esporte, você representa um país. E as pessoas estão olhando, esperando algo de você. E você está dando aquilo que você tem, que muitas vezes é o seu melhor, na maioria das vezes é o melhor que você tem pra dar, em diversos momentos, para algumas pessoas pode ser muito bom, para algumas pessoas pode ser tipo, o que que você está fazendo? Mas se você tem essa consciência de que você deu o melhor que você pôde, é satisfatório. E é complicado quando você está sendo um espelho do que é pro mundo, e as pessoas estão tentando criar uma expectativa em relação a você. Mas elas não sabem metade da sua história. Elas só entendem aquilo ali, tipo, você entra em campo, você é uma máquina. Você funciona, você faz a gente feliz, porque você faz pontos, e você dá bons tackles, e isso e aquilo, mas esquecem tudo que tem por trás da vida de um atleta. – Helena, rugby

Isso. É isso, e dia de jogo também, né, que é mais... Tem que ter cabeça pro jogo, também. É o que? 90 minutos lá dentro, dando o melhor. A gente tem que dar o nosso sangue, tem que morrer lá dentro do campo pra buscar o resultado. Mas foi isso, esse ano foi o que mais me pegou mesmo, foi esse Brasileirão A2 e a gente não teve nem um ano de projeto no [nome do clube]. A gente iniciou em janeiro, já mostrou resultado, aí acabou que... algumas meninas desistiram, foram estudar. A segunda opção sempre é essa, né? Fazer uma faculdade. Também tem uma coisa que acabei de lembrar aqui. Tem muita gente que chega, que me pergunta, “Ah, quanto que você ganha?”

Como é que tá?”. Às vezes as pessoas não sabem o que acontece nos bastidores, né? Só querem saber quanto que a gente ganha, não pergunta se a gente tá bem... Só interesse, né? Não sabe o que acontece. – Priscila, futebol

Ser atleta é lidar com diversas expectativas. Tanto as alheias quanto as pessoais. Ser atleta é querer que as pessoas consigam ver e valorizar o esporte da mesma maneira que fazem. Ser atleta é querer ser respeitada por fazer algo que acredita, valoriza e tem prazer, mesmo que seja algo que já foi proibido e isso ainda repercute na contemporaneidade.

Ser atleta é uma resistência. É ter como ideal e prática algo que confrontou e confronta ainda, de certo modo, o sistema e valores vigentes. As atletas precisam ser respeitadas, pois parte desse desrespeito é gerado por estarem confrontando o *status quo*.

Eu acho que é só isso mesmo, assim, pelo que eu lembro, né? Ser menos desrespeitada e acabar com esse preconceito. E o pessoal entender, que a gente é mulher, que a gente tem padrão sim, para jogar bola, que a gente tem corpo sim, que a gente tem vantagem, e tem futebol também. É isso. Pelo menos o respeito. O respeito é fundamental, né? O respeito é fundamental. – Priscila, futebol

7.6.3 Atleta de esporte coletivo

As atletas entrevistadas são todas de modalidades coletivas. Isso implica que há outras pessoas engajadas em um mesmo objetivo. Além disso, percebe-se que ocorreu uma maior valorização dos esportes coletivos a partir da década de 1970 (GOELLNER, 2005; DI PIERRO, 2007), apesar desses ainda serem considerados como um meio de “celebração da masculinidade e inaceitáveis ao gênero feminino” (DI PIERRO, 2007, p. 5).

Pela desvalorização do esporte feminino, há alguns esportes que ainda são prejudicados por não terem muitas praticantes (DE JESUS, 1999). Isso faz com que as atletas tenham que se deslocar para outras regiões com mais praticantes, ou treinar com os meninos, que normalmente já possuem um quórum para jogar. O fato de praticar com times distintos, por não conseguir ter um time fixo com a quantidade de atletas mínimo, gera prejuízos no engajamento. Para além da articulação das partes técnicas e táticas, é importante ter um contato, por mais que pequeno, com as colegas de time, para ter uma maior integração e confiança dentro de quadra/piscina/campo. Com uma alta rotatividade dos times ou jogando em uma equipe na qual você não faz

parte pelo fato de todos serem homens, há uma perda da integração.

Interfere sim. É... inclusive teve um torneio que jogamos nós três e uma menina de fora, então nós pegamos um período do ano pra sempre treinar nós três e mais alguém, tanto é que nós ganhamos os torneios todos do ano inteiro com esse time. Quando você treina junto, essa conexão, esse entendimento de jogo é outra coisa. Porque você ir jogar... já aconteceu de eu ir jogar num time que nunca tinha treinado junto, cada menina de um lugar, então dá diferença, cada uma tem um pensamento de jogo e por ser um jogo coletivo não depende de só uma pessoa, então isso acontece. Então quando você treina junto a facilidade é bem melhor e o rendimento do jogo ... é, dá certo na situação ali, de jogo em si. – Clara, polo

Praticar um esporte coletivo é saber que há outras pessoas lutando pelo mesmo objetivo. É poder construir algo juntas, acompanhar o desenvolvimento da modalidade no país. É saber que há outras meninas que vivem uma realidade similar, podendo compreender suas angústias, medos. É poder vibrar com outras pelas conquistas, assim como lamentar.

É... tem um sentimento. É verdade. É um sentimento muito bom, mesmo a gente perdendo jogo, que a gente sentava, a gente conversava, mostrava os erros, e depois era só consertar, só. Então acaba que... É união. União é muito bom. Muito bom ter isso no time. É importante. – Priscila, futebol

E isso é muito massa, fazer parte de um esporte coletivo, entender que você se responsabiliza por você e por todos e todos se responsabilizam por você também. Permitir que isso aconteça na vida, sabe? Tipo, vamos pedir ajuda, as vezes a gente vai precisar. – Helena, rugby

Ser atleta de uma modalidade coletiva é saber que o futuro da modalidade depende não só do seu desempenho, mas também de suas colegas. Colegas que também são suas competidoras, tanto do mesmo time para garantir a permanência na equipe, quanto de outras. É esse contato com diversas pessoas que também faz com que o esporte se torne cada vez mais rico e consolidado.

Ainda mais, ser atleta de uma modalidade coletiva é saber que em um mesmo grupo há pessoas com níveis diferentes, assim como idades. Essa diversidade serve como um motivador, faz com que as mais experientes sejam um exemplo para as que estão iniciando, de modo que as mulheres se auxiliem no processo de permanência na prática.

Por fim, como supracitado, estar em um esporte coletivo é estar com outras mulheres. É um meio de aumentar as forças para lutar por um objetivo comum, pois

sabe-se que há outras caminhando junto nesse percurso.

7.7 O futuro do esporte

Como já exposto, o tempo de permanência das atletas no alto rendimento não é tão longo, ao comparar com outros trabalhos (CAMPOS et al., 2017). Assim, é preciso pensar em uma maneira de fazer com que o esporte continue existindo e a nível competitivo, mesmo quando a praticante “se afastar das quadras”. Segundo Melo et al. (2021)

[...]o investimento dessas mulheres em novos projetos profissionais reforça a necessidade de se olhar a carreira atlética como um importante período na vida dessas atletas, mas não como fim. O que chama a atenção é a maioria optar pela continuidade em atividades ligadas a prática esportiva, não se vê nas novas ocupações um reconhecimento e valorização do trajeto construído. (MELO et al., 2021, p. 45)

Percebe-se, por meio desse recorte, como o esporte é algo estruturante para as atletas, ao passo que, mesmo após o fim da prática de alto rendimento, não conseguem se enxergar distante desse cenário esportivo.

As atletas mencionaram como a continuidade do esporte é algo que as aflige, tendo um grande gasto de energia nisso. Foram frequentes relatos de terem que lutar pelo que acreditam, melhores condições para as práticas, mas não só para elas, mas para as atletas que serão ainda formadas. Ao iniciar as práticas com condições melhores, pode fazer com que haja um maior foco na atividade esportiva em si, não tendo que conquistar aspectos já tidos como dados, ou melhor, que são dados para o masculino e deveriam também ser para o feminino.

Foram expostas, no decorrer da análise, algumas práticas que as atletas utilizam em seus cotidianos para continuar perpetuando os esportes em destaque, como aumentar a visibilidade nas mídias e tentar romper com os estereótipos. A seguir, serão debatidos outros pontos que também contribuem para a continuidade das práticas.

Algo que merece ser mencionado é que até o momento, foram destacadas práticas de cunho mais individuais, por exemplo, apresentar o esporte para mais pessoas. O que será apresentado aqui são meios que envolvem outras esferas do cenário esportivo.

7.7.1 A importância do incentivo desde cedo: categorias de base e projetos sociais

Algo que foi consensual entre as entrevistadas foi que era preciso não apenas investir nas atletas que já estão performando, mas também nas futuras atletas que estarão nesses postos.

É, não adianta pensar só no imediatismo, né. A gente fala, clube que quer o imediatismo acaba em 1, 2 anos, no máximo, que as peças prontas acabam. Isso vale para todas as modalidades, essa profissionalização, essa valorização do esporte de base. – Cristina, futsal

É uma coisa que é muito importante pro esporte e pra gente ver que, depois que a gente aposentar, tem uma base muito grande vindo, então o esporte não vai morrer. Não é um esporte que vai morrer. É o que falei antes, né. É um esporte muito legal. É um esporte muito divertido. Tem contato entre as pessoas, você faz gol, você pega a bola, você nada. Então é um esporte muito cansativo, mas é um esporte muito legal, porque tem uma recompensa muito forte, que é o gol. Então para a criança é um esporte muito legal, né – Tamara, polo aquático

Para Rubio (2021), iniciar cedo a prática esportiva pode ser benéfico para quem praticante. Ao comparar os homens e mulheres, ela aponta argumentos utilizados socialmente para justificar as disparidades entre os naipes esportivos: “os homens começam antes, treinam mais e, portanto, merecem prêmios melhores; os homens ganham mais e, portanto, têm mais destaque na mídia e conseqüentemente melhores patrocínios” (RUBIO, 2021, p. 25). Ao ter uma base esportiva sólida, alguns aspectos são facilitados. Um primeiro ponto é que há uma maior visibilidade do esporte no território nacional, ao passo que não são só as “adultas” que praticam, é algo difundido nas diferentes faixas etárias. Ainda nesse aspecto, quanto mais cedo a entrada na modalidade, mais fácil é a permanência e desenvolvimento no alto rendimento (sabe-se que há exceções), fica um processo mais fluido. Outro ponto é que, como citado, as atletas se aposentam da carreira do alto rendimento cedo ao comparado com outras profissões, sendo necessário reciclar os times. Tendo pessoas jogando em alto padrão desde jovens pode ser benéfico para a inserção no meio do alto rendimento.

Uma coisa que me surpreendeu bastante, principalmente nos últimos anos, tem sido bem difícil pro polo, assim. Mas ultimamente, eu vi dois campeonatos. Agora tá rolando o HaBaWaBa, que é um campeonato infantil, que é isso, né, são crianças de 11 a 13 anos mais ou menos, e eles jogam todo mundo junto, e aí são vários times, então no polo a gente se concentra muito normalmente no Rio de Janeiro e São Paulo capital. Então você vê outros lugares, Santos, Jundiaí... O time de São Paulo, que não tinha, aí o técnico da Confederação virou técnico de lá, e começou a batalhar, e aí acabou que tem 15 times agora de várias partes de São Paulo, Rio e outros lugares que antes não tinha. Então é um campeonato muito interessante pra

gente ver que a gente tem muito potencial para crescer. Muita criança vindo, então a base tá vindo mais forte que o adulto ultimamente, sabe? Espero que dê certo, né? Que as crianças continuem. É muito legal ver isso hoje em dia acontecendo. Quando faz muito tempo que não vejo. E aí rolou outro campeonato feminino, 16 times... É bastante time. Quando eu era criança não tinha tanto time. Ah, tinha, mas, uns 7, 8 times. Não eram 15 times disputando um campeonato, sabe? Então achei muito legal ver que a base está crescendo. – Tamara, polo aquático

Além das categorias base, em que as atletas são formadas, foi destacado a importância dos projetos sociais. Cozac (2020) aponta que os projetos sociais visam a educação e socialização por meio da prática esportiva, por meio de iniciativas privadas ou organizações não governamentais. Brauner (2015) reforça que os projetos sociais são um meio de engajamento social e diminuição das desigualdades, através dos valores vinculados ao esporte. Como anteriormente explicado, no Brasil o esporte pode ser utilizado como um meio de reduzir ou até mesmo abonar certos impostos, por meio de políticas de incentivo (BRASIL, 2006).

Percebeu-se a importância de investir nas atletas desde o começo. É um meio de valorizar a carreira esportiva, ao passo que é vista com seriedade, respeito e também como uma opção de futuro profissional.

O que a gente está fazendo com o projeto aqui é muito grandioso, a gente tem muitas meninas talentosas, só que a gente não tem como investir certamente numa base, porque aqui a gente sabe... A gente sabe que as dificuldades hoje são muito mais aparentes do que antes da pandemia, né, não que não existissem pré pandemia, mas com a pandemia acentuou demais todas essas disparidades entre as classes sociais. E hoje aqui, o projeto social ele vive muito, mas a gente precisa ter algo a mais para essas meninas. Precisa mostrar para elas que vale a pena mais elas estudarem, tirem esse tempo, né, porque hoje o estudo é na hora de um trabalho, estudar e tentarem o futsal ao invés de trabalhar para ajudar a mãe e o pai em casa, ou próprio se sustentar em casa. Enquanto a gente não tem essa segurança, não tem como a gente fazer esses projetos, então a gente está buscando um meio para “oh, vocês podem ficar aqui que o futuro de vocês está assegurado; a gente consegue ajudar vocês, vocês não precisam deixar de fazer o que vocês gostam, deixar de jogar futsal, deixar de criar com o futsal, porque você vai ganhar R\$100, R\$200 em um bico, num mercado, , fazendo um bico em qualquer lugar que seja”. Então essa segurança a gente está tentando trazer para o nordeste, por mais difícil que seja, mais desafiador que está sendo o caminho, mas acredito que em um futuro próximo a gente consiga. – Cristina, futsal

A valorização dessas iniciativas traz o sentimento de segurança e de que é possível estar inserida no meio esportivo (COSTA et al., 2018). Conforme Brauner (2015), os projetos sociais esportivos, ainda mais os voltados para as meninas, são

um meio de desenvolvimento de habilidades e de valores, como autonomia, autoconfiança, participação política, liderança, dentre outros.

Esses investimentos no esporte podem contribuir, para além do desenvolvimento da qualidade da modalidade, no modo que o esporte é visto no cenário nacional, ao passo que há mais pessoas praticando. Agrega-se que esses tipos de iniciativas são meios de aproximar o esporte da população que não quer se envolver diretamente com o alto rendimento, mas demonstram interesse.

O rugby no cenário nacional está em desenvolvimento. Todavia ainda não é o primeiro esporte do país. Tem potencial para ser mas ainda não é. A sociedade do rugby ainda tem muito a pedir, uma necessidade grande de desenvolver a categoria de base, a oportunidade de ter mais jogos para que mais crianças, mais pessoas participem, tenham a oportunidade de conhecer, de assistir e de praticar o esporte. Então acaba que a seleção ainda tem um foco muito pro alto rendimento, onde os atletas que são do alto rendimento estão lá e representam, mas ainda tem esse desfalque em relação a como a gente vai produzir esses atletas para chegar na alta performance, e também não só apenas pra produzir para isso, mas produzir para que mais pessoas pratiquem o esporte não só para chegar no alto rendimento para conhecer e parar ser maior do que é. Mas o esporte no Brasil é bem visto. Ele tem esse olhar do mundo lá fora que é: o Brasil tem potencial, e se bem administrado tem grandes chances de virar potência e já é uma das potências do mundo, então dá para ver o copo meio cheio com certeza. – Helena, rugby

Uma iniciativa boa desses projetos que estão sendo desenvolvidos é que a maioria são gratuitos ou com baixos custos para os praticantes. Ademais, isso pode ser conflitante para as organizações, pois, infelizmente, no Brasil, a prática esportiva ainda é algo caro, o que faz com que muitos projetos tenham que encerrar por não conseguirem arcar com os custos.

Eles [projeto social no clube de Franca] eram uma escola que não se pagava, então assim, acabava tendo um custo alto para manter, com uma mensalidade simbólica para poder girar, trazer e chegou em um ponto que se tornou inviável. Quem procura e tem o interesse eles dão apoio, cede por um ano cavalo, mas assim, a escola em si acabou. – Clara, polo

Conforme as atletas estão inseridas desde cedo no meio esportivo, é criada a ideia de que elas pertencem a esse espaço, se tornando algo mais natural. Com isso, o esperado é que cada vez mais sejam diminuídos os estigmas em cima da prática esportiva feminina.

7.7.2 As lutas

Não é um caminho fácil lutar pela valorização do esporte feminino na atualidade, mais ainda, fazer isso enquanto estão lutando também pelas próximas atletas. Falar sobre a realidade que estão inseridas é um jeito de ampliar o cenário para outras pessoas. Para além, foi um meio das atletas entrarem em contato com temáticas que poderiam não ter pensado antes.

As atletas têm orgulho do que estão fazendo e querem que outras atletas tenham o privilégio de fazerem parte dessa realidade. Assim, ressaltaram como é crucial fazer o trabalho de lutar pelo que acredita dentro do esporte, pois ao estar inseridas em um mundo regido pelos valores masculinos dominantes, é possível que ocorra novamente a segregação, mas com outros argumentos, como já visto ao longo da História.

Então eu acho que vai ser muito rico essa troca, esse meio científico, sou apaixonada pelo meio científico, então quanto mais tiver sobre nós, sobre nossa luta e daqui 5, 10 anos tomara Deus, eles olhem para trás e falem “oh, tão plantando lá atrás, começaram lá atrás plantar essa sementinha, então agora a gente tá colhendo os frutos”. Espero eu pelo menos daqui uns 10 anos a gente tenha andado, evoluído um pouquinho e que não tenha retrocedido tudo isso. – Cristina, futsal

É, quando eu fui estudar eu fiquei assim... Que eu vi um vídeo, né? Até publiquei ele. Depois vou mandar para você também. Acho que você deve ter visto... De tudo, né? Que conta a história [do futebol feminino no Brasil]. Eu fiquei, isso passou assim na minha cabeça: “Caramba, eu não posso desistir, eu vou até o final, o que eu puder fazer para ajudar alguém do feminino também eu vou ajudar.” Porque lá, antes, tinham elas que não desistiram, porque se elas desistissem a gente não ia estar aqui hoje jogando bola. Então a gente do feminino que joga futebol e tem um sonho, a gente tem que correr atrás disso, a gente não pode desistir. Porque elas lá atrás não desistiram. E o futuro é a gente né? As meninas mais novas. Então a gente tem que levar pancada nas costas até o fim pra que outras meninas bem mais pra frente não desistem e deixar um legado, né? No feminino, uma história, assim. De que a gente não desistiu e lutou até o fim, pela modalidade. – Priscila, futebol

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cinco entrevistadas, por intermédio de seus relatos, puderam explicitar como o esporte é um importante fenômeno social, além de ser estruturante para as suas subjetividades. Como apontado por Kafrouni (2015), os fenômenos sociais são ferramentas para a construção da subjetividade, e assim, podem ser estruturantes para a constituição dos sujeitos. Para além, é um meio de controle e dominação (CARVALHO, 1994), por meio da transmissão de ideais e valores, seja através dos momentos de prática, como da própria espetacularização do fenômeno, que reverbera também nas pessoas que não estão diretamente envolvidas no ato, por exemplo os espectadores e também os impactos gerados no mercado financeiro.

No cenário esportivo, valores podem ser transmitidos por meio das práticas (GOELLNER, 2005; MARQUES et al., 2007; PORTO et al., 2018). Esses valores são determinados, em sua maioria, por quem detém o poder na sociedade, ou seja, os homens. Com isso, percebe-se como os ideais desse grupo reverberam nesse fenômeno, ao passo que, sustentados pelos padrões de gênero e seus desdobramentos (HILLEBRAND et al., 2008; ANDRES, 2013), há uma delimitação do que seria adequado ou não para as mulheres fazerem na sociedade.

Como percebido historicamente, ser mulher é lutar para conquistar o seu espaço socialmente, de modo que não foram poucos os esforços para conseguirem ocupar espaços e atividades que antes eram dados apenas como masculinos (GOELLNER, 2012). No esporte, essa trajetória não foi simples (GOELLNER, 2012; RUBIO, 2021), e até hoje é possível perceber como as mulheres despendem energia para conseguirem estar onde querem, mesmo que ainda exista resistência.

No Brasil, por 38 anos as mulheres foram impedidas de praticar certas modalidades, pelo simples fato de serem contra a “natureza feminina” (SILVA, 2012). Mas afinal, o que é essa “natureza feminina”? Isso tem relação com o que era/ é atribuído ao ser mulher, além do que era/é socialmente aceito (NOGUEIRA, 2001, SANTOS; FAGGIANI, 2020). É fazer o que acredita e tem vontade? É ter aspectos da feminilidade exaltados? É lutar pelo que acredita? Para certas pessoas e por muito tempo, a mulher detinha o papel de reprodução (FREIRE, 2016; PEREIRA, 2019).

Conforme as mulheres foram conquistando espaços, percebeu-se como os valores e ideais masculinos eram os inscritos nas práticas e condutas sociais. No fenômeno esportivo, por exemplo, o esporte masculino era o padrão (KNIJNIK;

SOUZA, 2004; PEREIRA, 2019). Estranhar a presença feminina nesse meio, o desinvestimento, a desestimulação, a invisibilidade, as desigualdades de oportunidades, entre outros, são alguns aspectos que ilustram como o esporte feminino ainda é visto como algo de menor importância em relação ao masculino, que era visto como sendo o modelo e ideal. Modelo que muitas vezes era o único, como por exemplo, durante o período de proibição do esporte feminino, além de que o termo atleta era vinculado ao imaginário de atleta homem (SANTOS, 2013; BUTLER, 2020).

Essa pesquisa abordou temas de diversas complexidades, mas deve-se assinalar que temas igualmente ricos foram deixados à margem. Questões como orientação sexual, a carreira de mulheres no meio esportivo para além do alto rendimento, as árbitras, dentre outras, surgiram nas conversas, sendo necessários outros campos de discussão para ampliar essas temáticas que também são importantes.

Mesmo em modalidades e localidades distintas, percebeu-se como há questões comuns entre as atletas que atuam no mesmo país. Essas semelhanças podem ser resultado da desvalorização histórica que as modalidades sofreram – e ainda sofrem – e também do impacto de serem mulheres em uma atividade construída por valores e constructos ditos como masculinos, pois estes que acabam detendo socialmente o poder e suas reverberações.

Clara, Cristina, Tamara, Priscila e Helena são apenas cinco das muitas atletas que, em seus cotidianos, mostram como as mulheres podem estar em locais que antes eram vistos como proibidos ou limitados. Entretanto, não são apenas essas cinco que trabalham com condições físicas e materiais adversas e que repercutem em suas subjetividades e modos de ser.

Ser atleta mulher no Brasil é estar em constante afirmação de que merecem estar onde estão e que não é a prática esportiva que determina ou não se é mais ou menos feminina. Ser atleta mulher no Brasil é conquistar espaços que antes não eram possíveis, mesmo sem as condições adequadas e em uma rotina intensa que muitas vezes não é reconhecida. Ser atleta mulher no Brasil é ser cobrada de bons resultados que não dependem apenas dos seus esforços, mas também de investimento e visibilidade. Ser atleta mulher no Brasil é resistência: é um sinal de resiliência pelas que não tiveram a oportunidade de praticar pelo machismo e padrões de gênero dominantes e impostos; mas também de esperança, ao passo que são também referências e modelos para as futuras atletas, além de que ajudam na consolidação

desses esportes e dessas esportistas como sendo relevantes no cenário nacional e internacional. Ser atleta é paixão e dedicação.

Ser atleta pode ser muitas coisas, mas é algo fundamental para as praticantes, ainda mais no alto rendimento. Não é somente o momento da prática, mas o conjunto de valores, relações, reações e conquistas – materiais ou não – que fazem parte desse fenômeno.

Sendo algo tão complexo e de suma importância para as pessoas envolvidas, é dever da Psicologia, para além da Psicologia do Esporte, estar conectada com essa temática. Inicialmente, é preciso romper a ideia ainda presente de que a Psicologia do Esporte está direcionada apenas para o rendimento, como em suas origens (RUBIO, 1999). Ela se relaciona com o fenômeno esportivo, que é atravessado por ideais, valores e relações, dentre outros fatores, e assim, possui um papel na constituição do sujeito, seja enquanto praticante ou espectador(a). Ainda mais, no esporte de alto rendimento, categoria destacada nessa pesquisa, outros elementos puderam ser elencados: a frustração de não saber o que vai ocorrer na carreira; o impacto da alta demanda e performance sobre o corpo e a saúde mental das atletas; a necessidade de estar sempre dando o seu melhor, enquanto tem que abrir mão de coisas que poderiam ser importantes para a sua pessoa, como família, eventos e amizades, etc. Percebe-se então como o esporte é algo presente e que influencia nas atletas, gerando consequências.

Outro aspecto que deve ser destacado na atuação da Psicologia é que essa tem o compromisso em combater as violências e opressões (CFP, 2005). A atuação do(a) profissional precisa levar em conta que a sociedade patriarcal e machista reflete nos diferentes modos de ser. Muitas mulheres são julgadas por fazerem atividades que não condizem com os padrões de gênero estabelecidos para mulheres. Padrões arcaicos e que são fonte de sofrimento para muitas, pois acaba limitando os modos de ser e também enquadrando-as em locais que podem não ser condizentes com as suas vontades.

Essa pesquisa, por mais que seja um recorte, é um meio de ilustrar a realidade e demandas do esporte feminino Brasil. Percebe-se a urgência de um investimento consistente e que garanta a visibilidade das atletas, para além dos momentos de grandes competições. Não apenas para as adultas, mas também para as atletas que surgirão, pois, ao garantir uma base esportiva sólida, além de ser mais fácil a transição para o esporte competitivo e de rendimento, maior o reconhecimento da modalidade

no território nacional, ao passo que o esporte é mais praticado e integrado aos diversos territórios.

É necessário refletir no impacto que uma proibição como o Decreto-Lei 3.199 gera nas pessoas, não apenas para as que vivenciaram, mas também as que colhem as consequências até hoje disso. Não foi apenas uma legislação. Foi a materialização dos ideais sobre o que é ser uma mulher na sociedade. Não podia ser atleta; não podia movimentar o seu corpo; não podia despender energia para além do que lhe concebia, que era a reprodução e criação dos filhos; não podia ser protagonista e estar envolvida em atividades prazerosas. Podia ser mãe e feminina. Feminina, segundo os padrões masculinos. Rompimentos como o que ocorreu com o fim desse Decreto-Lei, 38 anos depois, são importantes, mas ainda geram consequências na contemporaneidade. É reconhecido que as mulheres possuem mais espaços na sociedade, mas, por terem sido por muitos anos limitadas, ainda há certo estranhamento quando ocupam espaços que antes não eram cogitados.

As atletas e pessoas engajadas com essa causa se empenham cotidianamente em fazer com que as modalidades sejam valorizadas. Não só querem que as modalidades sejam valorizadas, mas também as suas pessoas, ao passo que o esporte e ser atleta é uma parte fundamental de suas identidades, e, quando invisibilizam isso, repercute em suas pessoas.

Mas não é só papel delas fazer isso. Pesquisas como essa e outras já feitas contribuem para que mais pessoas tenham acesso ao cotidiano, lutas e conquistas que elas enfrentam diariamente. É um jeito de dar voz e tentar fazer com que mais pessoas reflitam sobre a temática. Por mais que isso tenha sido apenas um projeto de conclusão de curso, ao longo de seu desenvolvimento engajou e mobilizou atletas, pessoas envolvidas na orientação e revisão desse trabalho, e também outras que estiveram presentes em momentos de trocas sobre esse assunto. Destaca-se também a própria autora que, por mais que já tivesse certo interesse e afinidade com a temática, continua percebendo a urgência de dar sequência a esse estudo e outras investigações, de modo que cada vez mais pessoas sejam impactadas por essa temática que ainda é vista como um local masculino e que é “só jogar bola”. É preciso lutar para que cada vez mais as atletas tenham o seu real reconhecimento por todo o esforço, tempo, dedicação e paixão que fazem com que essas modalidades e tantas outras consigam existir em um país no qual o esporte feminino ainda precisa ser mais valorizado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B; DE ROSE JUNIOR, D. Fenômeno esporte: relações com a qualidade de vida. In: **Qualidade de vida: evolução dos conceitos e práticas no século XXI**, [S.l: s.n.], 2010. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/deafa/qvaf/evolucao_cap1.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.

AMÂNCIO, L. O gênero na Psicologia: uma história de desencontros e rupturas. **PSICOLOGIA**, Vol. XV (1), 2001, pp. 9-26. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15147/1/O%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20uma%20hist%C3%B3ria%20de%20desencontros%20e%20rupturas.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ANDRES, S. S. Mulheres e esporte: Handebol em foco. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335567_ARQUIVO_Mulhereseesporte.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

ANJOS, K. P. L; LIMA, M. L. C. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. **Psicologia em Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 49-56, 2016. DOI: <https://doi.org/10.24879/201600100020059>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ANNUNZIATO, F; MENON, L. Reflexões acerca do papel da mulher na liderança esportiva. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 15, marzo 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd154/papel-da-mulher-na-lideranca-esportiva.htm>. Acesso em: 24 abr. 2021.

ATHAYDE, P. F. A; RODRIGUES, D. V. Esporte de alto rendimento no Brasil: uma análise do programa bolsa atleta de 2009 a 2016. **Cadernos de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 1, jan./abr. 2021, p. 25-31. Disponível em: <https://e- revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/24462/17124>. Acesso em: 15 out. 2021.

AYOUCHE, T. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, n. 4, 58-70 · 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v48n4/v48n4a06.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.

BARREIRA, C. Psicologia do Esporte no Brasil: História, Desenvolvimento e Desafios. **Revista diálogos**, ano 14, nº 9, 2018.

BORGES, L. S; CANUTO, A. A. A; OLIVEIRA, D. P; VAZ, R. P. Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. 33, n. 3, p.730-745, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000300016 script=sci_abstract tlng=pt. Acesso em: 16 de abril de 2021.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. Lei no. 11.438 de 29 de dezembro de 2006. **Lei de Incentivo ao Esporte**. Brasília, DF, dez. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2006/Lei/L11438compilado.htm. Acesso em: 09 jan. 2022;

BRASIL. Lei no. 12.852 de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília, DF, ago. 2013a. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. Ministério do Esporte. A prática de esportes no Brasil. **Diagnóstico Nacional do Esporte**, 2013b. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html#:~:text=A%20pesquisa&text=Ao%20to do%2C%20foram%20realizadas%208.902,entre%2014%20e%2075%20anos>. Acesso em: 05 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 3a. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL, Lei nº. 13.146 de 6 de julho de 2015. **Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde – CNS. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 521-532, abr./jun. de 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48156/34234>. Acesso em: 02 abr. 2021.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul.-dez, 2013, 179-191. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

CAMILO, J. A. O; ROTH, A. P; RAUCCI, G. Z; RUBIO, K. Entre o cuidado e o mercado: os sentidos do COVID-19 para professores de lutas. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE**, v. 10, p. 15-32, 2020.

CAMILO, J. A. O; ROTH, A. P; PANFILI, A. B. V; RAUCCI, G. Z. Atletas brasileiros e a covid-19: entre a saúde e o trabalho. In: Mary Jane Spink; Mariana Prioli Cordeiro;

Jacqueline I. Machado Brigagão; Cláudia Malinverni. (Org.). **Covid-19: versões da pandemia nas mídias**. 1ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021, p. 339-365.

CAMPOS, C. J. G. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília (DF), 2004, set/out; 57 (5): 611-614. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

CAMPOS, R. C; CAPELLE, M.C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira; **Rev. Bras. Orientac. Pro.** Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 31-41, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902017000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 set. 2021.

CARVALHO, A. M. A. O que é “social” para a Psicologia?. **Temas em Psicologia**, v. 2, n. 3, dez/1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n3/v2n3a02.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

CAVALCANTE, R. B. et al.. ANÁLISE DO CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta da pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo/cavalcante_calixto%20e%20Opinheiro%20analise%20se%20conteudo_pdf_ba8d5805e9_0000018457.pdf. Acesso em: 23 maio 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO**. Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A Psicologia brasileira apresentada em números. Somos um total de 423.107 psicólogas (os). In: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. [S. l.], 25 abr. 2022. Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 1 maio 2022.

COSTA, C. F. T.; COSTA, A. C. S. VARGAS, M. M. O que é ser jogador de futebol? Autoconceito de atletas do futebol sergipano. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 8, n. 2, p. 76-88, 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/9601/5927>. Acesso em: 07 abr. 2021.

COSTA, M. M. ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: produção social da modernidade – o caso do vôlei de praia. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 35-69, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/fMSJXjqbq4WLbZJ48Qswb6f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

COUTO, M. T; BARBIERI, C. L. A; MATOS, C. C. S. A. Considerações sobre o impacto

da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **Saúde e Sociedade** [online], v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200450>. Acesso em: 07 maio 2022.

COZAC, J. R. L. O que é a Psicologia do Esporte?. In: COZAC, J. R. L. **Temas em Psicanálise no Esporte**. Curitiba: CRV, 2020. ISBN 978-65-5578-799-3

DE JESUS, G. M. A GEOGRAFIA E OS ESPORTES: UMA PEQUENA AGENDA E AMPLOS HORIZONTES. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 46, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638029>. Acesso em: 7 maio. 2022.

DI PIERRO, C. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100003#:~:text=Nos%20anos%201920%20e%201930,o%20Brasil%20numa%20competi%C3%A7%C3%A3o%20ol%C3%ADmpica. Acesso em: 24 abr. 2021.

FREIRE, P. F. M. **Atleta: substantivo feminino**. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Brandão. 2016. 91 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Minho, 2016. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/46697/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Paula%20Freire.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FREITAS, M. A. Futebol e construção da subjetividade masculina: leitura da psicologia social. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/9263/5527>. Acesso em: 07 abr. 2021.

GLOBO ESPORTE. Capixabas Luana e Carol conquistam a Libertadores Feminina 2020 com a Ferroviária. **Globo Esporte**: 22/03/2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/es/futebol/noticia/capixabas-luana-e-carol-conquistam-a-libertadores-feminina-2020-com-a-ferroviaria.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GODOY, A. S. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995, p. 57-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87003/000704815.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 abr. 2021.

GOELLNER, S. V. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPwMhS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2021.

HEILBORN, M. L; RODRIGUES, C. Gênero: breve história de um conceito. **APRENDER – Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação**, Vitória da Conquista, ano XII, n. 20, p. 9-21, jul/dez. 2018. ISSN online: 2359-246X

HILLEBRAND, M. D; GROSSI, P. K; MORAES, J. F. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 4, pp. 425-430, out./dez. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1522/3832>. Acesso em: 23 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Práticas de esporte e atividade física**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. QUANTIDADE DE HOMENS E MULHERES. **IBGEeduca**, 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 07 maio 2021.

KAFROUNI, R. S. ENTREVISTA - SUBJETIVIDADE E FENÔMENOS SOCIAIS. Entrevista concedida a PESCAROLO, J. K. **Revista PsicoFAE**, v. 4, n. 1, p. 7-10, 2015. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/52/34>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LATTANZIO, F. F, RIBEIRO, P. C. NACIMENTO E PRIMEIROS DESENVOLVIMENTOS DO CONCEITO DE GÊNERO. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 3. Pp. 409-425, set-dez/2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n3/02.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

KNIJNIK, J. D; SOUZA, J. S. S. Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira; In: SIMÕES, A. C; KNIJNIK, J. D (orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 191-212). Disponível em: <http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/MIDIAGENEROESPORTE.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2021

MAGALHÃES, J. C. Mulheres no esporte: o começo do portal ESPNW no Brasil. **Revista Didática Sistemica**, v. 21, n. 1, p. 66-84, 2019. Disponível em: <https://seer.furg.br/redsis/article/view/9425/7436>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARCHI JR, W. O ESPORTE “EM CENA”: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E INTERPRETAÇÕES CONCEITUAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO ANALÍTICO. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 46-67, 2015.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, setembro/dezembro de 2007. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3580>. Acesso em: 18 abr 2021.

MEIRA, T. B; BASTOS, F. C; BÖHME, M. T. S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.251-62, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/j8Pz69DZXvcvSZchsDQS6CD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 set. 2021.

MELO, G. F. DE; GIAVONI, A.; TRÓCCOLI, B. T. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 3, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/t6qmcyZLcMyyk9M4xY3MjZp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MELO, G. F; CIRINO, G; RABELO, I. S. Tempo de ressignificar a vida: transição de carreira de mulheres atletas. In: RUBIO, K (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo: Laços, 2021.

MENEGHEL, G. A. B; MILIOLI, B. B; ROLT, G. P. ESPORTE COMO PRODUTO DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: A EXPANSÃO DO CAPITAL E IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, Criciúma, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/56/28>. Acesso em: 24 set. 2021.

MOURA, G. X.; TASCA, L. C. Gênero, corpo e a legislação esportiva brasileira. **Anais do VI Simpósio Gêneros e Políticas Públicas**, v. 6, p. 559-576, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p559>. Acesso em: 04 abr. 2021.

NOGUEIRA, C. Feminismo e “Discurso” do Gênero na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 13, n. 2, 2001. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2021.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, 2008, 117-125. DOI: <http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v16i2.1133>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133>. Acesso em: 02 abr de 2021

PASSARELLI, A. C. P. M.; MIRANDA, R. L. Gênero e psicologia na História da Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 698-704, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2014.12667>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PEREIRA, A. B. A mulher e o esporte: do desafio da desigualdade ao desacerto com as questões de gênero. In: RUBIO, K.; CAMILO, J. A. C. (Orgs.). **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Laços, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/333486343_Psicologia_Social_do_Esporte/links/5cefecec92851c4dd01ba9e6/Psicologia-Social-do-Esporte.pdf#page=39. Acesso em: 14 abr. 2021.

PEREIRA, G; CONDE, P. R. **Teste de gênero acende debate antes das Olimpíadas, e Érika Coimbra quebra silêncio**. GLOBO ESPORTE, 31 jan. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/teste-de-genero-acende-debate-antes-das-olimpiadas-e-lenda-do-volei-quebra-silencio-me-livre-do-medo-e-da-dor.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2022.

PIRES, B. Seleção começa a reparar descaso histórico com futebol feminino. **El País**. São Paulo, 03 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-09-03/selecao-comeca-a-reparar-descaso-historico-com-futebol-feminino.html?rel=listaapoyo>. Acesso em: 15 out. 2021.

PORTAL BRASIL. Mulheres brasileiras tiveram de derrubar a exclusão para entrar na história do esporte. **Portal Brasil**, 08/03/2016. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160528142155mp_/https://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/mulheres-brasileiras-tiveram-de-derrubar-a-exclusao-para-entrar-na-historia-do-esporte#wrapper. Acesso em: 04 jun. 2021.

PORTO, N. N.; COUTO, R. N.; SANTOS, M. L. P.; VIANA-MEIRELES, L. G. Percepção do significado de esporte para atletas e não atletas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 8, n. 2, p. 17-19, 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/9478/5925>. Acesso em: 07 abr. 2021.

PUSSIELDI, A. O fim do Ministério do Esporte: Composição governamental declara fim da pasta. **SPORTV**, 31 out 2018. Disponível em: <https://sportv.globo.com/site/blogs/blog-do-coach/post/2018/10/31/o-fim-do-ministerio-do-esporte.ghtml>. Acesso em: 26 dez. 2020.

RAITER, G.; WIGGERS, G.; OELKE, S. A. As questões sociais do esporte. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, año 15, nº 166, marzo 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd166/as-questoes-sociais-do-esporte.htm>. Acesso em: 18 abr 2021.

RODRIGUES, C. A. A mulher atleta: feminilidade e desvalorização. Uma breve revisão. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 19, Nº 201, Febrero de 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carolina-Rodrigues-7/publication/281064827_A_mulher_atleta_feminilidade_e_desvalorizacao_Uma_breve_revisao/links/581b710a08ae12715aefde80/A-mulher-atleta-feminilidade-e-desvalorizacao-Uma-breve-revisao.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021.

RUBIO, K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 19, nº 3, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/9Fd3JQFVmtmqsq5vKkMn5Jr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2021.

RUBIO, K. Rendimento esportivo ou rendimento humano?: O que busca a da psicologia do esporte?. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 1, fev. 2004. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 set. 2021.

RUBIO, K. (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo, SP: Laços, 2021. ISBN 978-65-89694-01-4

RUBIO, K.; CAMILO, J. A. C. Por quê uma Psicologia Social do Esporte. In: RUBIO, K.; CAMILO, J. A. O. **Psicologia Social do Esporte**. São Paulo: Laços, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/333486343_Psicologia_Social_do_Esporte/links/5cefecec92851c4dd01ba9e6/Psicologia-Social-do-Esporte.pdf#page=11. Acesso em: 17 abr. 2021

RUBIO, K.; VELOSO, R. C. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/162617/156456>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Comportamento Social, Produção agregada e Prática Cultural: Uma Análise Comportamental de Fenômenos Sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26, n. 1, jan.-mar. 2010, pp. 183-192. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a20v26n1.pdf>. Acesso em: 05 maio 2021.

SANTOS, F. M. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, mai. 2012. Resenhas. ISSN 1982-7199. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>. Acesso em: 23 maio 2021.

SANTOS, H. M. A importância de discutir gênero na Psicologia. In: ANDRADE, D. S. V.; SANTOS, H. M. (Orgs.). **Gênero na psicologia: articulações e discussões**. Salvador: CRP-03, 2013. Disponível em: <https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Genero-na-Psicologia-articulacoes-e-discussoes.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SANTOS, T. C.; FAGGIANI, F. T. ENTRE CONCESSÕES E RESISTÊNCIAS: AS MULHERES E A PSICOLOGIA DO ESPORTE. In: DENEGA, A. M. O. et al. (org.). **Gênero na psicologia: transversalidades**. Salvador: CRP-03, 2020, p. 97-112. Disponível em: <https://www.crp03.org.br/wp-content/uploads/2021/02/genero-na-psicologia-transversalidades.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, 71-99, 1995.

SILVA, R. C, et al. O USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA FERRAMENTA PARA A PESQUISA QUALITATIVA: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DO MÉTODO. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, vol. 7, núm. 1, 2005, pp. 70-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, G. C. FUTEBOL FEMININO: PROIBIDO PARA QUEM? UMA ANÁLISE DE

DUAS REPORTAGENS SOBRE O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO PERÍODO ANTERIOR A SUA REGULAMENTAÇÃO COMO ESPORTE. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373220892_ARQUIVO_FG10textocompletoversaofinal.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

TIRADENTES, L. Geografia dos Esportes: apontamentos para o ensino médio. **Revista Ponto de Vista**, v. 9, n. 2, p. 20–36, 2020. DOI: 10.47328/rpv.v9i02.10435. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10435>. Acesso em: 7 maio. 2022.

APÊNDICE 1 – QUADRO COM AS CATEGORIAS

Quadro 1: Síntese das categorias e unidades de sentido.

Categorias	Unidades de sentido
Cenário esportivo no Brasil	Regionalismo Paralelo com outros países Pandemia
Condições de prática	Rotina Competições Estrutura Custos
(In)visibilidade	Desvalorização do esporte feminino Mídias
Psicologia do Esporte	Trabalho mental Estratégias/mecanismos defensivos
Proibição	Impacto da proibição Conhecimentos sobre a proibição “Natureza” das atletas Paralelo com o esporte masculino
Ser atleta	Entrada na modalidade Paixão Dedicação Trabalho Reconhecimento Oportunidades Responsabilidades Esporte coletivo
Futuro do esporte	Categorias de base Projetos sociais Lutas

Fonte: elaborado pela autora.